

HÉRCULES

menelaos stephanides

traduzido por **Marylene Pinto Michael**

ODYSSEUS

MITOLOGIA HELÊNICA

Hércules

Recontado por Menelaos Stephanides

Tradução: Marylene Pinto Michael

Revisão Técnica e Notas: Luiz Alberto Machado Cabral

Quarta Edição

Primeira Edição Digital 2016



Hércules

Título Original: ΗΡΑΚΛΗΣ
Autor: Menelaos Stephanides
Editor: Stylianos Tsirakis
Tradução: Marylene Pinto Michael
Revisão Técnica e Notas: Luiz Alberto Machado Cabral
Revisão: Natália Viana Rodrigues
Revisão Final: Pedro Ulsen
Projeto gráfico: Isabella Lotufo
Conversão Digital: Tiago Cirilo
Ilustrações: Iannis Stephanides

Todos os direitos desta edição reservados à:
© 2000 Odysseus Editora Ltda.

Odysseus Editora Ltda.
Rua dos Macunis, 495 - CEP 05444-001
Tel./fax: (11) 3816-0835
e-mail: contato@odysseus.com.br

www.odysseus.com.br

ISBN: 978-85-7876-053-3

Quarta Edição
Primeira Edição Digital: 2016

Heróis

Homens fortes, intrépidos e belos de alma, mente e corpo; mesmo que não tenham sido assim, da maneira como queria a fantasia humana naqueles tempos antigos e míticos, de todo modo eles existiram.

Sempre houve e sempre haverá heróis, pois enquanto houver covardia, haverá também bravura; enquanto houver maldade, haverá também virtude; enquanto houver mesquinhez, haverá também grandiosidade. O mal gera o bem, assim como o inverno traz a primavera. Os homens simples adoram os heróis, acreditam neles e com isso adquirem força. E essa é a força que impele para frente as gerações humanas.

Sumário

NASCE UM HERÓI

A História do nascimento de Hércules
Hércules torna-se adulto
Com a Virtude e o Prazer
A guerra contra Orcômeno
A loucura de Hércules

OS DOZE TRABALHOS

A serviço de Euristeu
O primeiro trabalho: O Leão de Nemeia
O segundo trabalho: A Hidra de Lerna
O terceiro trabalho: As aves do lago Estínfalo
O quarto trabalho: O Javali de Erimanto
O quinto trabalho: A corsa cerinita
O sexto trabalho: Os estábulos de Áugias
O sétimo trabalho: O Touro de Creta
O oitavo trabalho: Os cavalos de Diomedes
O nono trabalho: O cinto de Hipólita
O décimo trabalho: O gado de Gérion
O décimo primeiro trabalho: os pomos das Hespérides
O décimo segundo trabalho: Cérbero

UM HERÓI DE TODOS OS TEMPOS

Hércules derrota Caronte
Hércules compete por Íole
Ífito
Hércules serve Ônfale
Os Cercopes
A luta com Aqueloo por Dejanira
Hércules arrasa Troia
A batalha contra os Gigantes
A vingança de Nesso
Hércules ascende ao Olimpo

QUEM É O VERDADEIRO HÉRCULES?

Mitologia Helênica (por Antonio Medina Rodrigues)

Hércules (por Antonio Medina Rodrigues)

Sobre o autor

Coleção Mitologia Helênica



NASCE UM HERÓI

A História do nascimento de Hércules

Naqueles dias longínquos, quando se acreditava no imenso poder de Zeus sobre todos os deuses e homens, vivia nas terras da Hélade(1) um herói que os mortais admiravam e amavam mais que aos próprios deuses. Seu nome era Hércules, e seus feitos, maiores em quantidade e ousadia do que tudo que se pudera ver antes.

Sendo tão extraordinária figura, Hércules não se conteve nos estreitos limites de uma única e específica região: tornou-se o herói de toda a Grécia e, mais que isso, a emblemática expressão heroica dos anseios de todos os helenos.

Como se sabe, naquela época a Grécia era composta por pequenas cidades-estado que viviam a guerrear umas contra as outras; o resultado era a ruína e o desespero. Ao lado disso, porém, visto que todos os povos da Hélade falavam a mesma língua, reverenciavam os mesmos deuses e compartilhavam o mesmo amor pela vida, pouco a pouco, imaginaram-se unidos num só Estado.

Tratava-se apenas de um desejo, está claro, mas é justamente desse sonho de paz que fala a linguagem da mitologia, com enorme beleza, ao narrar o nascimento de Hércules.

Naqueles tempos, os homens atribuíam os rumos de todas as questões importantes aos desígnios dos deuses do Olimpo. Sentiam, por exemplo, que o próprio Zeus queria ver unidos os Estados helênicos e, em nome disso, teria decidido gerar um filho – Hércules – que cresceria para ser um herói munido dos poderes necessários à realização desse desejo.

A cidade em que deveria reinar não era outra senão a dourada Micenas, a mais rica e poderosa de todas, fundada por um grande herói também nascido de Zeus: Perseu.

Depois da morte de seu fundador, Micenas viu subir ao trono Eléctrion, filho de Perseu e pai de nove homens e de uma mulher, chamada Alcmene. Alta e imponente, ela era a mais formosa e sábia do mundo. Suas tranças grossas e sedosas emolduravam um rosto encantador, seus longos cílios escuros adornavam olhos grandes e expressivos. A filha de Eléctrion tinha todas as graças naturais que predestinavam uma mulher a ser mãe de heróis. E, se Zeus fosse o pai da criança, ela certamente daria à luz o maior deles. Assim, dentre todas as mulheres, mortais e imortais, Alcmene foi escolhida para ser a mãe de Hércules.

Zeus já estava casado com Hera. Mas aos homens importava muito ver nos heróis e grandes líderes filhos de algum deus e, além disso, certos reis gostavam

de se vangloriar de sua origem divina. Então, para os gregos antigos, parecia natural que os deuses gerassem filhos em toda mulher que lhes agradasse. Em todo caso, diz-se que depois do nascimento de Hércules nunca mais uma mortal concebeu um filho de Zeus.

Nessa história, assim como em outras ocasiões, Zeus usou de astúcia para atingir seu objetivo e teve de esperar bastante tempo até que uma oportunidade se configurasse.

Vejamos como tudo se deu desde o início.

Eléctrion tinha prometido sua mão de sua filha, Alcmene, a Anfítrion, rei de Tirinto. Porém, uma tragédia se abateu sobre Micenas, e as bodas foram adiadas. Os nove irmãos de Alcmene morreram na batalha contra os temíveis teléboas (uma raça de homens com voz de trovão), que tinham tomado todos os rebanhos de Eléctrion e planejavam colocar seu próprio rei no trono da cidade. Sem êxito em seus planos, os teléboas se viram obrigados a dar o gado para Polixeno, rei da Élida, que se encarregaria de escondê-lo. Mas Anfítrion o descobriu e, querendo ajudar seu futuro sogro, comprou os animais e os reconduziu a Micenas.

Para sua surpresa, Eléctrion ficou furioso.

– Que direito tem Polixeno de vender animais roubados e como você pôde concordar com um negócio vergonhoso como esse? – gritou enfurecido.

– Por todos os deuses! – exclamou Anfítrion. – Eu só estava tentando ajudá-lo! Eu preferia ver seus rebanhos nas profundezas dos infernos a ver homens perecerem por causa deles! – e, exasperado, arremessou sua clava no meio dos animais.

Apenas um momento de fúria, e o resultado afigurou-se uma tragédia que jamais pôde ser desfeita. Ao dar nos chifres de um touro, a clava ricocheteou, bateu na cabeça de Eléctrion e o jogou ao chão, morto.

Depois desse infortúnio, Estêleno, irmão de Eléctrion, sucedeu-o no trono de Micenas; e Anfítrion, abalado pela dor do mal que causara involuntariamente, renunciou a tudo que possuía, inclusive o reinado de Tirinto (que acabou tomado por Estênelo), e partiu para Tebas, onde reinava Creonte.

Diga-se que, nem por um momento, Anfítrion deixou de amar Alcmene e, por fim, enviou um homem a Micenas com a missão de implorar que ela o perdoasse e perguntar-lhe se, apesar de tudo, ainda desejava o casamento.

Foi aí que Zeus pôs na mente de Alcmene a resposta que serviria a seu propósito.

– Concordo em me casar com Anfítrion – disse Alcmene ao mensageiro –, mas

com a condição de que, terminados os ritos nupciais, ele trave guerra contra os teléboas e vingue a morte de todos os meus irmãos. Esse desejo não é apenas meu; estou certa de que também assim o quer meu falecido pai.

Anfítrion estava disposto a fazer qualquer coisa por Alcmene e não vacilou em atender à exigência. Mas, com que exército? Ele não tinha mais suas tropas... Apelou, então, a Creonte, rei de Tebas, mas este respondeu:

– Darei o exército que me pede, mas só se você libertar Tebas da raposa de Têumesso.

Ora, a raposa de Têumesso era um animal sanguinário, que espalhava a destruição nas vizinhanças de Tebas. Para conter sua selvageria, os tebanos eram obrigados a entregar-lhe, todos os meses, uma criança do sexo masculino para ser devorada, como decretara o oráculo. Isso era um sacrifício terrível e parecia impossível matar a raposa, pois estava escrito que nenhum homem ou animal seria capaz de superar sua velocidade e agarrá-la. Como se isso não bastasse, a raposa estava sob a proteção de Possêidon, o deus do mar.



Anfítrion, quase em desespero, finalmente recebeu ajuda de Céfalo, rei de Atenas, que lhe emprestou Lélape, um cão cujos poderes dados pelos deuses asseguravam-lhe jamais perder sua presa.

– Mas traga-o de volta assim que puder – pediu o rei. – Lélape é um animal sagrado. Foi um presente de Zeus para Europa, filha de Agenor.

Anfítrion pegou o cão e saiu a perseguir a tal raposa. Lélape logo identificou-lhe o cheiro e começou a caçá-la.

Assim, a raposa que nunca poderia ser capturada e o cão que nunca perderia sua presa entraram numa luta selvagem. Qual dos dois venceria? Aquilo era um problema não só para Anfítrion e os tebanos, mas também para os próprios deuses, que tiveram de se reunir e examinar o caso.

Se Lélape pegasse a raposa, de que serviriam as palavras escritas pelas moiras? (2) Sem falar no fato de que todas elas temiam a ira do protetor, Possêidon. Por outro lado, se o terrível animal escapasse, de que valeria o dom de Lélape? Quanto aos deuses, ousaria algum deles resistir à vontade de Zeus, que certamente exigiria a vitória de Lélape? Enfim, o próprio Zeus encontrou uma solução de seu agrado e de aceitação geral: ambos, Lélape e a raposa de Têumesso, transformaram-se em estátuas de pedra.

Portanto, Anfítrion não pôde devolver o cão sagrado a Céfalo; mas compensou-o sobejamente por isso, doando-lhe uma das ilhas que mais tarde tomou dos teléboas – agora conhecida como Cefalônia, nome originário de seu novo rei, Céfalo.

O que mais importava, afinal, era Tebas ter se livrado de seu sacrifício de sangue, e, com isso, Anfítrion obteve aquilo de que precisava – não apenas um exército, mas um grupo de soldados dispostos a servir e a oferecer suas vidas ao salvador das crianças de Tebas. Só então Anfítrion pôde cumprir a promessa feita a Alcmene.

As bodas foram celebradas, mas só celebradas, pois tão logo terminou a cerimônia, Anfítrion disse adeus a sua noiva e assumiu o comando da luta contra os teléboas.

Alcmene voltou ao palácio, trancou-se em seu quarto e esperou pela volta do marido, a quem ela mesma mandara para a guerra, embora o amasse de todo o coração.

Todas essas coisas aconteceram pela vontade do poderoso Zeus, senhor dos deuses e dos homens: seus planos seriam postos em execução.

Depois de Alcmene ficar sozinha alguns dias, Zeus tomou a forma de Anfítrion, abriu a porta do quarto da jovem noiva e se precipitou, exclamando entusiasticamente:

– Vitória! Uma grande vitória! Esmagamos os teléboas! – e, com uma expressão de grande júbilo, tomou-a nos braços e a beijou. Depois contou-lhe

toda a história da batalha de que teria participado, engenhando relatos vívidos de feitos corajosos!

Aqueles detalhes deram o toque final à dissimulação. Convencida de que aquele homem era seu marido, Alcmene abraçou Zeus sem a menor desconfiança e passou uma longa noite de felicidade com ele – não foi uma noite como as outras, mas uma noite que durou três noites seguidas. Tal foi o desejo do poderoso Zeus.

Para conseguir isso, ele convocara Hermes e mandara que voasse até Hélios, o Sol, informando-o de que, por ordem de Zeus, devia ficar em seu palácio brilhante o dia inteiro, sem cumprir sua habitual jornada pelos céus.

Feito isso, Zeus enviou Hermes até as Horas, de modo a impedi-las de aprontar os cavalos alados e o deslumbrante carro de Hélios, uma vez que, assim feito, mesmo que não quisesse, o deus do dia se veria resignado a obedecer.

De bom ou de mau grado, Hélios deixou de fazer seu trajeto diário pela face da Terra e permaneceu em seu palácio, resmungando:

– Ora, como andam as coisas! Era melhor quando o grande Cronos comandava. Naquela época, pelo menos, sabíamos a diferença entre o dia e a noite, e ele não deixava sua esposa para sair correndo atrás de aventuras em Tebas!

Mas Zeus ainda não tinha terminado de dar suas ordens a Hermes, e o mensageiro dos deuses foi, em seguida, até Selene, a Lua, ordenar-lhe que prolongasse sua permanência no céu. A Lua, como seu irmão, o Sol, não teve escolha senão acatar a ordem.

Por fim, Hermes foi até Hipnos, o deus do sono, e disse-lhe que, por decreto de Zeus, ele deveria fazer todos os homens caírem num sono profundo. Essa ordem também foi cumprida e, por isso, ninguém no mundo suspeitou de que o sono de uma noite tinha durado três.

Finalmente rompeu o novo dia. Zeus desapareceu e, um pouco mais tarde, o Anfítrion real entrava em cena.

Todo entusiasmado por ter voltado vitorioso, correu para abraçar a noiva. Mas ela, como era natural, não mostrou grande alegria ao vê-lo.

– Mas você não está contente em me ver? – perguntou Anfítrion, aturdido.

– Por que eu deveria estar? – respondeu Alcmene. – Estivemos juntos a noite toda, não estivemos?

Anfítrion ficou confuso com essa resposta, mas estava tão excitado com sua vitória e por estarem juntos que não se deteve a pensar. Em vez disso, começou a descrever detalhadamente a grande batalha e o papel heroico que tinha desempenhado nela.

– Grandes façanhas, estou certa, meu marido – disse Alcmene –, mas não vejo razão para que você as conte repetidamente!

Anfítrion não pôde acreditar no que ouvia. Contudo, nada disse a Alcmene. Seguiu ao oráculo de Delfos, procurando explicação para as estranhas observações da esposa.

Lá ficou sabendo o que acontecera em sua ausência e também que, no devido tempo, sua mulher daria à luz dois filhos, um dos quais seria de Zeus e estaria destinado a ser o mais poderoso herói de toda a Grécia.

Passaram-se nove meses, até que, uma noite, quando os deuses estavam comendo e bebendo nos brilhantes salões do Olimpo, Zeus levantou-se da mesa e anunciou:

– Imortais, ouçam minhas palavras. Minha alegria nesta hora é tão grande que eu não posso mais guardar meu segredo. A primeira criança da linhagem de Perseu a nascer esta noite é meu filho. Ela se transformará no maior herói jamais visto antes, e todas as pessoas da Grécia se curvarão diante de sua vontade. Hércules será o seu nome.

Quando ouviu essas palavras, Hera ficou doida de ciúme. Mais uma vez seu marido tinha gerado uma criança em outra mulher! Não se conteve e sussurrou algo no ouvido da ardilosa deusa Ate, que estava sentada a seu lado, depois virou-se para Zeus e retrucou:

– Como de costume, você promete muitas coisas quando bebe, mas na manhã seguinte já esqueceu e nada do que disse acontece. Desta vez, quero que jure solenemente diante de todos nós que a primeira criança da linhagem de Perseu a nascer esta noite será realmente o grande herói de que falou e que todas as pessoas da Grécia se curvarão diante de sua vontade.

Sem hesitar um só momento, sem suspeitar de nada, Zeus fez um juramento que nunca poderia ser quebrado.

– Sim – ele falou alto e em bom som –, juro pelas águas sagradas do Estige(3) que será como eu digo!

Quando Hera ouviu o juramento do marido, sorriu maliciosamente. Acontece que, em Micenas, Nicipe, mulher de Estênelo, esperava um filho, e seu marido, assim como o pai de Alcmene, era filho de Perseu. Nicipe estava grávida havia apenas sete meses, mas isso não se afigurou um problema para Hera. Ela ordenou a Ilítia, deusa dos partos, que corresse a Tebas, prolongasse o trabalho de parto e as dores de Alcmene e, depois, fosse diretamente a Micenas, para trazer o filho de Nicipe a este mundo antes do tempo.

As ordens de Hera foram cumpridas ao pé da letra e, assim, a despeito dos bem

engendrados planos de Zeus, a primeira criança da linhagem de Perseu a nascer naquela noite foi Euristeu de Micenas, uma criatura tímida, fraca, empurrada para o mundo dois meses antes do tempo. Uma hora depois nasceu Hércules, seguido imediatamente por outro menino, Íficles, gerado por Anfítrion.

Logo depois do nascimento de Hércules, Hera apresentou-se diante de Zeus.

– Acho que vou desapontá-lo! – ela disse com sarcasmo. – A primeira criança da linhagem de Perseu que veio a nascer nesta noite não foi seu filho, mas sim Euristeu, filho de Estênelo, rei de Micenas. E, de acordo com seu juramento, será Euristeu quem mandará, e Hércules o obedecerá.

Zeus ficou mudo de tão furioso. Todos os seus maravilhosos planos haviam malogrado. Era essa a terrível verdade – Euristeu mandaria e Hércules obedeceria. Zeus mesmo jurara isso, pelas águas sagradas do Estige.

Desse modo, Hera burlou o grande senhor dos deuses e dos homens, e o anseio de gerações continuaria sendo um mero sonho, porque Euristeu, desgraçadamente, não parecia de fato capaz de se tornar o verdadeiro líder de toda a Grécia.

A raiva de Zeus era imensa. Ele nem podia imaginar como caíra em tal armadilha. Mas, quando pôs os olhos em Ate, compreendeu tudo: ela turvara seu raciocínio e o pegara desprevenido; sem dúvida pagaria por isso! Agarrando a deusa pelos cabelos trançados, Zeus arremessou-a para fora do Olimpo com uma força tremenda. Desde aquele dia, a ardilosa Ate passou a viver na terra, entre os homens e as mulheres. E todas as ações desleais dos mortais são atribuídas a sua insidiosa influência. Até hoje, na língua grega, a palavra para significa “aquilo que vem de Ate”.(4)

Depois de sua reação, Zeus dirigiu-se aos outros deuses e disse:

– Ai de mim, fiz um juramento sagrado e não posso voltar atrás. Hércules não se tornará o grande líder de que a Grécia há tanto tempo necessita. Em vez disso, ele passará por tanta dor e sofrimento que até me angustia pensar nisso. Mas ele também realizará doze grandes trabalhos e muitos outros feitos maravilhosos, e será exaltado e admirado como nenhum outro deus ou homem jamais foi. E, quando sua vida na Terra chegar ao fim, será recebido no Olimpo. Tornar-se-á imortal e a própria Hera o aceitará como seu igual, fazendo as pazes com ele.

Mas Hera, ouvindo isso, disse a si mesma:

– Que tolo é Zeus em pensar que algum dia eu me reconciliarei com o filho de Alcmene! Isso nunca acontecerá, pela simples razão de que Hércules não viverá. Tomarei providências para que ele morra enquanto ainda é um bebê – agora, enquanto é mais fácil.

Mas, diferentemente do que previa, Hera dificultou seus próprios planos.

Num certo anoitecer, Zeus implantou na mente de Alcmene o temor de que Hera, sua esposa, viesse a fazer algum mal ao infante Hércules naquela mesma noite. Para proteger seu filho da cólera da deusa, Alcmene tirou o pequeno Hércules do palácio e o deixou num local isolado, fora dos muros de Tebas, pedindo que Atena o protegesse.

Agindo sob as ordens de Zeus, Atena levou Hera para passear nos arredores da cidade e, fazendo parecer uma mera coincidência, conduziu-a exatamente ao lugar onde Hércules fora deixado.

Quando Hera viu a criança, disse muito surpresa:

– Um bebê sozinho neste desamparo! E que gracinha ele é! Nunca vi uma criança assim tão sadia e adorável!

Olhando Hera de soslaio, Atena acrescentou:

– E quem sabe há quantas horas não estará aqui abandonado. Quanta maldade há no mundo! Venerável deusa, você tem leite. Por que não lhe dá um pouco? Ele deve estar com muita fome!

Hera, com boa vontade, ofereceu seu seio ao bebê, mas Hércules sugou-o com tal força e a machucou tanto que ela o afastou bruscamente, deixando esguichar seu leite no céu escuro. E assim foi criada a via láctea.(5) Mas não foi só isso que aconteceu. Quando Hércules tomou o leite de Hera, tornou-se imortal: em vez de destruí-lo, como planejara, a deusa o fizera indestrutível.

Hera e Atena estavam prestes a ir embora, quando ouviram passos.

– Vamos nos esconder – sugeriu Atena – e ver quem se aproxima.

Então apareceu Alcmene, apressada para pegar seu filho. Hera mordeu os lábios, pálida de raiva. Agora compreendia o acontecido. Assim como enganara Zeus, via-se por ele ludibriada. Ela sabia que não podia dizer nada, mas olhou para Alcmene, mais encantadora que uma deusa, à luz da Lua, e seu ciúme redobrou-se – e, com ele, sua determinação de destruir Hércules. Se podia lhe dar a imortalidade, podia muito bem tomá-la de volta.

A partir daí, Zeus confiou a Atena a tarefa de proteger o pequeno Hércules, e a deusa da sabedoria fez tudo que estava a seu alcance para ajudar a criança. Ela mandou sua coruja, o pássaro da sabedoria, velar o berço do menino, que, assim, adquiriu novos saberes a cada dia, a cada hora, sempre protegido pela ave atenta. Esta o guardava de todos os perigos e o abanava com suas asas nas noites quentes do verão.

Os gêmeos de Alcmene dormiam dentro de um escudo suspenso, o qual pertencera ao rei dos teléboas e fazia parte do butim que Anfítrion trouxera da

batalha. Os dois irmãos brincavam frequentemente ali dentro, enquanto o escudo se balançava no ar; mas Hércules tinha tanta energia que um dia empurrou Íficles pela borda do berço. Alcmene ouviu seus gritos e correu a ver o que acontecera. Felizmente Íficles não se machucara. De todo modo, para ficar tranquila, a rainha abaixou o escudo e, a partir desse dia, deixou-o no chão.

Mas a real medida da força do pequeno Hércules não se revelou até a primeira ameaça engenhada por Hera.



A oportunidade surgiu numa noite em que a coruja saiu de seu posto para punir um rato que estragara o bordado mais fino de Atena. Ao sair, naturalmente, a coruja advertiu Alcmene que tomasse conta de seus filhos; ela, então, pôs doze moças robustas para vigiá-los até que a sábia ave voltasse.

As criadas ficaram bordando no quarto das crianças. Porém, antes de começar a amanhecer, com as cabeças pendendo para a frente e os queixos encostando no colo, foram sendo vencidas pelo sono, uma a uma.

A última delas mal começava a cochilar quando pela porta entreaberta, deslizaram duas serpentes enormes enviadas por Hera numa missão assassina. A luz da Lua, através da janela, iluminava os bebês, e as duas serpentes dirigiram-se para o berço.

Mas o ruído de seu rastejar bastou para despertar o pequeno Hércules. Ele as

viu de imediato e, pondo-se de pé prontamente, preparou-se para enfrentar o perigo que o ameaçava. Seu movimento súbito acordou Íficles, que bateu os olhos nas serpentes e começou a gritar de pavor. Seus gritos acordaram as criadas, que, ao verem as duas enormes serpentes, saíram correndo do quarto, gritando por socorro. Alcmene ouviu os gritos e acordou Anfítrion. Os guardas se alvoroçaram e logo todo o palácio se agitou. Com a espada na mão, Anfítrion entrou rapidamente no quarto das crianças, seguido pela esposa e por uma porção de soldados. A cena com que se depararam foi absolutamente inacreditável! Hércules estava estrangulando as duas enormes serpentes, que se contraíam e estremeciam sob o torniquete. Anfítrion desembainhou sua espada para matá-las, mas percebeu que já não era mais necessário. Hércules jogou seus corpos sem vida aos pés de seu aturdido padrasto, enquanto Íficles, como era natural, continuava a chorar de medo.

Assim se frustrou a tentativa de Hera. E todos os que haviam presenciado a cena perceberam que aquela criança estava predestinada a realizar grandes feitos. Anfítrion, que até aquele momento ainda não sabia qual dos meninos era seu filho, curvou-se, fazendo uma reverência ao filho de Zeus.

Hércules torna-se adulto

Desse dia em diante, Anfítrion passou a cuidar mais de Hércules do que do próprio filho. Para ensiná-lo, designou os maiores sábios, os artistas mais famosos e os ginastas mais notáveis da época. Hércules aprendeu a ler e escrever, estudou literatura, filosofia e astronomia, música e canto. Mas, sobretudo, praticava ginástica e se exercitava em todos os tipos de atletismo e de artes marciais.

O próprio Anfítrion ensinou o menino a conduzir carros. Desde muito cedo, ele também aprendeu a lançar flechas com pontaria infalível, a arremessar lanças mais longe que qualquer um, a manejar espadas com uma destreza impressionante e a brandir a mais pesada das clavas como se fosse um simples ramo. Hércules também se tornou um lutador sem rival, um boxeador formidável e o mais veloz dos corredores. E, além de tudo isso, aprendeu as mais engenhosas estratégias de guerra.

Hércules nunca usou sua força para causar dano arbitrário a outros, não se submetia, porém, aos maus tratos ou ao abuso de quem quer que fosse. Quem provocasse sua ira implacável, sofreria consequências medonhas – foi o que aconteceu a Lino, seu professor de música.

Hércules gostava de música tanto quanto de todas as outras coisas que

aprendia, mas, quando começou a aprender lira, teve sérias dificuldades. Seus dedos eram tão grossos e fortes que ele sempre arrebentava as cordas; seu professor, Lino, ficava desesperado, praguejava contra deuses e demônios. Embora Hércules se esforçasse ao máximo, não conseguia melhorar e, certo dia, na execução de um exercício muito difícil, arrebentou todas as cordas de uma só vez. Lino perdeu a paciência e começou a bater tão furiosamente em seu pupilo que parecia querer matá-lo. Não suportando mais a aula nem o professor, Hércules arremessou a lira na cabeça do mestre com uma força incontrolável; o instrumento atingiu violentamente Lino, que caiu morto.

O jovem Hércules foi levado ao tribunal.

– Você matou seu professor – os juízes disseram. – Você é culpado de um crime terrível.

– Sinceramente, não tive a intenção de matá-lo – Hércules respondeu. – Sinto profundamente pelo que aconteceu.

– Não há justificativa para tal ato – foi a dura resposta dos juízes.

Mas Hércules era capaz de se defender. Todos os sábios ensinamentos que recebera não tinham sido em vão.

– Eu disse que não tive intenção de matá-lo, e isso é uma justificativa. Vocês são juízes e devem saber o que a lei determina: aquele que é atacado tem o direito de retaliar. Isso foi decretado por Radamanto,(6) filho de Zeus e Europa, o maior legislador de toda a Grécia.

Os juízes não tiveram o que dizer. Reuniram-se para deliberar e finalmente deram seu veredito: Hércules era inocente.

De todo modo, Anfítrion temeu que a força de seu enteado pudesse levá-lo a cometer novos atos de violência e, então, decidiu mandá-lo tomar conta de seus rebanhos nas pastagens do monte Citéron.

Hércules viveu dois anos na montanha. Lá, de menino, virou homem, com seus músculos enrijecidos e uma força maior ainda.

Nessa região também pastavam os rebanhos de Téspio, que reinava na cidade vizinha, de mesmo nome. Em suas visitas ao Citéron, Téspio encontrava Hércules, e os dois acabaram ficando amigos.

Um dia, o rei chegou correndo, alarmado. Um leão terrífico atacara o gado, numa verdadeira carnificina. Logo apareceram alguns camponeses, seguidos por outros pastores; em seus rostos havia medo e ansiedade. Apenas o jovem Hércules parecia não se abalar, por isso, não levou muito tempo, tomou a seguinte decisão: sem dizer palavra a ninguém, desapareceu na floresta, onde cortou uma grande clava do tronco de uma oliveira silvestre e pôs-se a procurar

o rastro do leão. Encontrando as pegadas, seguiu-as até a fonte em que o animal costumava beber água. Escondido atrás de uma pedra, ficou esperando. O leão enfim apareceu, e Hércules investiu contra ele, desferindo-lhe tamanho golpe de clava que não foi preciso um outro – o poderoso animal caiu sem vida aos pés do jovem herói.

Quando a notícia se espalhou, palavras de elogio ao jovem corajoso foram ouvidas por todos os cantos. Falava-se de sua determinação, de sua força e ousadia. E Téspio, tomado de grande admiração por Hércules, convidou-o a seu palácio, onde suas filhas – cinquenta, conforme diziam – ofereceram-lhe hospitalidade durante cinquenta dias. . . e noites.(7)

Com a Virtude e o Prazer

Entrementes, Tebas havia mergulhado num período de desgraça. Ergino, rei da vizinha Orcômeno, lançara um ataque maciço contra a cidade, derrotara Creonte e impusera um pesado tributo anual aos tebanos. Convencido de que só Hércules podia salvá-los dessa situação, Anfítrion pediu que o jovem retornasse.

Deixando seu gado aos cuidados de outros pastores, Hércules partiu para Tebas.

No caminho, deparou com duas mulheres, ambas muito bonitas, embora de aparências bastante distintas – uma delas era até mesmo mais fascinante que a outra, ou, pelo menos, parecia ser, à primeira vista. Era muito bem tratada, tinha o cabelo bem arrumado e o rosto maquiado com tanta arte que, com seu manto deslumbrante e suas joias reluzentes, fazia-se arrebatadoramente bela. Acrescentem-se a isso um sorriso encantador, um olhar sedutor, o gracioso balanço de seu corpo, um perfume inebriante, e não será difícil entender por que os olhos de todos os homens voltavam-se para ela.

– Meu nome é Hedoné(8) – ela gostava de dizer, mas havia rumores de que seu nome verdadeiro fosse Vício.

“Realmente a vida poderá ser maravilhosa se eu apenas fizer o que ela me diz” – pensou Hércules e imediatamente fez meia volta para segui-la, sem sequer cogitar ouvir a segunda.

Entretanto, mal começara seu movimento, ouviu uma voz atrás de si.



– Aonde está indo, Hércules, filho de Zeus? – seu ar autoritário, a firmeza de seu tom e seu olhar de reprovação mostravam que ele não agia bem, tampouco com sabedoria.

– Os audazes e os poderosos – continuou Areté(9) – certamente têm coisas muito melhores a fazer do que gastar seu tempo com prazeres vãos. Não lhe posso prometer um caminho fácil, mas ele será correto. O nobre e belo é sempre difícil, exige vontade e coragem, e isso você tem, Hércules.

– Não lhe dê ouvidos – interrompeu a primeira mulher. – Ela quer privá-lo de todas as alegrias da vida!

– Então, que ele vá com você e desfrute dos deleites que lhe reserva. – retorquiu Areté. – Vá, jovem, desfrute a vida de prazeres até o fim – se puder. Pois algum dia seus amigos cansar-se-ão de você, todas as portas lhe estarão trancadas e, então, perceberá que não fez coisa alguma, não fez nada para si e não deu nada aos outros, apesar dos dons com que nasceu. Porque você é forte de corpo e de alma como nenhum homem jamais o foi. E, para os fortes e bravos, o caminho que está à frente é esplêndido, mas difícil: o caminho do herói que se regozija quando ajuda a humanidade e derrota os poderes do mal e a injustiça. A vitória diante de uma supremacia assustadora traz a verdadeira

alegria, ao passo que o fruto dos prazeres mundanos é mera amargura. Mas se quiser, Hércules, oponha-se ao mal, apóie o fraco, livre o mundo dos monstros, trabalhe pela humanidade apesar do cansaço e até da humilhação que isso lhe possa custar. Isso é tudo que tenho a dizer. Siga-me, se quiser.

– Deusa, eu agradeço sua ajuda – respondeu Hércules, já decidido. – Seguirei o caminho que você me mostrou.

No momento em que proferiu tais palavras, as duas mulheres desapareceram.

Hércules sabia o que devia ser feito e, com passos largos, seguiu para Tebas.

A guerra contra Orcômeno

Um pouco mais adiante, numa encruzilhada, parou ao ver aproximar-se uma tropa de soldados, que não pareciam tebanos. Hércules esperou que chegassem mais perto e os inquiriu com autoridade.

– Quem são vocês e aonde vão?

– Desde quando precisamos dar satisfação a um tebano? – respondeu o líder.

– Vocês estão no território de Tebas – Hércules respondeu furioso, retesando seu arco – e só passarão por cima de meu cadáver.

– Agarrem-no! – ordenou o chefe, encolerizado, arremessando sua lança contra o herói.

Rápido como um raio, Hércules escondeu-se atrás do tronco de uma árvore, na qual a lança do soldado fincou-se, vibrando. Retesando a corda de seu arco, Hércules disparou uma flecha – e não errou o alvo. A luta foi feroz, mas curta. E todos os intrusos, feridos, ajoelharam-se a implorar misericórdia.

– Primeiro digam quem são – ordenou o herói – e por que entraram em nosso território!

– Somos de Orcômeno – os homens feridos responderam. – Fomos enviados por nosso rei, Ergino, para recolher o tributo prometido por Creonte.

Em seguida, Hércules amarrou-os enfileirados, com as mãos atadas nas costas, e lhes disse:

– Voltem para seu rei. Mostrem seus ferimentos e as cordas que os amarram. Digam-lhe que, de agora em diante, os tebanos pagarão seu tributo nessa moeda ou pior!

Atada e humilhada, a tropa fez o caminho de volta a Orcômeno, enquanto Hércules continuava cheio de ânimo sua trilha rumo a Tebas.

No entanto, chegando à cidade, viu quão má era a situação. Anfítrion tinha o rosto marcado pela preocupação. Íficles, a seu lado, sentia-se impotente.

– Ouça, Hércules – disse Anfítrion –, a cidade de Cadmeia foi derrotada e

submetida. Tebas dos sete portões ajoelhou-se diante de Orcômeno, uma cidade inferior em todos os sentidos. Nosso povo está sobrecarregado com um pesado tributo, mergulhado na pobreza e na dor. Estamos esperando que os soldados de Ergino cheguem a qualquer momento para exigir o soldo.

– Distribua-o entre o povo – Hércules respondeu. – E prepare-se para a guerra contra Ergino.

E contou o ocorrido no caminho para Tebas.

– Mas com o que lutaremos? – Íficles perguntou. – Quando Ergino nos derrotou, levou todas as nossas armas e nossos cavalos, impedindo que nos rearmássemos. Além do mais, Creonte só se preocupa com uma coisa: manter seu trono.

– Podemos nos rearmar, e precisamos fazer isso logo – Hércules respondeu. – Quando eu vinha para cá, entrei num templo repleto de armas dedicadas aos deuses.

– Sim – disse Anfítrion –, em todos os templos há dessas armas. Mas são as armas e as armaduras dos mortos ou do butim capturado nas últimas vitórias de Tebas. Não sei se é correto pegá-las. Talvez os deuses se voltem contra nós, se o fizermos.

– Os deuses dirão que merecemos nossa sorte, se ficarmos aqui de mãos vazias, enquanto o inimigo se aproxima.

– Hércules está certo, pai – interrompeu Íficles. – Os deuses não ajudarão os que não se armarem.

– Vocês dois estão certos – Anfítrion decidiu. – Despertemos os tebanos!

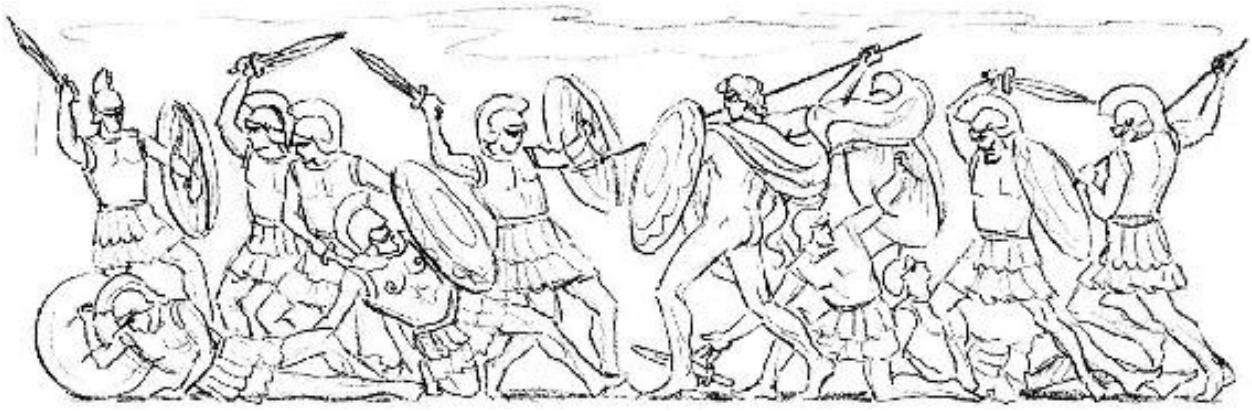
Em poucos dias toda a cidade foi alertada. Hércules e Íficles reuniram os homens jovens e juntos foram aos templos, recolheram as armas e as distribuíram. Havia arcos, espadas, lanças, escudos, elmos e até armaduras completas. Embora algumas pessoas tivessem murmurado que aquilo era um sortilégio, a deusa Atena encorajou Hércules a levá-los, ignorando os protestos.

O treinamento militar começou de imediato. Todos os dias, Hércules treinava os jovens no manuseio das armas e, embora Creonte temesse que alguém se tornasse poderoso e tomasse seu trono, não temia Hércules, porque a última coisa que ocupava a mente do jovem audacioso era o trono de Tebas. Sendo assim, Creonte nomeou-o comandante do exército tebano.

Quando Ergino e suas tropas adentraram a cidade, surpreenderam-se com a resistência armada. Mas, ao verem o deplorável estado das velhas armas dos tebanos, caíram rindo sobre eles, confiando na vitória fácil.

Todavia, o que houve foi uma fragorosa derrota. O próprio Ergino foi morto por

Hércules, e os tebanos perseguiram o exército inimigo até os muros de Orcômeno. Diga-se, porém, que a guerra não terminou nessa batalha, pois o inimigo ainda tinha vultosas reservas dentro da cidade e excelentes condutores de carros, ao passo que Tebas tivera todos os seus cavalos tomados.



Hércules foi quem encontrou um modo de resolver esse problema. Uma larga planície irrigada pelo rio Céfisso separava Tebas de Orcômeno. Esse rio, em vez de correr diretamente para o mar, desaparecia no subsolo através de grandes escoadouros, passando debaixo de uma região montanhosa, antes de atingir a costa. Movimentando grandes massas de terra, Hércules bloqueou as saídas subterrâneas por onde corria o curso d'água, e este transbordou, transformando a planície inundada no grande lago de Copaís.

O inimigo não lograva cruzar tal barreira e, na batalha seguinte, viu-se obrigado a lutar na região montanhosa, onde seus carros não podiam ser usados. O resultado foi outra vitória dos tebanos. Mas nada é ganho sem sacrifício e, desta vez, toda Tebas chorou Anfítrion, cuja morte heroica dera-se em meio à luta. Apesar dessa dor, a cidade tinha recuperado sua independência, e não só ficara livre dos cruéis tributos, como tomara a Orcômeno o dobro do que até então lhe fora pago.

Demonstrando sua gratidão a Hércules, Creonte deu-lhe em casamento sua filha Mégara, mais metade de seu palácio. Para Íficles, deu sua filha mais nova.

Todos os deuses do Olimpo compareceram ao casamento de Hércules e Mégara – exceto Hera, é claro – e presentearam sobejamente os noivos.

Os presentes dos deuses eram um tributo às proezas do herói. Zeus deu-lhe um escudo mais forte que qualquer outro já feito; de Atena, ganhou uma couraça de ouro; Hefesto presenteou-o com um elmo cravejado de diamantes; Apolo deu-lhe um arco de ouro e uma aljava cheia de flechas; Hermes, uma espada afiadíssima; Possêidon, dois cavalos tão rápidos quanto os ventos de tempestade

do mar.

A loucura de Hércules

Mégara deu três filhos a Hércules, e o casal era muito feliz. Porém, a felicidade do herói e suas vitórias cada vez mais gloriosas provocaram um amargo ressentimento em Hera, que resolveu causar-lhe mal outra vez.

Certa feita, quando Hércules, cheio de alegria, observava seus filhos brincando, Ate – a deusa do engano – surgiu silenciosamente atrás dele, jogando-lhe sobre os olhos um véu invisível que tinha o poder mágico de turvar o raciocínio. A visão do herói perturbou-se e ele, em vez de seus filhos, viu três dragões colossais prontos a atacar. Agarrando cadeiras, mesas e tudo o mais a seu alcance, Hércules quebrou-os sobre o que pensava serem as cabeças dos monstros enormes e assim matou sua prole. Depois, tomado de uma raiva demoníaca, destroçou tudo quanto havia no palácio, enquanto os que estavam lá dentro empurravam-se pelas portas ou atiravam-se das janelas, procurando escapar à agitação selvagem do homem mais forte do mundo.

Até que o palácio de Creonte não era mais que um monte de pedras.

Ate voltou e retirou o véu invisível. Então, o desafortunado pai viu, entre os destroços, não dragões, mas mortos os seus três filhos. Seus olhos não podiam acreditar na verdade terrível que os outros lhe contavam. Como pudera matar com as próprias mãos os filhos que tanto amava?

Por causa dessa ação horrenda, Creonte ordenou que Hércules abandonasse Tebas imediatamente, e sua esposa mandou informá-lo de que nunca mais queria vê-lo. Antes, porém, que lhe dissessem algo, o triste herói tomara o caminho do exílio por sua própria vontade e, vagando sem destino, foi dar nas terras de Téspio.

Lá, numa voz rouca e angustiada, contou a seu amigo, o rei Téspio, o crime vil que cometera; depois disso, apesar de sua força e coragem, não resistiu e chorou como uma criança, implorando ajuda.

Téspio teve pena de Hércules e o recebeu como convidado, fazendo tudo o que estava a seu alcance, procurando ajudar o herói a esquecer o ocorrido. Tudo em vão; nada podia apagar de sua memória aquele cenário terrível.

E assim o tempo passou, até que um dia chegaram mensageiros de Micenas, informando a Téspio que o rei Estênelo morrera e seu filho, Euristeu, reinava em seu lugar. Traziam, também, uma mensagem do novo rei destinada a Hércules. O herói estava sentado ali perto, silencioso, perdido em tristes pensamentos; mas, ao ouvir seu nome, levantou-se, pegou a carta e a leu:

“Eu, o grande rei de Micenas – dizia a carta –, a quem Zeus deu o direito de governar todas as pessoas da Hélade, agora ordeno a Hércules, filho de Anfítrion, que passe a me servir para realizar grandes trabalhos, os quais trarão glórias para meu nome e meu reinado. Assim eu, Euristeu, filho de Estênelo e descendente de Zeus pelo herói Perseu, decreto.”

Quando Hércules acabou de ler aquela convocação, ficou indeciso sobre o que devia fazer. Téspio, que viu a presunção ridícula da ordem de Euristeu, aconselhou-o a não ir. Mas os deuses não eram da mesma opinião. O grande Zeus estava amarrado pelo juramento de há tantos anos e nada podia fazer. Agora Hera tinha a palavra, e seu ódio pelo filho de Alcmene era mortal. Fazendo com que um fanfarrão digno de dó como Euristeu desse uma ordem a Hércules, ela poderia, além de humilhar o herói, provocar seu fim.

Contudo, os perigos da incumbência não assustavam Hércules, e, quanto à humilhação, isso era exatamente o que ele buscava para se redimir do crime contra seus próprios filhos.

A única coisa que o fazia hesitar era a ideia de servir a um homem indigno e desprezível. Será que não faria mais mal do que bem à raça humana? Em sua confusão, decidiu consultar o oráculo de Delfos. A resposta foi a seguinte:

– Vá a Micenas e fique a serviço de Euristeu. Ele ordenará que realize doze grandes trabalhos. Só quando tiver completado o último deles é que os deuses perdoarão seu crime contra seus filhos.

Hércules sentiu-se aliviado com as palavras do oráculo e, afinal, sabia que caminho seguir.

1 **Hélade** = **Grécia**: nos tempos históricos, os gregos chamavam sua pátria de Hellás e chamavam-se a si mesmos de helenos, nome de uma tribo que, na época das migrações, se estabeleceu em parte da Tessália. A origem dos termos Grécia e gregos é latina. Os romanos denominaram Graii os colonos de Cumas, pois Graia era o nome de um distrito da Grécia ocidental.

2 **Moiras** = **Parcas** (no latim): são três deusas que personificam o destino de todos os seres humanos, do quinhão que lhes cabe neste mundo. Originariamente, cada um tem a sua “moira”, o que significa a sua parcela (de vida, de felicidade, de desgraça etc.). As três moiras eram filhas de Zeus e Têmis, ou, segundo outra genealogia, filhas da Noite, pertencendo, assim, à primeira geração divina – a das forças elementares do mundo. Para cada um dos mortais, elas regulavam a duração da vida desde o nascimento até a morte: Cloto (fiandeira) fiava o fio do destino, Láquesis (a que distribui ao acaso) enrolava o fio, e Átropos (inflexível) cortava-o, quando a vida correspondente devia acabar.

3 **Estige**: rio de águas lodosas e frias que percorria o reino das profundezas. Por ter sido a primeira divindade a responder ao apelo de Zeus na luta contra os titãs, o Estige recebeu o privilégio de ser “o grande juramento dos deuses”. Associado a um afluente subterrâneo, foi sempre o “terrível rio do juramento”, cuja água os próprios deuses receavam verter, procurando evitar um perjúrio.

4 **Ate**: personificação do Erro. Divindade leve e ágil, pois seus pés apenas roçam a cabeça dos mortais, sem que eles se apercebam. Por ter, certa vez, enganado Zeus, este se vingou, arremessando-a do Olimpo. Zeus,

tendo lançado Ate do alto do céu, cortou-lhe para sempre a possibilidade de residir no Olimpo. Por isso o Erro constitui o triste quinhão da humanidade.

5 **Via Láctea** = **Galáxia (**em grego): à região densamente estrelada do céu deu-se o nome de Via Láctea – o "Caminho de Leite". Ela conduzia ao palácio de Zeus; através dela os heróis adentravam o Olimpo.

6 **Radamanto**: herói cretense, geralmente considerado como um dos três filhos de Zeus e Europa, e irmão de Minos e Sárpedon. Foi criado por Astério, rei de Creta. Sábio e justo, organizou o código jurídico cretense, modelo seguido por várias cidades gregas. Era a tal ponto considerado que, após sua morte, dizia-se ter sido chamado ao Hades para julgar as almas dos mortos, ao lado de seu irmão Minos e de Éaco, também filho de Cronos.

7 Segundo outra versão, Hércules teria possuído todas as jovens em sete noites, ou mesmo numa única. Todas elas teriam concebido filhos seus.

8 **Hedoné**: em grego, o "prazer".

9 **Areté**: em grego, Virtude (no sentido de "excelência").



OS DOZE TRABALHOS

A serviço de Euristeu

Hércules seguiu para Micenas sem demora, sendo acompanhado em sua jornada por Iolau, o jovem filho de Íficles. Iolau amava e admirava o irmão de seu pai.

Chegando a seu destino, Hércules decidiu ir sozinho ao palácio do rei Euristeu.

Os guardas disseram que esperasse na entrada, pois tinham ordens estritas para não o deixar entrar.

Euristeu foi até a porta do palácio a fim de examinar a aparência do homem que traria glórias para seu nome e seu reinado. No instante em que viu o tamanho do herói e seu aspecto severo, soltou um grito de espanto e voltou correndo para se esconder.

É que o "grande rei de Micenas" tinha metade do peso de Hércules, era feio, magro, tinha o rosto macilento e sua covardia fazia-o temer a própria sombra.

– Depressa! Depressa! Fechem os portões! Não deixem Hércules entrar! – ele gritou. – Ai de vocês se alguma coisa me acontecer!

Trancando-se em seu quarto, quase morto de pavor, jogou-se na cama, onde, encolhido, ficou pensando como faria para se livrar do herói convocado. Finalmente chegou à conclusão de que o melhor meio de evitar outro choque como aquele seria dar ao jovem audaz uma tarefa tão difícil que ele não pudesse sobreviver para aparecer nos portões de seu palácio outra vez. O rei torturou seu cérebro durante horas, mas só conseguiu exasperar-se e, exausto, caiu no sono. Enquanto dormia, o deus dos sonhos, por ordem de Hera, pôs uma visão em sua mente, visando a ajudá-lo a decidir para onde enviaria Hércules.

O primeiro trabalho: O Leão de Nemeia

Naqueles dias, vivia nas florestas de Nemeia um leão enorme e aterrorizante. Ele tinha a força de dez leões comuns e sua pele era tão dura que nenhuma flecha, lança ou espada, por mais afiada que fosse, podia furá-la. O animal era filho de Tífon, o monstro que lutara contra o próprio Zeus, e da igualmente temível Équidna, metade mulher, metade serpente. Seus irmãos eram a Hidra de Lerna, Cérbero, Quimera, a Esfinge e outros monstros horrendos, temidos até pelos deuses.



Quando Euristeu viu esse monstruoso leão em seu sonho, deu tamanho grito que todo o palácio foi ver o que mais acontecera com seu “grande” rei.

Euristeu percebeu, então, que se tratava apenas de um sonho. Aliviado, sorriu com malícia: já sabia exatamente aonde enviar Hércules para nunca mais ter de vê-lo.

Com uma voz esganiçada e petulante, chamou não Hércules, mas Copreu, seu arauto. Chamou, chamou, com uma voz que mais parecia a de uma bruxa velha que a de um rei, e quando o arauto finalmente foi encontrado e apareceu diante dele, recebeu a incumbência de ir prontamente procurar o herói e transmitir-lhe a ordem do “poderoso rei de Micenas”: matar o Leão de Nemeia.

Copreu, cujo nome, por sinal, significa “esterco” em grego, mal pôde esperar para transmitir o desejo de seu senhor; pois não era pouca honra dar ordens a um herói dessa estirpe.

Quando Hércules ouviu aquilo, não imaginou o tipo de leão contra o qual se bateria e pensou que poderia matá-lo facilmente. Assim, pegando a clava usada contra o leão de Citéron, pendurou o arco e a aljava no ombro, seguindo rumo a Nemeia.

No caminho, encontrou um homem pobre chamado Mólorco, que estava fora de sua cabana preparando-se para oferecer um sacrifício aos deuses. Após

cumprimentá-lo, Hércules perguntou em honra de quem o sacrifício seria feito. Recebeu a seguinte resposta:

– Em honra de nosso guardião, Zeus. Quero agradecê-lo por manter o Leão de Nemeia longe da minha porta.

– Não faça seu sacrifício ainda, aguarde um pouco – disse Hércules –, pois recebi ordem de Euristeu para encontrar esse animal e matá-lo. Eu já matei leões antes e não tenho medo. No caso de alguma coisa me acontecer, se eu não voltar dentro de trinta dias, então ofereça o sacrifício em memória da alma de Hércules, filho de Alcmene. Mas, se eu retornar, como acredito, então celebraremos juntos em honra de Zeus todo-poderoso.

– Hércules, filho de Alcmene – o pobre homem deplorou –, é uma pena jogar fora sua vida em vão! Você não pode imaginar que tipo de leão vai caçar. Se essa criatura tivesse sido gerada por um leão, matá-la poderia não estar além de seus poderes. Mas não foi. Ela descende de uma linha de monstros – e que monstros! Seus pais são Tífon e Équidna. Não há como matar essa fera – mesmo que você tivesse todos os deuses do Olimpo a seu favor, não voltaria vivo. Há muitos anos vivemos amedrontados. Nossos rebanhos foram dizimados, as plantações foram destroçadas e nenhum dos que tiveram coragem para caçar o monstro voltou para contar a história.

Então Hércules compreendeu por que Euristeu lhe designara essa tarefa. Sua determinação, porém, não se viu abalada. Com voz resoluta, declarou:

– Vou encontrar esse leão, pois tenho que matá-lo ou então morrer tentando. Adeus e, se não nos virmos outra vez, faça o que eu disse.

Dizendo isso, partiu para as montanhas.

Mólorco admirou a coragem inabalável do herói, mas, enquanto o via afastar-se, lamentava profundamente não ter podido detê-lo.

Hércules caminhava observando tudo a sua volta, até que avistou uma oliveira silvestre com um tronco nodoso e sólido como aço. Arrancou-o do solo com raízes e tudo e fez uma maça nova e formidável, mais maciça ainda do que a antiga. Jogou a nova arma sobre o ombro e continuou seu caminho. Mais tarde, ocorreu-lhe que poderia ter que ficar muitos dias e muitas noites esperando pelo leão e, sendo assim, precisaria resguardar toda a sua força. Então, num lugar tranquilo, deitou-se e caiu em sono profundo. Dez dias e dez noites dormiu Hércules, conta-se. Acordou, afinal, com todos os seus poderes renovados. Já desperto, banhou-se numa fonte da qual saiu reanimado e cheio de esperanças de encontrar o leão.

Depois de andar muitos dias numa paisagem sem nenhuma criatura viva,

finalmente encontrou pegadas. As grandes marcas das patas no solo eram fundas, revelando o tamanho e o peso do monstruoso animal. Hércules seguiu-lhe o rastro, mas pegadas antigas cruzavam-se com novas, e muitas vezes o herói não soube ao certo quais seguir.

Caminhou durante dias, subindo montanhas, atravessando desfiladeiros, perdendo-se em florestas até que, por fim, ao contornar um rochedo, topou com o leão. Seu tamanho era inacreditável, tinha uma enorme juba cerrada e olhos ferozes que pareciam disparar flechas de fogo. Hércules rastejou para trás de um arbusto sem ser visto, tirou seu arco do ombro e fez pontaria na testa do leão. A flecha atingiu o animal entre os olhos, mas ele apenas sacudiu a cabeça e arranhou o lugar com a pata, como se tivesse sido picado por um mosquito. Hércules atirou uma segunda flecha, com o dobro da força, e acertou na garganta do leão. Mais uma vez, foi como se a flecha tivesse batido numa pedra – apenas ricocheteou. E o leão, entediado, levantou-se e desapareceu para além de um rochedo.

Hércules correu atrás dele, mas, quando chegou ao lugar em que o leão estava, não encontrou nada. Primeiro, examinou a área, confuso; depois, deu com a entrada de uma cova. Vendo as pegadas à porta, concluiu que aquele devia ser o covil da fera. Escondendo-se numa pedra grande, sentou-se a esperar; a noite caiu e o animal ainda não tornara a aparecer...

– Ele certamente só sairá de manhã – Hércules disse a si mesmo e, raiando o dia, colocou-se, impaciente, em posição de golpear prontamente o animal.

O Sol, no entanto, já estava alto no céu e nada de o leão sair do covil. De repente, ouviu-se um rugido mais alto que os trovões de Zeus, estrondoso, ecoou pelas montanhas e gargantas. Hércules mudou de lugar e finalmente avistou um pequeno ponto na montanha oposta.

– Como o leão saiu de sua cova sem que eu o visse? – perguntou-se o herói. – Pode ter sido uma noite escura, mas mesmo assim eu o teria visto ou pelo menos escutado. Talvez eu tenha cochilado sem perceber... Agora tenho de esperar aqui até que o animal volte. Não adianta ir em seu encalço, pois o caminho é longo e difícil; quando eu chegar lá, ele já terá ido embora.

Hércules ficou vigiando durante três dias e três noites, mas o leão não voltou ao covil. O herói estava perdendo a esperança e já cogitava procurá-lo entre colinas e ravinas quando, voltando a cabeça, viu o imenso felino sair de sua cova.

– Há algo estranho por aqui – pensou Hércules –, eu estava esperando o animal voltar para sua toca e agora o vejo saindo dela!

Deu-se conta, então, de que talvez houvesse uma outra entrada.

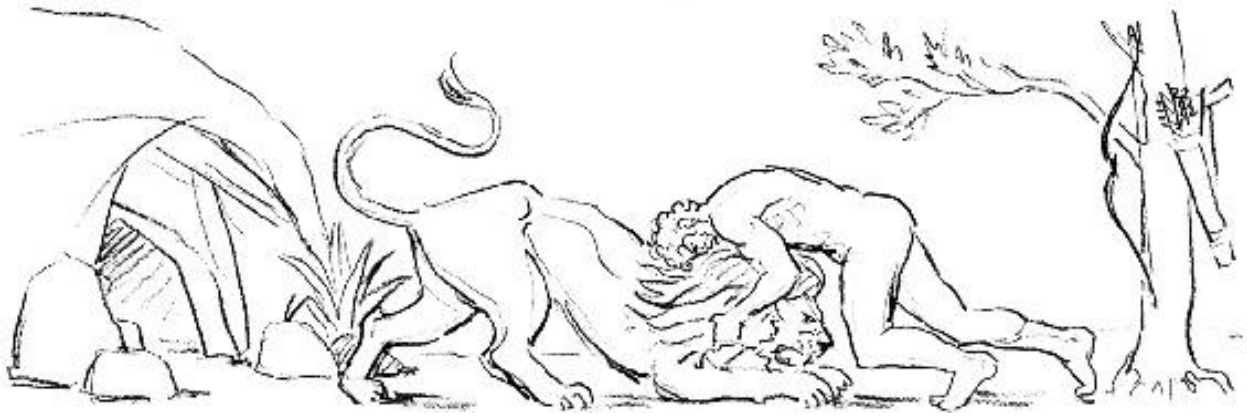
Enquanto o herói chegava a essa conclusão, o leão arqueou seu dorso feito uma vara elástica vergada que, subitamente solta, pulou no ar, com saltos enormes, e sumiu.

Hércules tinha perdido o leão outra vez, mas não desanimou. Seguiu imediatamente à procura da segunda entrada da cova e, ao topar com ela, bloqueou-a com pedras tão grandes que era impossível removê-las. Tendo feito isso, retornou à primeira entrada, onde esperou a fera mais uma vez.

Caía o crepúsculo. Ouviu-se um rugido impiedoso, seguido de outro e mais outro. Vinham de longe e mostravam a fúria do leão diante do bloqueio que encontrara. Quando finalmente o animal voltou à primeira entrada, a noite caíra. Hércules percebeu que não seria inteligente enfrentar o monstro no escuro; assim, deixou-o entrar na cova sem ser perturbado e esperou, escondido, a nova aurora.

Nascia o Sol e Hércules se aproximou da toca para ver se seria possível lutar com o leão lá dentro. Mas o teto era muito baixo – não poderia arremessar a clava com força. De todo modo, decidiu avançar um pouco mais, esperando, pelo menos, ouvir alguma coisa. E conseguiu. De muito longe vinha o som abafado de rugidos pavorosos, rangidos confusos e baques: o leão tentava reabrir a outra entrada. Hércules correu até a segunda abertura. Um pouco depois, viu tombar diante de si uma das enormes pedras e, em permanente prontidão, jogou pela tal abertura galhos secos, nos quais pôs fogo; o vento soprava em favor de sua estratégia, de modo que toda a fumaça entrava na cova. Correu à primeira entrada e se escondeu, certo de que enfim a fera apareceria.

Não precisou esperar muito. Embora o animal, evidentemente aflito, tivesse os olhos vermelhos e lacrimejantes, era ainda um adversário de porte: perscrutando desconfiadamente ao redor, o leão pôde sentir a presença do inimigo. Escancarou a boca e, num rugido selvagem, expôs seus dentes espantosos. Batia furiosamente sua cauda no corpo, e sua pata atingiu o solo com tal força que tudo tremeu com o peso do golpe.



Apesar do aspecto amedrontador do monstro, Hércules não se intimidou. Levantando sua clava bem acima da cabeça, saiu rápido de seu abrigo e, antes que o animal tivesse tempo de fazer o menor movimento, desferiu-lhe um golpe arrasador no crânio. Mas nenhum osso foi fraturado! A clava – feita de tronco de oliveira, duro como ferro – rachou-se de cima a baixo ao ser interposta entre duas forças tão poderosas! O golpe, porém, não fora vão: o invencível Leão de Nemeia estava agora tão atordoado que mal podia se manter sobre as patas. Hércules lançou-se sobre o pescoço do animal e lhe prendeu a cabeça num forte torniquete, que o impedia de lhe morder ou ferir com as garras.

A sorte do Leão de Nemeia estava selada. Ele tentou sacudir Hércules, mas não conseguiu. Os grandes músculos do herói apertavam o pescoço do monstro com uma força cada vez maior, até que, por fim, sufocado, o portentoso corpo viu sua alma negra rumar para as escuras profundezas do Hades.(10)

Hércules pôs-se de pé, banhado de suor, exausto, feliz. Tinha matado o Leão de Nemeia; o primeiro trabalho se cumprira. O que tinha a fazer agora era levar o corpo até Micenas e jogá-lo no pátio do palácio de Euristeu. Tentou colocá-lo nas costas, mas a carga era muito pesada e a estrada para Micenas, longa e difícil. Hércules não teve outra alternativa senão esfolar o animal e levar sua pele. Mas como poderia tirar uma pele que nem a espada mais afiada podia furar? Ora, com as próprias garras do leão! Arrancando uma delas, o herói esfolou o couro, jogou-o nas costas como se fosse um manto e partiu para Micenas.

Mais à frente, um homem caminhava lentamente, curvado sob o peso de um fardo de madeira e de sua tristeza. A vereda em que ele estava terminava numa pequena cabana. Ao chegar lá, jogou a madeira no chão e suspirou fundo. Era Mólorco a preparar, para a manhã seguinte, um sacrifício fúnebre em nome de Hércules, que custava a retornar – passara-se um mês.

Como a noite já caía, Mólorco entrou na cabana e acendeu o fogo, nem tanto

para enxergar, mas para aquecer sua sopa. Justamente quando tirava a panela do fogo, a entrada foi escurecida pelo enorme vulto de um homem envolto na pele de um animal. Ele parecia tão selvagem com aquele traje estranho que fez Mólorco tremer de medo, mas o tom amistoso de seu “boa noite” logo acalmou o pobre homem, que o convidou a partilhar sua sopa.

Assim que se sentou, o recém-chegado perguntou a Mólorco:

– Já soube das novidades? O Leão de Nemeia está morto. Agora sua alma apodrece no Hades e nossos rebanhos podem pastar em paz.

Mas, em vez de ficar contente, Mólorco suspirou fundo.

– Não está contente de ouvir essa notícia? – o estranho perguntou surpreso.

– Não, não estou – foi a resposta. – Não sei se o que você diz é verdade ou não, mas de uma coisa estou certo: Hércules está morto. Por essa razão fui buscar aquela pilha de madeira que está lá fora; para oferecer um sacrifício fúnebre amanhã de manhã.

– Amanhã de manhã ofereceremos juntos, sacrifício para nosso guardião Zeus. Pegue uma tocha, meu amigo, e me olhe mais de perto.

Nesse momento é que Mólorco começou a desconfiar quem era o estranho. Pegando da lareira um galho em chamas, deixou que sua luz batesse no rosto do outro homem. Era mesmo Hércules diante dele e, o que era melhor, o herói vestia a pele do Leão de Nemeia. Mudo de alegria, o pobre homem lançou-se nos braços de Hércules e o beijou, com lágrimas correndo-lhe nas faces. Em seguida, pegou toda a tigela de sopa e colocou-a diante de Hércules.

– Não estou com fome – Mólorco disse-lhe –, eu já comi.

Mas Hércules não se deixou enganar.

– Você poderia me trazer outra tigela? – pediu.

Quando o velho ingênuo a trouxe, Hércules despejou nela metade do caldo.

Logo depois de comerem, o fogo ainda aceso na cabana pobre, Mólorco ouvia, com a respiração contida, os detalhes da façanha incrível.

Na manhã seguinte, os dois levantaram cedo e, juntos, ofereceram um sacrifício para o todo-poderoso Zeus. Depois, Hércules despediu-se e retomou a trilha para Micenas.

Coberto da cabeça aos pés com a pele do Leão de Nemeia, o herói apareceu nos portões do palácio. Quando Euristeu pôs os olhos nele, seu sangue gelou nas veias. O medo que sentira da primeira vez não era nada comparado ao que sentia agora. Tomado de pânico, disparou para seus aposentos, procurando escapar daquele “homem selvagem”, mas, lá, outro choque esperava por ele: mal recuperara o fôlego e dois soldados entraram carregando a pele do Leão de

Nemeia, bem aberta, para que Euristeu a visse.

– Hércules disse para lhe dar isto, grande rei – anunciaram.

Antes que tivessem acabado de falar, seu bravo rei desmaiara! Quando finalmente voltou a si, estava num estado tão lastimável que teve de ser posto de volta na cama. Conseguiu, então, dormir. Hera apareceu de novo em seu sonho e disse a tarefa de que deveria incumbir o filho de Alcmene, de modo a garantir que desta vez não voltasse.

Assim que acordou Euristeu chamou seu arauto Copreu, mandou que procurasse Hércules e lhe transmitisse a ordem de matar a Hidra de Lerna.

Copreu ia saindo e o rei gritou:



– Já que vai fazer isso, pegue esta maldita pele de leão e leve de volta ao seu maldito caçador! E que esta seja a última vez que eu veja a ambos – disse para si mesmo. Ele pode ter matado o Leão de Nemeia, mas nunca voltará vivo do lugar para onde o estou enviando!

O segundo trabalho: A Hidra de Lerna

A Hidra de Lerna, como já foi dito, era irmã do leão que fora morto. Um monstro horrível e venenoso, vivia no pântano de Lerna, espalhando morte e

destruição. Ninguém jamais ousara sequer ter a esperança de que um dia algum homem a matasse, pois o animal tinha nove cabeças, e uma delas era imortal. Além do mais, mesmo que se tentasse, o monstro tinha seu covil nas profundezas do pântano, de onde ninguém podia se aproximar. Não bastasse isso, quando saía, escondia-se na água e nos juncos, atacando sua vítima desprevenida ou um desavisado candidato a herói.

Hércules decidiu ir para o pântano de Lerna em seu carro, levando seu sobrinho Iolau, um jovem corajoso e competente condutor. Como de costume, o herói armara-se com sua clava, sua espada e seu arco. Mas, desta vez, portava também a pele do Leão de Nemeia.

– Como Euristeu é tolo – disse a Iolau. – Ele tem medo de mim e deseja minha destruição, mas mandou-me de volta esta pele de leão que não só resiste a todas as armas, como também aos dentes venenosos da Hidra. E o pior é que ele a deu de presente e, agora, não a pode pedir de volta.

Chegaram perto do pântano, Hércules desceu do carro e mandou que Iolau esperasse ali, com os cavalos.

– Vou procurar a Hidra – afirmou.

– Deixe que eu também vá – o jovem pediu ansiosamente.

– Não, não posso – o herói respondeu. – Tenho que matá-la sozinho. Euristeu impôs essa condição. Eu sei que ele está determinado a me mandar para a morte, mas tenho de obedecer às normas por ele estabelecidas.

Começou, assim, sua busca. Era preciso um grande cuidado, pois a qualquer momento o monstro poderia vir à superfície. A cada passo, arriscava afundar nas garras inescapáveis do pântano.

Finalmente avistou o covil, que ficava numa fenda, num local totalmente inacessível. Algo se mexeu nos juncos e Hércules teve certeza de que o monstro estava ali. O problema era fazê-lo sair do abrigo e vir para terra firme.

Não havia problema insolúvel para Hércules. Ele ponderou um momento, depois pegou alguns galhos secos e pôs fogo. Com essas chamas, inflamou a ponta de suas flechas, pegou seu arco e as atirou nos juncos ao redor do covil. Eles se incendiaram imediatamente e a Hidra, furiosa, apareceu, bufando. Aonde quer que ela fosse, havia incêndio. Apenas um caminho lhe restava, e nele seu inimigo estava firmemente plantado. O monstro não hesitou: uma mordida e ele estatelaria morto no chão, pois de suas presas saía o veneno mais mortal do mundo.



Cega de raiva, a Hidra partiu direto pela água até onde estava Hércules, subiu a ribanceira e se lançou contra ele. Mas o herói estava preparado, cobrira-se com a pele do leão. Erguendo sua espada afiada, começou a decepar, uma a uma, as cabeças da hidra. Ela o mordia furiosamente, sem parar, mas não obtinha resultado. Seus dentes até mesmo se quebravam nessa tentativa. Como os monstros não são inteligentes, a Hidra não podia perceber que não era em Hércules que estava cravando os dentes, mas na pele de seu finado irmão de Nemeia.

Ainda assim, as coisas não estavam fáceis para o herói. Uma surpresa tomara Hércules: embora lhe parecesse ter decepado muitas das cabeças do monstro, havia mais cabeças que antes. Então ele percebeu que, para cada cabeça que caía, duas brotavam em seu lugar, arreganhando suas bocas horrendas e o ameaçando com seus dentes. Era certo que agora elas não representavam mais perigo para ele, pois a Hidra se cansara de tanto quebrar os dentes na pele do leão; por outro lado, quanto mais Hércules se esforçava para cortar as cabeças do monstro, mais depressa elas cresciam, tornando seus golpes inúteis. O pior de tudo era que a Hidra conseguira enrolar a cauda na perna do herói e tentava derrubá-lo. Decerto era mais fácil arrancar um velho carvalho com a raiz do que desarraigar o filho de Zeus, mas, de todo modo, isso acrescentava dificuldades a sua tarefa, e ele percebeu que, sozinho com sua espada, não seria capaz de derrotar um monstro como aquele. Enquanto procurava um meio de resolver o

problema, sentiu um beliscão cortante no pé. Olhou para baixo alarmado, não perturbado pela dor, mas por pensar no veneno da hidra. Tratava-se, porém, de um mero caranguejo.

Um caranguejo gigante, é verdade, que fora enviado por Hera para ajudar a Hidra. Mas Hércules perfurou sua carapaça com um único golpe de espada, matando-o instantaneamente. Desapontada, Hera pegou o caranguejo e o colocou no céu. E assim se formou a constelação de Câncer.

É claro que Hera mandara o caranguejo com o intuito de prejudicar Hércules, mas a mordida, na verdade, trabalhou em seu favor, pois o inteligente herói entendeu que isso lhe dava o direito de também buscar ajuda. Chamou Iolau, mandou-o reanimar o fogo e queimar com ferro em brasa os tocos sangrentos dos pescoços do monstro, a cada cabeça que lhe arrancasse.

O jovem atendeu com presteza ao pedido e, de fato, isso fez com que novas cabeças duplas parassem de brotar. Hércules decepou-as uma a uma, restando somente a cabeça imortal. Com força assombrosa, o herói desferiu-lhe um golpe de espada e o monstro hediondo caiu pesadamente no chão.

Ajudado por Iolau, Hércules fez uma cova profunda e jogou a cabeça lá dentro, ainda bufando sem parar e mostrando seus dentes afiados. Depois disso, juntos encheram a cova de pedras e, sobre elas, fizeram rolar uma das mais pesadas, de modo que jamais se pudesse removê-la. Afinal, apesar de ter sido separada de seu corpo, a cabeça ainda era muito perigosa.

Assim o monstro invencível foi derrotado. Hércules respirou fundo, com alívio e satisfação. Daquele dia em diante, todos que habitavam aquela região poderiam trabalhar tranquilos.

Realizando seu segundo trabalho, o herói obteve outra vantagem: abrindo o corpo morto da hidra, ele mergulhou as pontas de todas as suas flechas em seu veneno. Fossem quais fossem as tarefas que o favorito de Hera viesse a lhe infligir, ele agora estava bem armado para enfrentá-las. Mais uma vez, o miserável Euristeu não só fracassara em causar mal ao herói, mas também, involuntariamente, o favorecera. Hércules possuía as armas mais mortais jamais conhecidas pelo homem: as flechas embebidas no veneno da Hidra de Lerna.

Ao final, Hércules e Iolau recolheram as cabeças do monstro espalhadas pelo chão, meteram-nas dentro de um saco e voltaram a Micenas. Quando chegaram ao palácio, Euristeu, além de se negar a vê-los, deu tamanho berro, que foi ouvido por toda a cidade.

– Ele podia ter me envenenado, esse vilão! Diga-lhe para tirá-las daqui imediatamente e enterrá-las; sim, enterrá-las a muitas milhas daqui! Eu ordeno!

Mais tarde, o medo e a ira o deixaram para dar lugar a uma profunda melancolia. A cada trabalho, ficava mais claro que Hércules era um homem muito difícil de derrotar – talvez impossível.

O terceiro trabalho: As aves do lago Estínfalo

No lago Estínfalo, viviam aves de rapina horrorosas, que causavam enormes prejuízos aos campos circunvizinhos. Suas asas eram de bronze; seus bicos e suas garras, de ferro, e elas eram imensas e sanguinárias. Nenhum homem ou animal podiam se aproximar do lago, porque, assim que os viam, as aves despejavam penas de bronze pesadas e afiadas como flechas, depois mergulhavam sobre suas vítimas feridas e as devoravam. Assim eram as terríveis aves de Estínfalo e, guiado por Hera mais uma vez, Euristeu ordenou que Hércules as destruísse.

O herói seguiu para o lago, acompanhado por Iolau. Como anteriormente, ele estava protegido pela pele do leão, enquanto o jovem carregava um escudo enorme. Quando chegaram a Estínfalo, tudo estava silencioso. Não se via nenhuma ave, mas no solo havia penas grandes, algumas cravadas profundamente na terra.

Hércules apanhou uma delas, olhou-a com interesse, sopesou-a e disse:

– É feita de bronze sólido. Que flecha! Imagine o que podem fazer, quando caem como chuva. Mas não se preocupe, seu escudo é forte e você só precisa tomar um pouco de cuidado. E eu tenho a pele do leão, portanto nada pode me ferir.

A dificuldade era que todas as aves estavam em seus ninhos e não se via nenhuma. Afinal, apareceram duas. Lançaram algumas penas de bronze casualmente, mas não tiveram tempo para ajustar a pontaria. Duas flechas de Hércules derrubaram-nas do céu, e elas foram tragadas pelas águas do lago.

O problema, porém, não seria resolvido derrubando umas poucas aves que aparecessem no céu. A região tinha que se livrar delas para sempre, e dizia-se que havia tantas que nem se podia contá-las.

Enquanto Hércules examinava tudo e começava a entender quão difícil era a tarefa, ouviu-se um baque súbito: algo pesado caía no chão, atrás dele. Um momento depois, ouviu-se outro.

– Matracas, duas matracas! – exclamou Iolau confuso. – Elas caíram exatamente do céu!

Hércules pegou uma delas. Feita de bronze, muito se assemelhava às matracas de madeira que os camponeses usavam para espantar os pássaros de suas

plantações, só que era maior.



– Atena nos mandou uma ajuda num momento difícil! – exclamou Hércules. – Elas farão com que as aves saiam de seus ninhos! Pegue uma, Iolau, e gire como estou fazendo!

E os dois começaram a girar as matracas no ar.

O barulho que faziam era terrível. As aves do Estínfalo, aninhadas nas pedras vizinhas, levantaram voo, alarmadas, e, grasnando, voaram em círculo. Num instante o céu ficou cheio das horríveis criaturas, e, ao barulho das matracas, juntaram-se o estrondo de suas asas de bronze e os ásperos gritos que saíam de suas gargantas. Era um caos de sons horrendos.

– Chega de matracas! – Hércules gritou, e pegou seu arco.

Nenhuma das flechas do herói errou o alvo. Muitas delas chegaram até a derrubar duas aves de uma só vez, porque num mero arranhão inoculavam o veneno da hidra, no qual suas pontas tinham sido mergulhadas, o suficiente para matar. As aves caíam mortas do céu, algumas para serem tragadas pelas águas verdes do lago, outras chocando-se contra os juncos, outras, ainda, batendo contra os penhascos com o estrondo do bronze de que eram feitas.

Com seu arco, Hércules espalhou a destruição entre as aves do Estínfalo, que

tentavam inutilmente atingir os dois homens, provocando uma chuva de dardos de metal, mas tanto Hércules como Iolau estavam bem protegidos. Em pouco tempo, toda a área ficou coberta pelos corpos e, então, as aves restantes, piando com medo, levantaram voo e desapareceram no horizonte. As medonhas aves de rapina tinham deixado o lago Estínfalo para sempre. Voando sobre terra e mar, chegaram finalmente a uma ilha deserta do Mar Negro e nunca mais voltaram. O lago Estínfalo estava limpo e seguro outra vez e, com a partida dos monstros voadores, os sorrisos voltaram aos lábios das pessoas que por ali viviam.

Mas havia um par de lábios para os quais isso não trouxe sorriso algum. Euristeu teve uma crise de raiva quando soube que Hércules voltava vivo. Hera confortou-o com estas palavras:

– Hércules tem doze trabalhos para realizar e ele só realizou três. Você pode estar certo de que em algum ele encontrará a morte. Ordene que agora traga vivo o javali selvagem que corre livre no monte Erimanto. Ele é tão rápido que Hércules nunca logrará pegá-lo.

Depois, Hera curvou-se e cochichou em seu ouvido os outros perigos que Hércules enfrentaria antes de encontrar o javali. Euristeu esfregou mãos de satisfação.

O quarto trabalho: O Javali de Erimanto

Quando Hércules recebeu as novas ordens, ficou desconfiado. Por que o insignificante Euristeu mandava realizar aquela tarefa? Era verdade que o javali era um animal feroz e sempre que descia a montanha arruinava plantações e jardins, remexendo a terra e arruinando o trabalho paciente dos agricultores. E se alguém tivesse a infelicidade de pegá-lo fazendo isso, ele atacava com seus dentes afiados como navalha e matava num segundo. Hércules sabia como se proteger, está claro. O único problema era descobrir um modo de agarrar o animal vivo.

Obviamente, Euristeu não pedira o extermínio do javali devido a sua compaixão pelos habitantes da região ameaçada. Se não isso, então que razão teria?

Ainda remoendo essa questão, Hércules partiu para Erimanto. Em alguns dias, chegou ao sopé da montanha. Era noite alta, ele tinha parado numa fonte para beber água e descansar, quando ouviu um tropel se aproximando. Era apenas um cavaleiro, que surpreendeu o herói: não se tratava de um homem sobre um cavalo, mas de um centauro – meio homem, meio cavalo. Seu nome era Folos.

Quando viu Hércules, Folos aproximou-se trotando, saudou o herói

amistosamente e perguntou o que ele estava fazendo naquele lugar selvagem. Hércules disse quem era e por que estava ali, e o centauro ficou contente em conhecê-lo, pois já ouvira muito falar das façanhas do herói.

– Eu ficaria honrado se você viesse para nossa caverna – ele disse – para compartilhar um pouco de comida e descansar suas pernas. Agora vamos, antes que meus irmãos cheguem. Prefiro que eles não saibam que você passou por este caminho, porque são um pouco rudes e se tornaram o terror da região. Só Quíron é calmo e amistoso – mas, também, ele é mais sábio que os próprios deuses. Infelizmente, ninguém o ouve e até os que sobrevivem ao javali não escapam de nós. É um lugar abandonado pelos deuses, eu lhe digo, e ninguém põe o pé aqui se puder evitar. De qualquer modo, venha e coma alguma coisa. Eu gostaria de convidá-lo para ficar mais tempo, mas temo pelo que poderia acontecer com meus irmãos. Se estiverem de mau humor, matam só para se divertir.

Quando chegaram à caverna, Folos provou ser um bom anfitrião. Acomodou Hércules e lhe serviu uma comida saborosa. Mas só comida; vinho, não.

Entretanto, jazia uma grande jarra de vinho num canto. Então, por que não tinha sido servido? Hércules pôs o primeiro bocado na boca e não pôde se conter.

– A comida está deliciosa – observou o herói –, mas falta um bom vinho para acompanhá-la.

Folos ficou envergonhado, sentido por não ter oferecido nada para beber. Tinha, porém, uma boa razão para isso.

– Nós, centauros – ele disse –, temos o vinho mais fino do mundo. Mas não o oferecemos nem para os deuses. Em seu caso, porém, vou fazer uma exceção – embora eu peça aos céus que nos ajudem, se meus irmãos sentirem o cheiro dele.

Com essas palavras, encheu duas taças e deu uma a Hércules. Enquanto bebiam, a fragrância doce e penetrante espalhou-se pelo ar.

De um cheiro tão doce, as consequências foram deveras amargas.

Os vapores fortes flutuaram para fora da caverna, de onde uma leve brisa, enviada por Hera, levou-os até as narinas dos outros centauros.

– Este é o cheiro de nosso vinho! – exclamou o primeiro.

– Estão bebendo nosso vinho! – bradou o segundo.

– Você quer dizer que o estão roubando! – vociferou o terceiro.

E todos dispararam para a caverna a galope.

Folos foi o primeiro a ouvir o tropel e correu para fora, a verificar.

– Estamos perdidos! – gritou aterrorizado. – Eles sentiram o cheiro e estão chegando!

Quando ouviu isso, Hércules apressou-se em se juntar a ele.

Assim que os outros centauros viram um homem do lado de fora de sua caverna, ficaram muito mais furiosos. Imediatamente se armaram com tudo que estava a seu alcance, alguns com pedras enormes, outros com troncos inteiros de ciprestes, arrancados na hora. Então, avançaram para a caverna, e Hércules se viu em perigo mortal.

Só um centauro, o sábio Quíron, tentou detê-los, mas foi em vão. Um instante depois, eles começaram a arremessar grandes pedras. Felizmente a distância ainda era muito grande e elas não chegaram até Hércules, que, de imediato, puxou seu arco e começou a atirar com força e precisão. Suas flechas, embebidas no veneno da Hidra de Lerna, desbarataram os centauros. Cada flecha lançada derrubava um deles como se fosse um raio. Quíron gritou que parassem, mas ninguém ouviu, e, um após outro, foram caindo mortos. Quando os últimos e poucos sobreviventes viram o resultado inacreditável da rápida batalha, deram meia volta e se espalharam por todas as direções. Por fim, alguns se refugiaram em Maleia, enquanto outros, como o centauro Nesso, fixaram-se na região do rio Eveno.

Embora todos os centauros ferozes tivessem sido mortos ou fugido do monte Erimanto, Hércules não estava alegre com a batalha, sentia um grande pesar. Porque uma das flechas do herói trespassara o braço de um centauro e atingira o velho Quíron no pé. Dentre todos os centauros, só Quíron era imortal, por isso o veneno da Hidra abriu-lhe uma ferida tão horrível, cuja dor era insuportável. O próprio Hércules acorreu a lavar a ferida, mas ele também sabia que jamais seria curada. Quíron passou anos de agonia até que implorou ao poderoso Zeus que o deixasse morrer, interrompendo aquela tortura infinita. Zeus atendeu a súplica do centauro, mas não deixou que o deus da morte o levasse para as profundezas do inferno. Em vez disso, levou Quíron para o céu e o colocou na constelação que, desde então, passou a ser chamada de Centauro.

Como se isso não bastasse, Hércules pranteou outro amigo naquele dia. Angustiado com a perda de seus irmãos, Folos curvou-se, pegou uma flecha do chão e perguntou ao herói:

– Como pode uma flecha assim tão pequena ocasionar morte tão rápida?

– Não toque nela! – Hércules gritou assustado. E tão alto foi o grito que Folos jogou-a no chão com um movimento brusco. Ao cair, a ponta aguda da flecha arranhou a perna do centauro. Isso foi o suficiente. Folos caiu no chão, morto – tal era o poder do veneno da Hidra de Lerna.

Transido de dor, Hércules enterrou seu amigo centauro. Depois deixou aquele

lugar funesto e, com o coração partido, seguiu seu caminho para o alto do Erimanto, em busca do javali selvagem.

Agora ele compreendia por que Euristeu o tinha enviado para aquele lugar. Ele podia não ter ferido o herói fisicamente, mas golpeara cruelmente seu coração. A morte de Folos e a longa e dolorosa agonia de Quíron pesariam no espírito de Hércules durante muitos anos...

Triste ou não, sua missão era pegar o javali e levá-lo para Euristeu.

Depois de procurar por todos os lados, Hércules finalmente encontrou o rastro do animal. Era muito fácil matá-lo; no entanto, deveria pegá-lo vivo.

O herói perseguiu o javali durante muitos dias e noites, mas ele corria rápido como um raio, enfiava-se em moitas e rastejava através de fendas estreitas demais para que Hércules pudesse segui-lo. Inúmeras vezes perdeu o animal, esgotou-se procurando por ele e saiu de novo em sua perseguição – tudo sem proveito algum.

Por fim, Hércules sentou-se e pensou. Força e velocidade nem sempre eram a resposta; a esperteza se fazia necessária, e essa qualidade não faltava ao herói.

– Preciso fazer com que o javali vá para um lugar no qual não possa escapar de mim – concluiu.

Subindo numa pedra alta, Hércules examinou tudo a sua volta. Finalmente viu os picos da montanha cobertos de neve.

– Sim, é para lá que eu tenho de conduzi-lo – disse o herói, e recomeçou a perseguir o javali, forçando-o a subir.

Toda vez que ele tentava mudar de direção, o herói jogava pedras em seu caminho, obrigando-o. Desse modo, dirigiu o javali até os picos e, finalmente, forçou-o a entrar numa cavidade cheia de neve. Enterradas na massa branca e fofa, as pernas pequenas e flexíveis do animal não puderam mais levá-lo adiante. Seu corpo pesado afundou na neve até o peito e ali ele ficou imerso, incapaz de mover-se.

Assim, finalmente, Hércules pegou o javali, amarrou suas pernas juntas, colocou-o sobre os ombros de modo que o animal não o ferisse e o levou para Micenas.



Com passos grandes e firmes, Hércules passou pelos guardas, estarrecidos, nos portões do palácio e, por acaso, entrou direto até Euristeu. Quando os olhos do rei viram o herói com o javali selvagem nos ombros, ele deu um grito agudo e suas pernas ficaram moles como geleia. Então, desenrolou-se uma cena que se tornou o tema favorito dos antigos pintores de vasos da Grécia. Aterrorizado, o poderoso rei de Micenas deu um salto e se jogou dentro de um grande vaso de barro. Como se nada de estranho tivesse acontecido, Hércules continuou andando até ele e se curvou sobre a borda do recipiente, para que Euristeu pudesse ver o javali bem de perto – tão de perto que o focinho do animal, com seus dentes afiados como agulha, quase tocou o rosto do covarde fanfarrão. Um suor frio cobriu seus membros, ele tremeu como folhas de outono e ficou quase tão amarelo quanto uma delas. Se Euristeu tivesse avistado o Hades, não teria ficado tão amedrontado.

O quinto trabalho: A Corsa Cerinita

Euristeu levou nove dias inteiros para se recuperar do choque de ver o javali selvagem. Assim, pela primeira vez, Hércules não saiu imediatamente para realizar o trabalho seguinte e descansou um pouco para recobrar sua força. A verdade é que ele precisava muito disso. Mas, no décimo dia, Copreu, o arauto, chamou-o para dar as novas ordens de seu mestre: encontrar a corsa cerinita, consagrada a Ártemis, e trazer o animal, impossível de ser apanhado, para

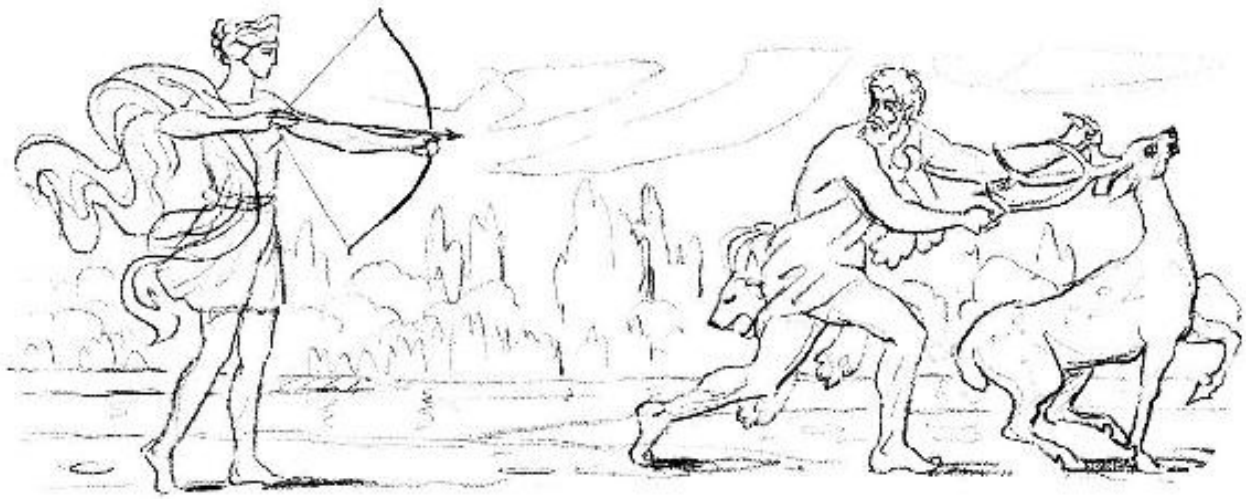
Micenas, vivo.

– Agora esse sujeito vai ver o que é correr sem parar! – disse Euristeu para si mesmo, deleitando-se em imaginar Hércules perseguindo o animal por todos os lados inutilmente, pois tinha certeza de que, daquela vez, conseguiria humilhar o herói.

– E, se ele a pegar, pior para ele! – Euristeu regozijava-se. – Porque, então, terá de enfrentar a deusa Ártemis, que ama a corsa e vela por ela. Ártemis, a cruel, só conhece uma punição: a morte.

Era realmente verdade que Ártemis amava a corsa acima de todas as criaturas. Ela tinha sido um presente de Taigete, filha de Atlas e mãe de Lacedêmon, um dos primeiros reis de Esparta.

A corsa cerinita era a mais veloz e mais encantadora criatura do mundo. Podia correr sem nunca se cansar, porque seus cascos eram feitos de bronze e sua cabeça era adornada por esplêndidos chifres de ouro maciço polido.



Durante um ano inteiro, Hércules perseguiu-a – pelas montanhas, através de desfiladeiros, cruzando rios, seguindo-a pelos vales e grandes planícies. Cruzou o istmo de Corinto, perseguindo a corsa até os picos do Citéron, Parnaso e Oetes, depois, descendo, perseguiu-a na Tessália e na Ilíria. Algumas vezes, ele corria sob um sol causticante; outras, num frio cortante. Às vezes, machucava os pés em pedras pontiagudas ou tropeçava na neve fofa. A corsa cerinita levava-o sempre para diante, além das fontes dos Istros e subindo para as terras dos Hiperbóreos;(11) depois, voltando para a Grécia e descendo pelo Peloponeso, correndo à sua frente pelo monte Artemísion e atravessando toda a Arcádia. O animal sagrado não dava sinais de cansaço, e Hércules seguia atrás dele, obstinadamente, sem o perder de vista, mas nunca perto o suficiente para agarrá-

lo. Até que chegaram no rio Ládon.

Então a corsa interrompeu sua fuga voraz. Olhou em volta, procurando um lugar para atravessar. Hércules, percebendo que não havia outra solução, esticou seu arco e apontou para as patas do animal. A pontaria e a escolha do momento exato revelaram toda sua perícia: a flecha atravessou as quatro patas de uma só vez, no justo instante em que ficaram juntas num salto. A arma passou-lhe entre os tendões e os ossos, sem derramar uma só gota de sangue. A corsa não ficou muito machucada, mas não conseguiu se mover sequer um centímetro.

Antes que Hércules pusesse seus braços em volta da corsa, uma voz de mulher ecoou pelo lugar deserto.

– Como ousa! – ela exclamou.

E, voltando-se rapidamente, Hércules viu Ártemis, a grande deusa dos bosques, com seu arco apontado diretamente para ele, com uma fúria incontrolável estampada no rosto.

O herói sabia que a corsa tinha sido um presente dado a Ártemis. Ele também sabia que deusa formidável era ela e como punia impiedosamente todos os que lhe causavam o menor mal. Lembrou-se da severidade com que ela tratara Ácteon, por causa de uma ofensa totalmente involuntária; de como se vingara de Níobe, matando todos os seus filhos sem piedade, e de como tinha encontrado um meio de destruir os Aloídas, quando aqueles gigantes terríveis ameaçaram derrubar os deuses de seus tronos.

Ele sabia de todas aquelas coisas, mas não estava com medo.

– Como ousa! – exclamou a deusa novamente. – Como ousa ferir minha corsa? Você a perseguiu um ano inteiro e eu o deixei em paz, porque sabia que não tinha a velocidade necessária para derrubá-la de mãos vazias. Mas persegui-la não bastou – teve que feri-la também! Quem você pensa que é? Zeus pode ser seu pai e eu sua irmã, mas não é um deus e não terei piedade de você. Explique esse insulto, e explique logo, pois minhas flechas nunca erram o alvo!

– Estou obedecendo ordens de Euristeu, o mesquinho rei de Micenas. Tenho que levar esta corsa até seu palácio, mostrá-la a ele e depois soltá-la de novo. Não fui eu quem decidiu fazer isso, mas os próprios deuses. E, como vê, respeito os deuses e levo a cabo seus desejos. Agora, se você acha que agi mal, mate-me.

Ártemis ficou atônita com a resposta. “Se você acha que agi mal, mate-me”. No entanto, ele obviamente agira bem. Por outro lado, tinha ferido sua corsa, e aquilo era um grande insulto. Duas forças lutavam dentro dela: de um lado, estava seu orgulho de deusa olímpia e, do outro, a simples lógica. Durante um bom tempo ela ficou pensativa e indecisa, mas, por fim, baixou seu arco e disse:

– Leve a corsa para Euristeu, mas tenha cuidado para não machucá-la mais. Esta é a primeira vez que um homem consegue vergar minha vontade. Você merece congratulações, Hércules.

O herói pegou a corsa e a levou para Micenas. Força, rapidez e esperteza nem sempre são suficientes para realizar grandes façanhas. Às vezes a dignidade do espírito também é necessária – e essa era uma qualidade que o filho de Alcmene nunca perdera.

Quanto ao insignificante Euristeu, ele espumou de raiva quando soube que aquele trabalho também se cumprira.

– Mas há um modo de manter esse Hércules longe dos portões do palácio – pensou – e de humilhá-lo e envergonhá-lo completamente também. Vou mandá-lo remover esterco pelo resto de seus dias! Imediatamente chamou seu arauto:

– Copreu! Copreu! Mande Hércules limpar os estábulos de Áugias!

O sexto trabalho: Os estábulos de Áugias

Naquela ocasião, os estábulos de Áugias, rei de Élis, estavam repletos de montes de esterco fétido, jamais removido.

Esse rei Áugias era filho de Hélios, o Sol, e possuía inúmeros animais, tanto pequenos como grandes. Entre eles, estavam trezentos belos touros negros com pernas brancas, presente do próprio Hélios, outros duzentos tão vermelhos quanto o pôr-do-sol e mais doze tão brancos como cisnes. Sobressaía-se dentre todos um touro que brilhava como se fosse o deus luminoso.

Além de seus rebanhos, Áugias também possuía as terras mais férteis. Mas, estranhamente, era justo a riqueza da planície de Élis que tinha causado o problema que a região enfrentava naquele momento. Os campos eram tão férteis que não podiam mais ser adubados e, desse modo, o esterco nunca era retirado dos pátios do estábulo, onde se amontoava, ano após ano, até formar montes imensos, que nenhum homem podia deslocar. Se todas as pessoas de Élis, inclusive as mulheres e crianças, trabalhassem noite e dia nos estábulos durante anos, ainda assim não seriam capazes de remover a imundície. Abarrotando os estábulos de Áugias, lá ficava aquilo tudo, espalhando pestilência.

A montanha de excrementos tinha que ser removida de alguma maneira e, mais ainda, Hércules tinha de fazê-lo sozinho.

– Deixe que ele se arraste na sujeira toda a sua vida e que morra nela – Euristeu se regozijou. – Então veremos quem vale mais, um grande rei como eu, ou um herói perdido, sujeito à minha vontade.

Assim que chegou a Élis, Hércules foi examinar os estábulos. Quando viu a

tarefa que o esperava, a inveja e o ressentimento que o insignificante Euristeu nutria por ele ficaram claros mais uma vez.

– Deve haver uma solução para o problema – disse a si mesmo, e sentou-se para pensar.

Depois de algum tempo, as noções de um plano começaram a se formar na mente atilada do herói e ele desabalou rumo ao topo do terreno elevado que circundava os campos. Dali, descobriu dois rios que cruzavam a planície, à esquerda e à direita, como duas enormes serpentes brilhantes, antes de se perderem no horizonte. Os estábulos ficavam entre o Alfeu e o Peneu, os maiores rios de Élis e de todo o Peloponeso. Hércules examinou-os cuidadosamente, depois desceu a colina, sorrindo, e foi procurar o rei Áugias.

– Eu sou Hércules, filho de Alcmene – ele anunciou –, e vim limpar seus estábulos.

– Você trouxe trabalhadores suficientes, não? – perguntou o rei com ironia. – Porque eu não posso dar nenhum.

– Não preciso de trabalhadores – Hércules replicou. – Vou limpá-los eu mesmo, sozinho.

Áugias riu.

– E quantos anos você pensa que vai viver? Milhares?

– Vou limpar seus estábulos em um só dia – respondeu o herói com uma voz confiante.

– Escute, Hércules, vamos deixar de brincadeiras, fale sério!

– Mas falo sério, absolutamente sério. Seus estábulos serão limpos em um único dia.

– Se você fizer o que está dizendo, ganhará um décimo de todos os meus rebanhos – respondeu o rei, que chamou seu filho Fileu para testemunhar o acordo.

Então, Fileu mandou Hércules jurar que os estábulos estariam limpos antes de anoitecer e, embora o herói nunca tivesse feito um juramento antes, consentiu em fazê-lo.

– E você também, meu pai – Fileu continuou –, jure que, se Hércules fizer o que prometeu, você lhe dará um décimo de seus rebanhos.

Áugias jurou por sua vez e, no dia seguinte, Hércules começou a trabalhar quando surgiu a aurora.

Quando o Sol já estava alto no céu, Áugias foi até seus estábulos para ver como ia o trabalho. Mas lá não havia sinal de Hércules e nem o menor indício de que alguma coisa tivesse sido feita.

– Por que fui me dar ao trabalho de vir até este lugar malcheiroso? – disse, encolhendo os ombros. – Eu sabia que suas palavras eram as de um louco e, no entanto, sentei-me aqui e selei um acordo com ele, com juramentos e testemunhas.

– Majestade – um pastor disse –, vi Hércules lá embaixo, no Peneu.

– O trabalho dele está aqui e ele vai lá para o rio? O que estava fazendo lá, afinal?

– Não me pergunte! – o pastor respondeu. – Coisas de louco. Está jogando terra e pedras na água – pedras enormes, mesmo. Que força incrível! Ele tem mais músculos que um titã. Mas para que servem? Se ficasse aqui por alguns anos, então talvez pudesse fazer alguma coisa.

– Eu achei que ele estava louco, e como estava certo! – o rei respondeu. – Agora vamos sair daqui antes que o fedor me faça desmaiar – e saíram depressa, tampando o nariz com a mão.



O pastor estava certo: Hércules realmente estava trabalhando nos rios. Estava construindo dois diques. Por volta do meio-dia, o trabalho estava terminado e massas de água começaram a subir atrás deles.

– Logo a água terá subido o suficiente para transbordar, exatamente no lugar

que desejo – disse Hércules, e correu para os estábulos, onde fez duas grandes aberturas nos muros que o cercavam. Assim que terminou, subiu até o ponto mais alto, ali perto, para ver o que iria acontecer.

Ele não teve de esperar muito tempo.

– As águas do Peneu estão chegando! – gritou triunfante.

E um pouco depois:

– E agora estão vindo do Alfeu!

Realmente, pouco tempo depois, as águas dos dois rios foram entrando nos estábulos pelos buracos feitos nos muros, e fizeram seu trabalho tão rapidamente e tão bem que Hércules não cabia em si de alegria. Não só tinha limpado os estábulos de Áugias, como também os lavara. Jamais poderia ter sido feito um trabalho melhor.

Hércules voltou aos rios, demoliu os dois diques, voltou aos estábulos e consertou os buracos nos muros. Sua tarefa estava terminada. Quando o Sol desapareceu atrás das colinas do oeste, o herói foi ter com Áugias.

Nesse momento, o rei já sabia do acontecido, mas em vez de contente, estava furioso, pois não queria entregar os animais que prometera.

– Não foi você que limpou os estábulos! – vociferou. – Foram os rios!

– O que quer dizer com isso? – perguntou o herói surpreso.

– Que o trabalho foi feito pelos deuses dos rios, Alfeu e Peneu. Eles são os únicos a quem devo agradecer!

– E você não me deve nada? E o nosso acordo?

– Não fizemos nenhum acordo! – respondeu o rei.

– E o seu juramento?

– Não fiz juramento algum! – Áugias gritou com raiva. – Agora saia daqui, seu ladrão de gado!

Hércules não podia acreditar no que ouvia. A insolência do homem não tinha limites. Não era a perda dos animais prometidos que o perturbava, mas o fato de Áugias tê-lo ludibriado. Aquilo era insuportável. O herói decidiu não deixar que o assunto terminasse assim e levou o rei ao tribunal.

Os juízes chamaram Fileu como testemunha e o jovem, corajosamente, contou-lhes toda a verdade sobre o que tinha se passado entre Hércules e seu pai. Hércules ganhou a causa, mas Áugias teve uma explosão de raiva e não só se recusou a acatar o veredito dos juízes, como também exilou ambos, ele e seu filho, proibindo Hércules de pôr os pés em Élis para sempre.

– Eu voltarei – retorquiu o herói –, e você pagará caro por seus truques sujos. Eu devia fazê-lo pagar agora, mas este não é o momento, os deuses têm um

trabalho urgente para mim. Não me esquecerei, pode ter certeza!

E não se esqueceu. Quando todos os doze trabalhos tinham sido realizados, Hércules voltou a Élis com um exército. Combateu Áugias, matando-o ao final, e fez rei Fileu. Hércules não quis ficar com o gado que lhe era devido e Fileu ofereceu-lhe uma faixa de terra perto do rio Peneu. Lá, Hércules construiu um templo para Zeus Olímpio e um grande estádio, cujo tamanho, dizia o povo, fora medido com seus próprios passos largos. Deu o nome de Olímpia ao lugar e organizou ali os primeiros jogos olímpicos.

Quando Hércules voltou a Micenas, Euristeu ficou totalmente surpreso, pois não esperava vê-lo outra vez. Tremendo de medo, chamou Copreu e o mando descobrir como Hércules lograra voltar, uma vez que fora enviado para uma tarefa que tomaria milhares de anos.

– Já sei, grande rei – respondeu Copreu. – Ele limpou os estábulos de Áugias em um único dia!

E prosseguiu, explicando exatamente como Hércules realizara o trabalho que parecia impossível.

As palavras do arauto deixaram Euristeu com um pânico ainda maior, pois naquele momento ficara claro para ele que Hércules, além de forte e corajoso, era extremamente inteligente. O rei de Micenas, com seu raciocínio falho e lento, sentiu que não era absolutamente nada em comparação ao herói e, por isso, desejou com todas as forças que ele de fato sucumbisse. Fácil de dizer, fazê-lo, porém... Hércules sempre conseguia sair vitorioso. Estrangulara o Leão de Nemeia, matara a Hidra de Lerna e libertara o lago Estínfalo das aves de rapina. Trouxe o Javali do Erimanto para Micenas, capturou a corsa cerinita e, agora, dera cabo da sujeira dos estábulos de Áugias. Metade dos trabalhos já havia sido cumprida, e cada um deles parecia ser uma tarefa além da capacidade humana. O que poderia impedir Hércules de realizar o resto? Euristeu estava torturado por esse pensamento quando Hera veio em seu auxílio outra vez e o aconselhou a mandar Hércules a regiões distantes, para trabalhos colossais. Todas as primeiras seis tarefas haviam sido no Peloponeso. As seis seguintes exigiriam jornadas longas e perigosas.

O sétimo trabalho: O Touro de Creta

Realmente, o sétimo trabalho foi duplamente perigoso. Euristeu ordenou que Hércules fosse capturar o terrível touro que assolava os campos de Creta. Na verdade, não só capturá-lo, mas levá-lo vivo para Micenas, pelo mar.

Que tipo de criatura era esse Touro de Creta?

O rei Minos, de Creta, prometera certa vez ao deus Possêidon que sacrificaria a ele qualquer animal que fosse lançado vivo em suas praias. Depois de algum tempo, Possêidon fez um esplêndido touro aparecer das águas que banhavam Creta; um touro com chifres de ouro e cascos de bronze.

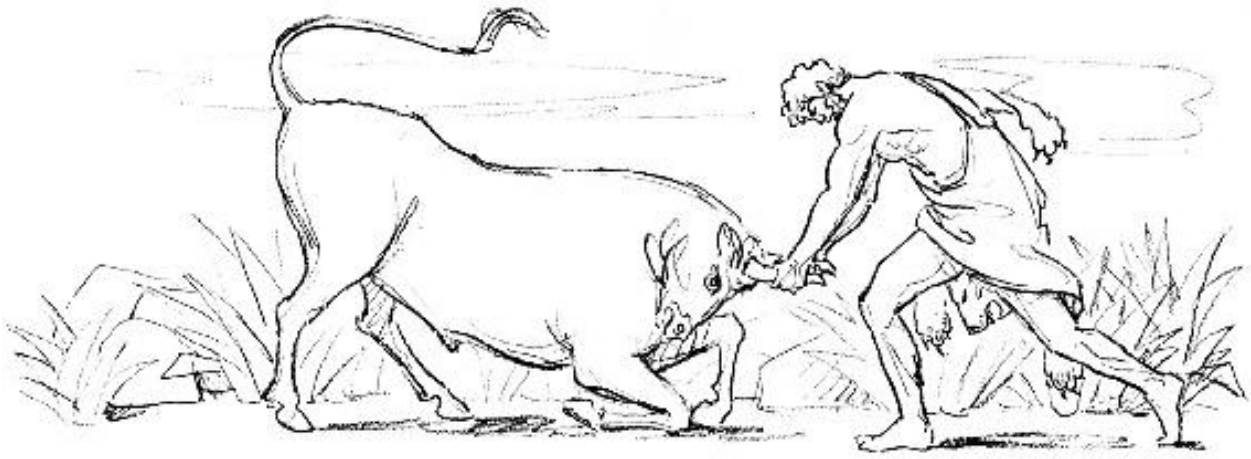
Quando o grande rei viu aquela criatura soberba, não resistiu à tentação de possuir o animal e quebrou sua promessa, guardando-o em seus estábulos. Em lugar do touro de Possêidon, sacrificou um touro comum.

O deus ficou mortalmente ofendido.

– Será que Minos tem tão pouca consideração pelos deuses?! – gritou enfurecido. – Ele pretende se beneficiar guardando o touro contra minha vontade? Muito bem, ele vai ver o que ganha com isso: infelicidade e dor!

De repente, o magnífico touro, que até então fora manso como um cordeiro, transformou-se num monstro furioso. Possuído por uma necessidade selvagem de destruir, atacava homens e animais, deixando um rastro de carnificina por onde passava. Todos os que tentavam domar ou destruir aquela criatura morriam na luta desigual, pois a furiosa agitação do touro era uma expressão da ira do deus do mar.

Coube a Hércules a tarefa de capturar a fera e levá-la viva para Micenas, através do vasto mar Egeu.



O herói navegou até Creta e foi pedir autorização ao rei Minos para realizar sua tarefa.

– Estou de pleno acordo – respondeu o rei –, mas duvido que o touro também esteja! E você está dizendo que quer levá-lo para Micenas pelo mar? Deve estar fora de seu juízo! Bem, espero que seja bem sucedido. De todo modo, não derramarei minhas lágrimas por você: um herói a menos não é uma grande perda para o mundo.

– Como todos esses reis me odeiam! – disse Hércules a si mesmo. – Euristeu, Áugias e agora Minos. Bem, que seja. Minha tarefa é capturar o touro e levá-lo a Micenas.

Não foi preciso muito tempo para encontrar a criatura, e a luta começou na mesma hora, pois, assim que o touro avistou o herói, arremeteu-se com os chifres baixos. O estrondo de seus cascos se aproximando era suficiente para aterrorizar qualquer homem, mas Hércules continuou firme, jogando-se para o lado só no último momento, quando o touro finalizava a estocada. Em vez do alvo esperado, seus chifres encontraram apenas ar, e, com os joelhos travados, o touro estatelou-se no chão violentamente, vítima da força de sua própria investida. Porém, como um raio, o horrendo animal se pôs de pé e, bramindo, tornou a investir contra o herói. Quando a cabeça do touro estava quase atingindo o alvo, Hércules segurou seus chifres e os apertou como um torniquete de aço, impedindo subitamente seu curso. Um tremor correu por todo o corpo poderoso da fera, como se tivesse colidido contra um muro de pedra.

Com toda sua temível força, Hércules empurrou a cabeça do touro para baixo até suas narinas rasparem o chão. O animal lutava raivoso, mas em vão. Por mais que tentasse, não conseguia levantar a cabeça de novo. Seus cascos traseiros arranhavam desesperadamente a terra, tentando encontrar um ponto de apoio, mas nada podia desalojar o filho de Zeus ou fazê-lo perder o equilíbrio. Uma espuma borbulhava na boca do touro, cheio de raiva impotente – não havia nada que pudesse fazer. Em pouco tempo suas últimas forças esgotaram-se, e ele se entregou extenuado a seu oponente.

Hércules amarrou uma corda nos chifres do touro, que não pôde mais se libertar ou investir contra o herói. O temível Touro de Creta finalmente fora domado.

Assim, Hércules levou o touro para o mar. Agora, a tarefa que parecia impossível tinha se tornado subitamente fácil: em lugar de nadar para o Peloponeso com o furioso animal, Hércules fez justamente o oposto, sentou-se confortavelmente nas suas costas e deixou-se levar até lá.

Chegaram à costa e Hércules logo amarrou o touro no estábulo de Euristeu. Quando o rei soube que o terror de toda a Creta estava em seu curral, gritou de desespero e mandou que seus homens o levassem para as montanhas, para tão longe de Micenas e de seu palácio quanto pudessem. Hércules tinha vencido o touro e o trazido bem amarrado, e Euristeu o libertava novamente por pura covardia, pouco se incomodando com os prejuízos que isso pudesse trazer a seu povo!

Outra vez em liberdade, o touro tornou-se o terror do Peloponeso. Por fim,

atravessou o istmo de Corinto e foi dar em Maratona, onde passou a assolar todos os campos da região. Conhecido a partir daí como o Touro de Maratona, estava destinado a ser morto por Teseu, o grande herói de Atenas.

O oitavo trabalho: Os cavalos de Diomedes

Depois da jornada de Creta, seguindo outro conselho de Hera, Euristeu enviou Hércules à Trácia para trazer os cavalos do rei Diomedes.

Esses perigosos animais ficavam trancados nos estábulos reais, presos a pesadas correntes. Dizia-se que suas mandíbulas eram de bronze e que só se alimentavam de carne humana.

Porém, ainda mais temível do que os cavalos era o próprio Diomedes, rei dos selvagens bistones. Filho de Ares, deus da guerra, sua paixão pelas batalhas estava no sangue. Todas as vezes que saía de sua belicosa tribo para combater, a ruína e a destruição espalhavam-se entre seus infelizes vizinhos.

Maior que a paixão pela destruição era seu orgulho pelos cavalos antropófagos. Todo prisioneiro que caía em suas mãos era jogado, vivo, para alimentá-los. E não só os capturados nas guerras tinham esse destino terrível, isso acontecia a todo estrangeiro desavisado que passasse pela Trácia, acreditando nas usuais regras da hospitalidade estabelecidas pelo próprio Zeus. Nenhum estrangeiro caído nas mãos de Diomedes jamais lhe escapou: seus garanhões devoraram todos.

Quando Hércules foi para a terra dos ferozes bistones e de seu rei sanguinário, levou consigo amigos que estavam prontos a lutar a seu lado, se fosse necessário. Entre eles estava Abdero, um jovem ousado da Lócrida.

O herói e seus companheiros chegaram à Trácia pelo mar. Hércules logo descobriu o estábulo e, enquanto seus companheiros desabavam sobre os guardas para amarrá-los, ele desacorrentou os animais de suas baias e, segurando-os pelas rédeas, conduziu o tropel até o navio.

– Fiquem aqui enquanto eu ponho os cavalos a bordo e avisem-me, se virem Diomedes vindo! – Hércules disse para os outros.

Apesar dessa ordem, Abdero seguiu o herói, achando que ele poderia precisar de ajuda. Antes mesmo de chegarem ao navio, ouviram gritos.

– Diomedes! Diomedes vem vindo com seus soldados!

Hércules hesitou por um momento e Abdero, percebendo o motivo, disse:

– Não se preocupe, pode deixar os cavalos comigo.

Hércules não ficou muito satisfeito com a ideia, mas não tinha outra escolha. Deixando os animais com Abdero, voltou correndo para enfrentar o perigo.

Ainda longe, avistou uma horda imensa de bistones liderados por Diomedes, que montava um corcel preto. Conforme avançavam, gritavam ferozmente e brandiam suas compridas lanças.



Hércules e seus companheiros estavam diante de um perigo fatal. Como eles, que eram tão poucos, poderiam resistir a tantos? Afinal, o herói encontrou uma resposta.

Notou que a planície onde estavam ficava abaixo do nível do mar, que se mantinha recuado por causa de uma parede de dunas, formadas pela areia que as ondas lançavam.

– Vamos! Ajudem-me a abrir um canal para inundar a planície! – gritou aos companheiros, e, antes que as palavras tivessem saído de sua boca, ele já estava cavando com tenacidade.

Logo conseguiram abrir uma brecha nas dunas, estreita no começo, mas rapidamente alargada pela enxurrada do mar. Em pouco tempo, uma imensa massa de água invadiu a planície, formando um grande lago, o Bistônide. Muitos dos bistones que atacavam foram levados pelas águas espumantes da inundação; outros fugiram. Diomedes e seu acompanhante, que estavam bem à frente, escaparam da invasão das águas, porém tiveram bloqueada qualquer outra saída, e agora tinham de enfrentar Hércules e seus companheiros.

Como animais numa armadilha, logo se viram dominados. Diomedes foi derrubado de seu cavalo por um golpe da clava de Hércules. Não morreu, mas imediatamente o amarraram – por uma boa razão: o cruel rei merecia pagar por

seus crimes e, assim, foi jogado vivo para ser devorado por seus próprios cavalos.

Derrotado o inimigo, Hércules e seus amigos verificaram que tinham sofrido uma triste perda. Os cavalos selvagens haviam estraçalhado Abdero... Não havia palavras que pudessem descrever a dor de todos eles diante da morte de um jovem tão bravo e corajoso.

Hércules ficou inconsolável.

– Foi minha culpa, deixei-o sozinho – repetia.

Mas todos sabiam que o herói não tivera outra escolha.

Hércules pediu a seus companheiros que fizessem um funeral esplêndido para Abdero. Sacrificaram os melhores animais que puderam encontrar e depois honraram seu companheiro morto com competições atléticas. Para que seu nome nunca fosse esquecido, construíram uma cidade naquele lugar e deram-lhe o nome de Abdera.

Quando os heróis por fim tinham pago sua dívida de honra para com a memória do jovem, subiram a bordo de seu navio e velejaram para Micenas com os cavalos.

Iam desembarcar no porto de Argos. Entretanto, Euristeu proibiu Hércules de levar os animais a Micenas. Em vez disso, devia libertá-los:

– Que ele os leve para onde quiser! – gritou Euristeu com a voz trêmula de medo. – Que os mantenha longe de mim e de meu palácio!

Para impedir que os cavalos fizessem mais algum mal aos homens, Hércules levou-os para bem longe, para uma encosta remota do monte Olimpo, onde acabaram sendo devorados por animais mais selvagens ainda.

O nono trabalho: O cinto de Hipólita

Em Micenas, uma nova ordem aguardava o herói: ele devia trazer o cinto de Hipólita, rainha das amazonas. Mais uma vez, tratava-se de uma ideia de Hera.

A deusa estava mais irritada que Euristeu por ver que Hércules lograva êxito em todos os trabalhos que lhe imputavam. Alguma coisa mais difícil tinha de ser encontrada. Foi por isso que pensou nas amazonas, e o cinto de Hipólita lhe veio à mente. Hera se lembrou de que Admete, a filha do rei, era sacerdotisa de seu templo. Assim, podia facilmente incutir na moça o desejo de possuir o cinto da rainha das amazonas. Na primeira vez que a princesa foi ao templo de Hera em Argos, a deusa apareceu diante dela e disse:

– Admete, filha de Euristeu, existe um cinto mágico que é usado por Hipólita, a famosa rainha das amazonas. Ela o ganhou de Ares, rei da guerra, e ele é o

símbolo da autoridade e do poder. Você mesma poderia usá-lo, se pedisse a seu pai que mandasse Hércules buscá-lo.

Admete ficou encantada com a ideia de ter um cinto como aquele, e Euristeu ficou mais encantado ainda quando a filha lhe pediu aquele favor. Sem perder um minuto, ele chamou Copreu e disse:

– Diga a Hércules para ir buscar o cinto de Hipólita!

Mas, dentro dele, reverberava algo bem diferente: “Espero que esse sujeito nunca mais volte, mesmo que minha filha nunca possua o cinto!”

Quando Hércules recebeu a ordem de executar essa tarefa, soube quão difícil seria. Novamente decidiu fazer a viagem por mar, com um grupo de bravos companheiros. E, uma vez mais, famosos heróis da Grécia mostraram-se dispostos a arriscar suas vidas ao lado de Hércules. Entre eles estava Teseu, o grande herói de Atenas, Iolau, sobrinho de Hércules, o valente jovem Télamon de Salamina e Peleu, que mais tarde se tornaria pai de Aquiles.

Seu navio a vela pôs-se ao mar com um vento bom e fez sua primeira escala na ilha de Paros – onde eles também enfrentariam o primeiro perigo.

Naquela ocasião, o rei da ilha, que fica nas Cíclades,(12) era um certo Alceu e, no dia em que o navio de Hércules aportou, os três filhos do rei Minos estavam lá como seus hóspedes, homens orgulhosos, rudes e nada hospitaleiros, embora fossem apenas hóspedes numa terra estrangeira. Como não havia mais água a bordo, Hércules enviou dois de seus companheiros à terra para encher os potes. Lá, a despeito das leis sagradas que protegiam estrangeiros carentes de alimento ou água, foram atacados e mortos traiçoeiramente pelos filhos de Minos.

Hércules testemunhou a cena do convés e, numa explosão de ira e indignação, saltou para a terra, seguido pelos companheiros. Os filhos de Minos pagaram por seu crime com suas vidas, mas a luta logo se transformou numa batalha com os habitantes da ilha. Hércules e os companheiros, entretanto, fizeram os ilhéus recuarem, forçando-os a se refugiarem dentro dos muros da cidade.

Quando os habitantes de Paros perceberam que tinham começado uma guerra contra o poderoso Hércules, logo admitiram seu erro. Dois arautos subiram nas muralhas e tocaram suas trombetas, indicando que queriam falar. Depois, um deles disse bem alto:

– Hércules, filho de Anfítrion, nosso rei Alceu não desejou esta guerra. Ele ficou muito sentido quando soube que havia eclodido um conflito entre nós e que os filhos de Minos tinham matado seus dois homens. Propõe agora que você escolha dois habitantes da ilha, os mais valentes que encontrar, e leve-os com você em sua expedição.

A resposta de Hércules surpreendeu a todos.

– Escolho o rei Alceu e seu irmão Estênelo. Esses dois são, eu creio, os homens mais corajosos dentre vocês.

Um silêncio sepulcral seguiu-se a essas palavras. Ninguém sabia o que poderia acontecer. Mas logo o grande portão do castelo se abriu e Alceu e Estênelo saíram num passo decidido, postando-se atenciosamente diante de Hércules.

– Às suas ordens! – disseram, juntos.

Em vez de dar ordens, Hércules abraçou os dois homens e beijou-os. Dois companheiros jovens e valentes tomavam o lugar dos que haviam morrido e logo o navio largou velas para a terra das amazonas.

Viajando para o norte, passaram pelo Helesponto e pelo Bósforo e saíram no mar Negro. Seguindo a costa da Ásia Menor, aportaram em Mísia, onde o rei Lico os recebeu calorosamente. Um banquete suntuoso foi oferecido no grande salão do palácio. De um lado, sentaram-se o rei Lico e todos os aristocratas de Mísia; do outro, Hércules e seu grupo de heróis. Eles comiam e bebiam, fazendo brindes uns aos outros, quando um soldado entrou esbaforido no salão. Ele parecia ter percorrido um longo caminho, pois estava banhado de suor e coberto de poeira da cabeça aos pés.

– Majestade! – disse ele ao rei Lico. – Os bébrices invadiram nosso país! Esmagaram nossa resistência e vêm vindo em direção à capital, matando, queimando e pilhando tudo que encontram no caminho.

Todos os companheiros puseram-se de pé. Lico olhou consternado para seus nobres, que tinham ficado pálidos.

– Se temos de morrer, que morramos lutando! – exclamou.

– Estamos perdidos! – foi tudo que os nobres puderam responder. – O que será de nossas mulheres e filhos?! – exclamaram outros.

Hércules interrompeu os gritos de desespero.

– Coragem! – gritou com voz retumbante. – Vocês não estão sozinhos. Avante, camaradas! À luta!

Com essas palavras, Hércules e seus companheiros arremeteram-se para fora do palácio, de encontro ao inimigo. Logo estavam no meio da batalha. Com seu aparecimento, os eventos tomaram outro rumo. O vigor do ataque dos heróis espalhou o pânico e a confusão entre os bébrices e reanimou a coragem dos homens de Lico. O inimigo foi derrotado, seu rei foi morto e uma grande parte do país foi cedida a Mísia. Em gratidão, Lico chamou a região de Heracleia.(13) Chegado o momento de retomarem a missão, Lico deu aos corajosos aventureiros tantas provisões quantas couberam em seu navio, e uma grande

multidão se postou no porto, oferecendo-lhes uma despedida digna de deuses.

O navio de Hércules zarpou e, depois de longa jornada, chegou à foz do rio Térmodon. Logo que o adentraram, os heróis avistaram Temíscira, capital das amazonas.

Hércules inclinou-se sobre a cana do leme e estudou a cidade, enquanto o navio chegava mais perto.

Ele tinha ouvido muitas histórias sobre as amazonas.

Dizia-se que a primeira delas era filha do deus da guerra, Ares. Elas herdaram suas habilidades marciais e as ensinaram a seus filhos, ou melhor, a suas filhas. Porque elas deixavam seus filhos do sexo masculino exclusivamente para as tarefas domésticas, enquanto usavam seu tempo para aprender a lutar com espada, lança e arco e flecha, montadas em cavalos velozes. Tornaram-se famosas por sua coragem em todo o mundo. Nenhum exército lhes podia resistir. Fizeram expedições em toda a Ásia Menor e no Cáucaso. Aventuraram-se pelo sul, chegando até a Síria e, pelo oeste, chegaram à Trácia e às ilhas do mar Egeu. Diz-se até que atingiram a Líbia. Os habitantes de muitas cidades, dentre as quais Éfeso, Esmirna, Cirene, Mirina e Sinope, proclamam com orgulho que suas cidades foram fundadas pelas amazonas.

Naquela ocasião, essas mulheres belicosas viviam na região que circundava o rio Térmodon. Estavam distribuídas em três tribos e tinham três cidades, sendo Temíscira sua capital, governada pela rainha Hipólita. As outras duas eram governadas por Melanipe e Antíope.

O navio de Hércules já margeava as terras onde uma multidão de amazonas se formara, muitas delas montadas. Talvez fosse a mera curiosidade que as levara até lá, talvez fosse um pressentimento...

Aquela expedição desde o começo não agradava a Hércules. Ele não desejava guerrear contra as amazonas para arrebatar-lhes algo que lhes pertencia legitimamente, ou melhor, à sua rainha.

– Preciso persuadir Hipólita a me dar seu cinto – disse ele para si mesmo – do mesmo modo que persuadi Ártemis a me deixar levar sua corsa para Euristeu.

O navio ancorou. Hércules foi o primeiro a chegar em terra firme. Hipólita estava no meio da multidão, e o herói a distinguiu de pronto. Ela também sabia quem era o austero forasteiro que saíra do navio resolutamente, porque as peripécias de Hércules tinham tornado seu nome conhecido em todo o mundo. Para mostrar sua grande consideração por ele, Hipólita desceu de seu cavalo, saudando o herói.

Quando Hércules viu a rainha de perto, ficou atônito, pois a pele de Hipólita,

queimada pelo sol, tinha um tom de bronze intenso, e suas pernas e braços eram musculosos. Era difícil encontrar até mesmo homens de uma estrutura forte como aquela! E todas as outras amazonas também se mostravam robustas. Os companheiros de Hércules ficaram de olhos arregalados, estarrecidos.

Não encontrando palavras, o herói ergueu a mão num cumprimento.

Hipólita fez o mesmo, acrescentando:

– Hércules, filho de Alcmene, diga-nos se veio em paz ou para guerrear. Se em paz, nós lhe damos as boas-vindas; se para guerrear, estamos prontas a enfrentá-lo.

– Vim sem nenhuma intenção de guerrear – o herói respondeu – e tampouco por minha vontade. É a vontade dos deuses que eu realize doze trabalhos, não de minha livre escolha, mas os que me são infligidos por Euristeu, rei de Micenas, um homem covarde e medíocre, que me odeia como a uma praga. Ele me enviou aqui... para pegar o cinto que você usa.

Hipólita ficou espantada quando ouviu isso. Um murmúrio de repúdio percorreu o ambiente. Depois, fez-se um silêncio sepulcral. Todas elas aguardavam a réplica da rainha.

Ela começou com uma pergunta:

– Euristeu o mandou pegar meu cinto porque acreditava que você nunca voltaria vivo, não é verdade?

– É você quem o diz – replicou Hércules –, mas sua dedução está certa. Sim, é isso mesmo.

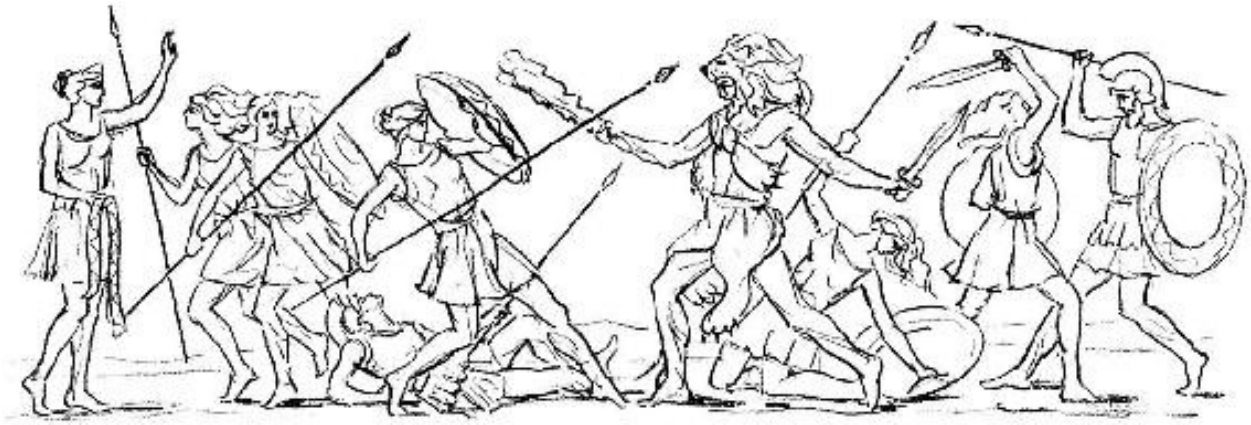
– Então, Hércules, entrego-lhe o cinto para que o leve a Euristeu – disse a rainha, e começou a soltá-lo de sua cintura.

Nesse momento, porém, a deusa Hera impediu que Hipólita renunciasse a seu cinto. Ela se transformou numa amazona e, justamente quando a rainha estendia o cinto para Hércules, gritou:

– Não! Não devemos entregar o cinto. Este homem veio para levar nossa rainha e ele deve morrer!

Hipólita puxou sua mão para trás, enquanto gritos de guerra explodiam entre as amazonas. Os arcos foram empunhados e uma flecha cortou o ar. A destemida Aela tinha apontado diretamente para Hércules. Mais uma vez a pele do Leão de Nemeia salvou o herói. A flecha bateu no abrigo impenetrável e ricocheteou sem perigo. Mas agora a guerra estava instaurada. Com um olhar medonho, o filho de Zeus arremeteu-se contra a audaciosa amazona e, quando Aela viu o feroz desejo de luta em seus olhos, tentou fugir de seu inimigo, pela primeira vez na vida. Todavia, seu passo rápido não a livrou da flecha de Hércules, que a deixou morta

no solo. Nesse meio tempo, a sanguinária Prótoe tinha se atirado sobre três companheiros de Hércules e os matara num segundo. Mal pôde saborear o triunfo: o filho de Zeus eliminou-a com um só golpe. Depois, mais sete amazonas atacaram o herói com suas lanças envenenadas, determinadas a perfurá-lo. Desferindo violentos golpes com sua clava à direita e à esquerda, Hércules as matou. Ali perto, Teseu, Télamon, Alceu e Estênelo espalhavam a destruição entre as amazonas.



Enfrentadas pelos heróis unidos, aquelas mulheres beligerantes finalmente experimentaram a derrota e tombaram. Mas não antes que Hércules fizesse Melanipe sua prisioneira e Antíope fosse capturada por Teseu. Vencidas, afinal, as amazonas imploraram paz. Hipólita adiantou-se para falar com Hércules, mas estava tão arrasada que não conseguiu dizer uma palavra.

Hércules impôs seus termos.

– Você me dará seu cinto e Melanipe será solta. Isso eu garanto, porque ela é prisioneira só minha. Quanto a Antíope, foi Teseu que a capturou e eu não tenho direito de ordenar sua libertação. Ele a levará para Atenas.

Hipólita aceitou. Hércules pegou o cinto, Melanipe foi solta e Antíope foi levada pelo herói ateniense.

Teseu ficou pensando por que Hércules não havia ficado com Melanipe, pois ela era tão encantadora quanto uma deusa. Ele estava a ponto de perguntar, quando o herói se antecipou:

– Não, Teseu. Eu tenho o sangue de um crime horrível nas mãos e preciso lavá-lo. Não basta que eu realize os trabalhos que os deuses me ordenaram. Não posso esquecer em nenhum momento o motivo pelo qual devo cumpri-los. Só então meus filhos, injustamente mortos, poderão me perdoar.

Subiram os sobreviventes a bordo e tomaram o longo percurso de volta.

No caminho, tiveram de aportar em Troia, que, então, era governada pelo rei

Laomedonte. À porta da enseada, viram uma cena inacreditável: uma donzela belíssima amarrada sobre uma pedra, com as ondas quebrando a seus pés.

Souberam, então, o motivo.

Parece que, uns tempos antes, Zeus tinha mandado que Apolo e Possêidon construíssem os muros de Troia, como um testemunho de sua grande estima por Laomedonte – estima infelizmente mal retribuída.



Os dois deuses realizaram a tarefa aborrecidos, pois tinham ouvido que Laomedonte era um homem ingrato e de mau caráter. Para verificar se a suspeita procedia, apareceram diante do rei como mortais comuns, dizendo que, em troca de cem touros, construiriam em volta da cidade um muro que nenhum exército poderia romper.

Laomedonte aceitou a oferta, mas, depois que o muro tinha sido feito, recusou-se a pagar aos deuses, do modo mais vil.

– Saiam da minha presença imediatamente – ele gritou – antes que eu ate seus pés e suas mãos e os venda como escravos!

– Então Laomedonte é assim! – os dois deuses se disseram. – Exatamente como pensávamos! – e decidiram puni-lo duramente.

Apolo fez uma praga tomar conta da cidade, enquanto Possêidon enviou para sua costa um monstro do mar, que devorava quem quer que se aproximasse das praias.

Vendo que suas tribulações não tinham fim, os troianos, desesperados,

consultaram o oráculo para saber como se livrar dos desastres que se abatiam sobre eles.

A resposta afirmava que tais sofrimentos só terminariam se a filha de Laomedonte, a adorável Hesíone, fosse dada ao monstro do mar devorador.

Acontece que Hesíone era a única criatura do mundo que Laomedonte amava e ele se recusou a perdê-la. No lugar dela, ordenou que fossem escolhidas três moças do povo.

Nenhum dos cidadãos aceitou essa norma injusta e todos esconderam suas filhas do rei.

As únicas que Laomedonte conseguiu encontrar foram as três filhas de um pobre homem chamado Fenodamo, as quais tentou aprisionar. Mas Fenodamo defendeu suas filhas corajosamente. O rei não conseguiu arrancá-las dele sozinho nem encontrou alguém para ajudá-lo.

Por fim, decidiu-se fazer um sorteio entre todas as donzelas de Troia. E outra vez o destino escolheu Laomedonte – a sorteada foi Hesíone. Não havia mais nada que pudesse fazer, ele tinha de renunciar à filha, que foi amarrada sobre uma pedra para ser estraçalhada pelo terrível monstro. Foi essa moça que viram os olhos daqueles bravos homens, rumo ao ancoradouro de Troia.

Quando Hércules ouviu a história, ofereceu-se para matar o monstro, mas sob uma condição, pois queria ver se desta vez Laomedonte cumpriria sua palavra.

– Se eu for bem sucedido – disse ao rei –, você me dará os dois cavalos que estão atrelados ao seu carro.

Os cavalos que Hércules pediu eram esplêndidos corcéis brancos, um presente do próprio Zeus.

O rei de Troia concordou, embora balançasse sua cabeça em desespero. Ninguém acreditava que pudesse existir um homem capaz de matar um monstro como aquele. Apesar disso, Hércules matou a horrenda criatura e o herói Télamon correu para desamarrar a encantadora Hesíone e levá-la cuidadosamente para a terra.

Porém, Laomedonte era tão desonesto e ingrato que, também daquela vez, recusou-se a dar o que havia prometido.

Hércules foi tomado por uma ira intensa.

– Você vai pagar caro por isso – avisou o rei. – Agora eu tenho outras obrigações, mas não me esquecerei de você. Voltarei com um exército e, aí, pobre de você!

Após ter dito isso, convocou seus companheiros a subirem a bordo.

Todos estavam furiosos com o acontecido, menos Télamon. O jovem rapaz

tinha se apaixonado por Hesíone. Quando de fato partiam, ele se voltou para olhá-la nos olhos demoradamente. Por isso a terrível promessa de Hércules, de um dia retornar, encheu o coração de Télamon de alegria. Ele estaria entre os primeiros candidatos à empreitada.

O porto seguinte em que os companheiros atracaram foi Tassos. Lá encontraram uma tribo selvagem da Trácia, que devastara a ilha, aterrorizando seus habitantes. Hércules lutou contra os homens dessa tribo e os expulsou. Depois, deixou a ilha nas mãos de Alceu e Estenêlo, os dois irmãos que trouxera de Paros. Era uma recompensa justa, pois eles haviam lutado bravamente a seu lado.

Hércules e os outros camaradas içaram velas rumo a Micenas. Quando chegaram ao porto, os outros heróis se despediram e cada um se dirigiu a sua terra natal, ao passo que Hércules, com o cinto nas mãos, seguiu para o palácio de Euristeu.

Apesar de o covarde fanfarrão ter proibido Hércules de aparecer em sua presença, o herói entrou sem que ninguém o impedisse. Marchou diretamente para o grande salão, abriu sozinho o portão duplo e entrou, levando o cinto de Hipólita. A primeira pessoa que pôs os olhos nele foi Admete e, quando viu o que o herói tinha nas mãos, deixou exclamar-se a agradável surpresa que a tomara. O rei Euristeu voltou-se para saber a razão da alegria da filha e quase desfaleceu. Um tempo muito longo tinha se passado desde que Hércules partira em sua missão; tão longo que Euristeu acreditava que o herói tivesse finalmente encontrado a morte. Tremendo de raiva e de medo, gritou com voz esganiçada:

– Fora! Fora!

Mas foi o próprio Euristeu quem saiu primeiro, por uma pequena porta lateral que conduzia às adegas do palácio. Quando o pior de seu medo tinha passado, começou a pensar numa nova missão para o herói.

Com a ajuda de Hera, teve uma ideia.

O décimo trabalho: O gado de Gérion

Ele o despacharia para os mais remotos limites do mundo, para além do grande Oceano, à ilha de Erítia. Lá pastava o gado do gigante Gérion, e Hércules deveria trazê-lo a Micenas.

Nenhum outro trabalho colocara o herói frente a semelhantes dificuldades e perigos. Euristeu sabia que obstáculos medonhos teriam de ser superados e estava certo de que afinal liquidaria Hércules.

Gérion, filho de Crisáor, era uma criatura monstruosa, composta por três corpos

unidos na cintura. Tinha três cabeças, seis braços e andava tão pesadamente armado quanto três guerreiros, usando três elmos e se protegendo com três escudos resistentes à mais afiada das lanças.

Gérion tinha um tipo de gado muito peculiar: de um tom avermelhado profundo, seus bois tinham cabeças nobres, testas largas e pernas esguias e graciosas.

Seu pastor era o gigante Êurito, e velava por eles um cão de guarda chamado Ortro, irmão do temível Cérbero, que guardava os portões do inferno. Ortro tinha duas cabeças em cujas mandíbulas se pronunciavam dentes pontiagudos e uma cauda que terminava numa cabeça de dragão.

Gérion também tinha uma voz de potência inacreditável. Contava-se que ela tinha a mesma intensidade do grito que Ares dera quando ferido na guerra de Troia – um urro tão ensurdecedor quanto o de dez mil guerreiros gritando juntos.

Sempre que ocorria um temporal forte, Gérion gostava de gritar com toda sua força, orgulhoso da voz capaz de abafar o ribombo dos trovões de Zeus.

Em outras ocasiões, quando o ar estava calmo, ele subia numa pedra acima do mar e gritava:

– Quem quiser o melhor gado do mundo, que venha e lute comigo e, se ganhar, ele será seu!

A voz do temível gigante percorria o Oceano chegando a lugares muito distantes. E, se algum guerreiro corajoso tivesse esperança de bater Gérion e ganhar seu gado maravilhoso, poderia vir provar sua força contra o gigante – apenas para dar a Gérion o prazer de matá-lo com facilidade.

Esse era o adversário inominável que Hércules teria de enfrentar desta vez, e ainda haveria outros, como veremos.

Sozinho, o herói partiu. Após cruzar as terras que hoje fazem parte de países como Itália, França e Espanha, chegou a Gibraltar. Nessa longa jornada, defrontara-se com vários tipos de perigo – ladrões, monstros, animais selvagens – quase que a cada passo, e a todos enfrentara, aniquilando seus males. Embora árdua, a viagem fora proveitosa, porque agora as regiões pelas quais ele passara tinham se tornado seguras para os viajantes.

Naquela época não havia, em Gibraltar, ligação do mar Mediterrâneo com o grande Oceano,(14) a oeste. Hércules decidiu abrir um largo canal para a passagem de navios e trabalhou firmemente nessa tarefa. Quem passa pelo estreito hoje pode ver dois grandes rochedos, um de cada lado. Diz-se que se formaram com as pedras que Hércules empilhou nas duas margens, à guisa de marco para os navegadores. Por essa razão, tais pedras imensas foram nomeadas

Colunas de Hércules.

Terminou o serviço pingando de suor, pois o sol estivera insuportável durante todo o dia. Enfurecido com o deus Sol, Hélios, empunhou seu arco para amedrontá-lo, e o deus do dia, que estava terminando sua caminhada pelo céu e subindo em seu barco de ouro, se pronunciou:

– Abaixe seu arco, Hércules – disse Hélios sem rancor, ao contrário, admirando o herói por sua coragem. Com voz bondosa, prosseguiu: – Diga-me em que direção você está indo e, se quiser minha ajuda, a terá.

– Devo chegar à ilha Erítia para pegar o gado de Gérion e entregá-lo a Euristeu, conforme os deuses me ordenaram.

– E como vai cruzar o grande Oceano? – Hélios perguntou.

– Empreste-me seu barco(15) e essa questão logo estará resolvida – foi a resposta do herói.

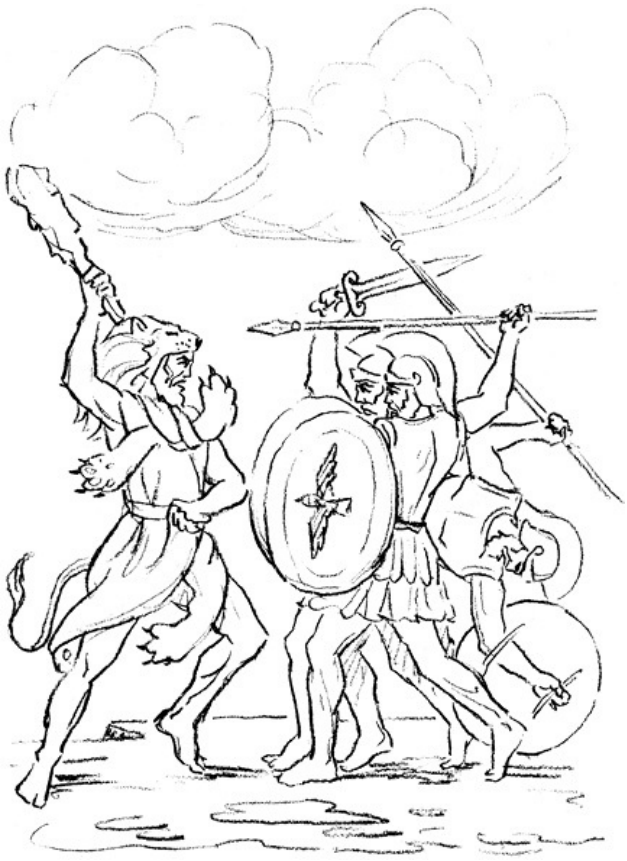
Hélios sorriu diante da prontidão de raciocínio e emprestou seu barco de boa vontade.

– Mas não se demore muito – ele disse –, tenho que fazer minha passagem noturna e preciso estar no leste na hora certa.

– Voltarei o mais rápido possível – afirmou Hércules, embarcando.

O barco de Hélios transportou-o rapidamente até Erítia, onde Hércules o amarrou a um rochedo e saltou para a terra. Nem deu dois passos e um latido feroz o surpreendeu.

Era Ortro, o monstruoso cão de duas cabeças, que se lançava na direção do herói com a intenção de estraçalhá-lo. Hércules esquivou-se com um giro; quase não teve tempo de ver o que acontecia, e Ortro já pulara em cima dele. Se não fosse pela pele de leão, aqueles dentes terríveis teriam penetrado sua carne. Contudo, Hércules não perdeu a calma. Levantou sua maça e, quando o horrendo animal pulou outra vez, desferiu-lhe um golpe com tamanha força que não foi necessário mais nenhum.



Eliminara-se a primeira ameaça. Em seguida, Êurito chegou correndo. Esse pastor de Gérion era um gigante com o dobro do tamanho de Hércules e com uma força semelhante à dele. Tendo visto Ortro tombar, preparou-se para arremessar contra Hércules uma pedra enorme. Um único instante de hesitação e teria sido o fim do herói. Mas uma flecha certeira atingiu em cheio o peito do pastor, e a pedra que ele erguera escorregou, esmagando-o.

Hércules arrebanhou o gado apressadamente e o conduziu ao barco. Posto que Gérion não aparecera, o melhor seria partir sem dar com ele. Entretanto, um dos pastores de Plutão testemunhara o ocorrido e avisou o gigante, que correu para recuperar seu gado e punir o homem que ousara pegá-lo sem primeiro lutar contra seu dono.

Quando Hércules pôs os olhos em Gérion, ficou estático. Era uma visão de fazer tremer os mais valentes. Numa das mãos, uma espada; na segunda e na terceira, lanças. Em seus outros braços prendiam-se três imponentes escudos. Conforme o gigante corria suas armas se entrechocavam, provocando o alarido de um exército inteiro em batalha. Quanto mais perto se via, mais tenazes pareciam seus gritos! Parecia que o céu desmoronava. Qualquer um, exceto Hércules, teria fugido.

Até mesmo a coragem do herói oscilou naquele momento. Mas, resoluto, empunhou seu arco, apontou com cuidado e disparou. Aquela flecha foi o começou do fim do temível gigante: uma de suas cabeças e o grande peito que a suportava tombaram sem vida para um lado; dois braços caíram hesitantes, enquanto uma lança e um escudo batiam ruidosamente no chão. Então, Gérion tentou arremessar a segunda lança contra Hércules, mas seus braços mortos estavam no caminho e o lançamento fraco resultou curto. A chance do herói se configurou: erguendo a clava, desferiu um golpe esmagador numa das cabeças do monstrengo. Gérion tombou morto em meio ao ruidoso choque de armas e armaduras contra o chão.

Tratava-se, sem dúvida, de uma vitória maior do que Hércules esperava obter. Agradecendo à deusa Atena, que se mantivera firme a seu lado, o herói levou o gado de Gérion a bordo e zarpou de volta para o leste, através do grande Oceano. Quando chegou à outra costa, devolveu o barco a Hélios, agradeceu-lhe e iniciou a dificultosa viagem de volta a Micenas.

Quando atravessava as terras das atuais Espanha e França pelo sul, dois bandidos roubaram e fugiram com seu gado. Hércules caçou-os, matou-os e reouve os animais. Mais adiante na estrada, o irmão deles, Lígis, rei de Ligúria, atacou-o com um exército inteiro. Ele não só queria o gado, como também vingar a morte dos irmãos. Que luta desigual! Hércules lutava sozinho, seu estoque de flechas acabou logo e, o pior de tudo, no solo em volta não havia uma única pedra. Jamais estivera tão vulnerável. Ferido em vários lugares, sua morte afigurava-se iminente, mas o herói resistia por conta de uma esperança.

– Pai Zeus! – ele invocou. – Até agora eu não pedi sua ajuda, mas neste momento preciso dela mais do que nunca. Ajude-me a derrotar meus inimigos!

O todo-poderoso Zeus, com grande amor pelo filho, enviou do céu uma chuva de pedras. Hércules pôs-se a arremessá-las sofregamente contra seus inimigos, salvando a si e ao gado. De fato, entre Marselha e a desembocadura do rio Ródano, há hoje uma faixa de terra chamada Planície Pedregosa, que se parece com o lugar da batalha.

Deixando a região da França para trás, Hércules entrou com seu gado na península Itálica, seguindo para o leste. Quando passava pela região na qual mais tarde Roma seria construída, topou com um gigante de nome Caco, que lhe roubou oito dos melhores touros e novilhas e, para sumir com as marcas de seus cascos, puxou-os pela cauda, escondendo-os numa caverna.

Não muito depois, um dos animais mugiu e Hércules encontrou o esconderijo. Caco havia bloqueado a entrada da caverna com pedras que pareciam

irremovíveis. Hércules conseguiu desalojar o sustentáculo do teto da caverna, que ficou, então, descoberta. Mas, quando acabou de fazer isso, Caco saiu da escuridão. Era um gigante horrivelmente disforme, com línguas de fogo saindo pela boca. A despeito de seu horror, Hércules atacou-o imediatamente, enquanto Caco tentava queimá-lo. Um golpe de espada rápido e mortal furou o pescoço do gigante, apagando-lhe as chamas instantaneamente e afogando-o em seu próprio sangue. Reouve, ainda uma vez, o gado que lhe fora roubado e seguiu com o rebanho.

As dificuldades, porém, não tinham terminado. Adiante, um dos animais desgarrou-se, pulou no mar e nadou até a Sicília.

Teria sido impossível para Hércules ir em busca do animal perdido se Hefesto não aparecesse se oferecendo para tomar conta do rebanho até seu regresso.

Assim, Hércules atravessou para a Sicília, onde encontrou o animal desgarrado no rebanho do rei Érix, contra quem deveria se bater se quisesse ter de volta o que fora buscar. Como jamais fora derrotado, Érix estava certo de que ficaria com o animal.

Hércules lutou com o rei e o imobilizou. Mas Érix recusou-se a admitir que tinha perdido e negou-se a devolver o animal. Então, Hércules lutou com ele pela segunda vez, tornou a vencê-lo e ainda assim não obteve o cumprimento da promessa. Na terceira luta, Érix morreu. Hércules pôde, enfim, recuperar o animal.

Depois de tantos confrontos, o herói finalmente aportou na Grécia e já bem próximo de Micenas. Mas, justamente quando as dificuldades pareciam ter chegado ao fim, Hera enviou moscardos para atacar o rebanho. Suas picadas venenosas fizeram os animais se dispersarem em todas as direções. O incansável herói perseguiu-os pelas montanhas da Trácia e para além do Helesponto. A perseguição foi longa e tremendamente penosa, entretanto Hércules logrou reunir o rebanho, retomando seu objetivo primeiro. Mas... chegando ao rio Estrímon, viu-se de novo em maus lençóis: o rio era tão largo e tão fundo que os animais não podiam atravessá-lo. Hércules ficou indignado com o deus do rio e lançou tantos seixos em seu leito que ele deixou de ser navegável.

Transpunha-se o obstáculo final do trajeto, embora, diga-se, faltasse muito para chegar a Micenas. A distância não era nada, comparada ao que enfrentara até ali. Hércules seguiu solenemente ao longo do último grande trecho do caminho para casa.

Agora Euristeu era o dono de um maravilhoso rebanho, e isso não lhe deu prazer algum. Ele se sentiu tão miserável com mais esse retorno de Hércules que

sacrificou todo o gado em nome da deusa Hera. Pensar que ele enviara Hércules para os confins da Terra, em meio aos piores perigos e enfrentando os mais terríveis monstros, para depois vê-lo voltar vitorioso, era algo insuportável. E agora, aonde enviá-lo? Haveria alguma tarefa ainda mais espinhosa?

O décimo primeiro trabalho: Os pomos das Hespérides

– Sim! – foi a resposta de Hera. – Vamos mandá-lo trazer três maçãs de ouro, que ele deve pegar da árvore que a deusa Terra me deu como presente de casamento. Ele pode procurar o quanto quiser, mas nunca encontrará essa árvore. Andará por todo o mundo como um homem caçado, encontrando inimigos de cujas garras nunca escapará. E mesmo que descubra onde eu escondi a macieira, ela está tão bem guardada que ele perderá sua vida na mera tentativa, porque o dragão Ládon a vigia – o único monstro do mundo que nunca poderá ser vencido, pois é imortal. Parta, Hércules! Eis um trabalho coroado de glória, mas uma coroa que você nunca alcançará, pois dar cabo desse trabalho é impossível!

– Sim, parta, Hércules! – repetiu Euristeu. – Agora veremos qual de nós é o melhor! – Sua voz tinha um tom confiante e autoritário. Isso era fácil de explicar: Hércules não estava lá para ouvi-lo!

O herói teve que partir para seu trabalho seguinte sem a menor ideia de seu destino. Por mais que se perguntasse, não conseguia obter nenhuma informação importante. Suas andanças sem rumo o levaram à Tessália, onde se defrontou com Cicno, o sanguinário filho de Ares, e depois com o próprio deus da guerra. Derrotou os dois em combate, matando Cicno e ferindo Ares, que caiu de joelhos uivando de dor.

Depois disso, Hércules continuou seu caminho, cruzando a Ilíria e a região norte da península Itálica, até chegar ao rio Pó. Ali, nas margens do rio, encontrou um grupo de ninfas e, como tantas vezes antes, perguntou se elas sabiam do paradeiro da macieira de Hera. Como ele já esperava, elas não sabiam dizer onde achar a árvore que a deusa tinha escondido dos olhos de deuses e homens. Mas podiam dizer-lhe outra coisa:

– O único que conhece o paradeiro dela é o grande vidente, um velho deus do mar, Nereu.

– Mas será que ele vai me dizer onde ela está? – o herói perguntou às ninfas do rio.

– Isso ele nunca lhe dirá – foi a resposta delas.

– Então, como isso poderá me ajudar?

– Que podemos dizer? Nós dissemos tudo que sabíamos.

Agora o problema de Hércules era arrancar o segredo de Nereu.

– Vocês poderiam me dizer, pelo menos, onde posso encontrar Nereu? – ele perguntou às ninfas.

– Certamente. Siga o rio até ele se encontrar com o mar e lá você achará uma caverna. É ali que o grande vidente vive. Mas o que espera obter?

– Vou lutar com Nereu – disse o herói – e forçá-lo a dizer o que quero saber.

– Lutar com ele você pode – riram as ninfas –, mas nunca conseguirá derrotá-lo.

– Eu lutei com os monstros mais terríveis do mundo e os venci – redarguiu Hércules. – Vocês acham que não posso derrotar o velho Nereu?

– Se fosse assim tão fácil arrancar esse segredo dele, Hera nunca o teria confiado só a Nereu. Assim que você o agarrar, ele se transformará numa cobra e escorregará de suas mãos. Se você pegar a cobra, ela se transformará num pássaro e voará. E se você conseguir aprisionar o pássaro, ele se dissolverá em água e será engolido pela terra sedenta ou simplesmente se transformará em ar e desaparecerá. Não perca seu tempo lutando com Nereu, pois não vai conseguir nada. Encare a verdade, Hércules, você nunca descobrirá onde a árvore com os pomos de ouro está escondida.

Abatido, o herói despediu-se das ninfas do rio e partiu em busca de Nereu – não que ele tivesse esperança de obter alguma coisa, mas parecia não haver mais nada a fazer. Encontrou-o dormindo em sua caverna.

– Justamente o que eu queria – murmurou Hércules e, apanhando uma corda que estava no chão, amarrou o velho vidente, no começo com suavidade, para não acordá-lo, depois mais firme e, afinal, tão apertado que ele despertou de seu sono.



Nereu tentou levantar-se, mas não conseguiu mover-se nem um centímetro. Olhando para seu corpo, viu-se enrolado da cabeça aos pés.

– O que está acontecendo? – protestou ele. – Quem é você?

– Meu nome é Hércules, e quero que me diga onde está a árvore com os pomos de ouro, o presente que a Mãe Terra deu à deusa Hera, quando esta se casou com Zeus.

– Isso eu nunca lhe direi!

– Então eu nunca o soltarei!

De fato, Nereu estava tão fortemente amarrado que não podia mover nem seu dedo mínimo, quanto mais encontrar força para adotar outra forma. Ele tentou, mas foi impossível, e desamarrar a si mesmo também estava fora de questão. Durante algum tempo, ficou sem dizer nada, enraivecido. Depois, começou a considerar sua situação.

– O que você disse que queria? – finalmente indagou ao herói.

– Diga onde posso encontrar a árvore com os pomos de ouro. – Hércules replicou.

– Pergunte tudo que quiser e responderei – prometeu o velho Nereu –, mas não me pergunte isso outra vez!

– Então fique aí amarrado! – retorquiu o herói. – Eu vou bloquear a entrada de

sua caverna com pedras e fechar você aí dentro!

Dizendo isso, começou a rolar uma enorme pedra para a entrada da caverna.

O que mais Nereu podia fazer? Ele não teve outra escolha a não ser falar.

– Você encontrará a árvore que procura – disse a Hércules – no Jardim das Hespérides,(16) nos confins do mundo,(17) onde Atlas, irmão de Prometeu, suporta a abóbada celeste sobre os ombros.

– Finalmente! – exclamou Hércules. – Consegui saber aonde devo ir.

– Ir fazer o quê? – Nereu perguntou.

– Pegar três pomos de ouro, conforme os deuses me ordenaram.

– Mas isso é impossível.

– Impossível?

– Sim, impossível. – Nereu informou. – Porque a macieira é guardada por Ládon, um horrendo dragão de cem cabeças. E você não conseguirá pegá-lo dormindo, como fez comigo, pois ele nunca adormece com suas cem cabeças ao mesmo tempo, só metade delas de cada vez. Assim, há sempre cinquenta cabeças bem erguidas e com os olhos chamejantes bem abertos, vigiando para que nenhum estranho ponha o pé no jardim das hespérides. Você não pode se aproximar sem ser percebido e, se o fizer, não sairá com vida, pois Ládon é incrivelmente forte e absolutamente invencível. Mesmo que os deuses lhe dessem duas vezes a sua força atual, de nada adiantaria, pois Ládon é também imortal.

Isso era tudo que Nereu tinha a dizer. Hércules desamarrou-o e saiu deprimido. Ficara sabendo onde estava a árvore, mas não sabia como pegar os pomos, se eram guardados por um monstro tão terrível. Que fazer? Pela primeira vez, não tinha vontade de seguir ao cumprimento do dever. Muito desanimado, deixou que seus passos o guiassem e, lá pelas tantas, viu-se no Cáucaso rochoso e agreste.

Vagando pelas montanhas, Hércules ouviu gemidos terríveis que vinham de longe. Parou para escutá-los atentamente. Não havia dúvida, alguém sofria a mais dolorosa tortura e precisava de ajuda. Depois, mais estranho ainda, o herói ouviu vozes femininas chamando seu nome.

Hércules correu na direção das vozes e subiu numa pedra para ter uma visão melhor. De seu ponto de observação, viu um grupo de mulheres com os braços estendidos para ele, pedindo sua ajuda. Então Hércules as reconheceu, eram as Oceânides: as filhas de Oceano, que tinha a barba e os cabelos prateados. Caminhou em direção a elas, mas dera poucos passos apenas e algo terrível se colocou a sua frente: o titã Prometeu, o mais fiel amigo dos homens, suspenso

por correntes pregadas numa rocha, experimentava torturas horrendas e infinitas: uma enorme águia mergulhava do céu e, com seu cruel bico escancarado, arremetia-se contra o corpo de Prometeu.(18)

Hércules matou a águia e libertou o paciente titã de seus grilhões. Foi a ação mais bela e nobre de sua vida.

Na despedida, o titã perguntou para onde ia.

– O que posso dizer? – foi a melancólica resposta. – Minha vida toda tem sido uma longa cadeia de grandes trabalhos e grandes sofrimentos. Nenhuma vez eu perdi a esperança, mas agora estou desanimado.

Em seguida, sentou-se e contou ao titã suas tribulações, acrescentando, com um encolher de ombros desalentado:

– Afinal de contas, acho que devo ir e lutar contra Ládon, não importando o que aconteça.

– Escute com atenção, Hércules – replicou Prometeu. – Eu sou vidente e sei. Como Nereu disse, o dragão que guarda os pomos no jardim das hespérides não pode ser derrotado, ele é realmente imortal. Não tente, porque, se o fizer, perderá sua vida. Mas diga-me uma coisa: você acha que pode sustentar o céu sobre os ombros? Sei que o que lhe peço é uma façanha poderosa. Até hoje, só Atlas foi capaz de suportar essa carga.

– Se for preciso, eu posso fazer isso! – retorquiu o herói decididamente.

– Então, segure o globo para Atlas e deixe que ele vá buscar os pomos para você. Ele não é estranho ao dragão e não sofrerá mal algum. Mas fique atento! Atlas é esperto – sei disso porque ele é meu irmão. Tome cuidado para que não o deixe suportando o céu para sempre!

O conselho de Prometeu alentou Hércules. De ânimo recuperado, tomou o longo percurso – atravessar o mundo do leste para o oeste –, mas, agora, não só certo de seu destino, como também do que fazer chegando lá.

Como de costume, muitos perigos o esperavam no caminho.

Em certo lugar do Egito, quando, exausto, deitara-se sob uma árvore, foi surpreendido por soldados que o amarraram e o levaram até seu rei, Busíris.

Depois de inspecionar o herói da cabeça aos pés, Busíris ordenou que o amarrassem com mais força ainda e disse:

– Amanhã nós o sacrificaremos no altar de Zeus Amon.

– Por quê? – perguntou Hércules, espantado.

– Levem-no embora! – foi a única resposta do rei.

O herói só conheceu a razão à noite, quando os guardas lhe contaram.

Nove anos antes, uma grande desgraça se abatera sobre o Egito. O solo não

dava mais colheitas, e uma fome medonha ameaçava matar as pessoas. Vindo de Chipre, chegou um vidente chamado Frásio. Busíris mandou chamá-lo e perguntou se ele sabia como livrar a terra daquela praga.

– Todos os anos você deve sacrificar um forasteiro a Zeus Amon – foi a resposta de Frásio.

Assim que Busíris ouviu as palavras do cipriota, aproveitou a oportunidade e ordenou a seus soldados:

– Prendam este vidente! Ele será o primeiro forasteiro a ser sacrificado!

Pobre Frásio! Ele podia prever o futuro dos outros, mas, quando chegou sua vez, um pouco de bom senso tê-lo-ia ajudado muito mais do que todas as suas artes mágicas... Desde então, todos os anos eles sacrificavam um forasteiro e, daquela vez, aconteceu de ser Hércules.

No dia seguinte, ainda fortemente amarrado, o herói foi carregado para o altar de Zeus, onde uma esplêndida cerimônia se realizava. Uma multidão estava presente: soldados, sacerdotes, príncipes e princesas e, em um alto trono, o próprio Busíris. Cantaram hinos, tocaram címbalos e vários instrumentos musicais. Foi uma reunião pomposa e impressionante.

Mas as celebrações tiveram um fim súbito e horrível. No exato momento em que o sumo sacerdote estava levantando a faca para cravá-la em Hércules, o herói flexionou seus poderosos membros e arrebentou suas amarras como se fios de linha fossem. Fechando seus terríveis punhos com fúria, golpeou primeiro o sacerdote, depois Busíris e, por fim, seu filho. Os três caíram mortos. O povo e os soldados ficaram aterrorizados. Vendo a força assustadora do forasteiro, fugiram. Ninguém ousou enfrentá-lo. O recinto sagrado ficou vazio como por mágica, e Hércules safara-se. Livre outra vez, retomou tranquilamente sua viagem para o jardim das hespérides.

Rumo a oeste, em direção às regiões em que o Sol se põe todas as noites em esplendor, ele encontrou, ao atravessar a Líbia, um gigante vigoroso cujo nome era Anteu. Era um dos filhos da Mãe Terra, a qual, amando todos os seus filhos do mesmo modo, adorava-o, apesar de sua maldade. Anteu era incrivelmente forte e obrigava todos os forasteiros a lutar com ele até a morte. Nisso era ajudado por sua mãe, que, temendo pelo filho, ajudava-o durante o combate de um modo que não se percebia. Quanto mais o corpo de Anteu tocava a Terra, mais ela renovava seus poderes, assim seu filho nunca ficava cansado. O resultado era que nunca perdia uma luta.

Hércules foi desafiado. Sem saber que Anteu tirava sua força da Mãe Terra, lutou bravamente com ele durante muito tempo – em vão. Vezes e mais vezes

Hércules lançou-o ao chão estatelado, e cada vez ficava pior, pois o gigante punha-se de pé num salto, com o vigor renovado, e fazia o herói voar pelos ares. Hércules estava intrigado: como era o gigante capaz daquelas súbitas explosões de força quando, um momento antes, tinha estado perto de ser derrotado, rastejando na poeira? Então o herói se lembrou de que seu oponente era filho da Mãe Terra e quanto mais se deitasse em seu seio, mais vida traria dela. Isso posto, agarrou o gigante, levantou-o bem alto no ar e não o deixou tocar na terra. Na luta desesperada para escapar, todas as suas forças se esgotaram, e o medonho gigante encontrou seu destino.



Milhares de anos transcorreram desde então, mas a humanidade continua contando o mito de Anteu, porque é uma lembrança oportuna de que todo aquele que tem seus dois pés firmemente plantados na terra, que constrói sobre a verdade e extrai sua força do amor de seus semelhantes, é invencível, ao passo que os que não têm essas bases firmes estão condenados à derrota e à extinção.

Depois de vencer Anteu, Hércules retomou seu rumo ao oeste, até os limites mais afastados do mundo. Lá, durante incontáveis eras, o titã Atlas suportava o peso esmagador do céu. Suas únicas companheiras eram as hespérides, filhas de Héspero e da Noite. Ali perto, em seu jardim, estava a árvore de Hera com seus pomos de ouro.

Atlas estranhou ver Hércules naquele lugar distante, pois ninguém jamais se aventurara a ir tão longe. Deu-lhe as boas-vindas e perguntou a que vinha.

– Vim para pegar três maçãs de ouro do jardim das hespérides – foi a resposta. – Porque preciso levá-las para Euristeu.

– E como vai pegá-las? – perguntou Atlas. – Você sabe quem guarda a árvore com os pomos de ouro?

– Sei e foi por isso que vim até você.

– E o que posso fazer? – Atlas encolheu os ombros. – Na verdade, eu gostaria de ir até lá e trazê-los para você. Mesmo um momento de repouso me traria um grande alívio. Mas não há nem deus nem homem que possa suportar o peso esmagador que carrego sobre os ombros.

– Eu posso.

– Se você pudesse, eu lhe ficaria eternamente grato. Mas isso não pode ser, porque, se o céu cair, o mundo chegará ao fim.

– Estou dizendo que posso.

– Você parece tão seguro que começo a acreditar. Muito bem, vamos tentar!

Um segundo depois, Hércules se curvava ao lado do titã, com os braços e os ombros empurrando o céu para cima. Atlas abaixou um pouco seus ombros e Hércules dobrou o corpo, os braços e as pernas com toda a força. Seus músculos impressionantes se retesaram, duros como pedra. Suas pernas cambalearam por um momento, depois se equilibraram. Atlas sentiu que o peso saía de cima dele e, curvando-se um pouco mais, ficou livre. Para seu espanto, Hércules sustentava o céu com firmeza e equilíbrio.

Pela primeira vez em incontáveis eras, Atlas podia respirar livremente. Sentindo-se mais leve que um pássaro, disparou para o jardim das hespérides, pisando no ar. Em pouco tempo estava de volta com as três maçãs de ouro, que brilhavam ao sol. Mas não estava com pressa para tornar a seu posto. Tinha outro plano em mente...



– Ouça, Hércules – ele disse. – Por que eu mesmo não levo os pomos para Euristeu? Isso não vai tomar muito tempo e, assim que eu voltar, o aliviarei de sua carga.

Sem esperar a resposta, virou-se para partir.

Hércules lembrou-se imediatamente do aviso de Prometeu e compreendeu que, se não encontrasse um modo de passar a tarefa de volta a Atlas e pegar seus pomos, ficaria ali para sempre, sustentando o céu. Um esperto, outro esperto e meio; e assim ele disse:

– Leve os pomos, de qualquer modo. Eu até gosto de segurar este peso, só que não quero machucar meus ombros. Você se incomodaria de segurar o céu por um momento enquanto eu ponho uma almofada sobre eles?

Sem desconfiar de nada, Atlas pôs os pomos no chão e levantou o globo, colocando-o de volta sobre os ombros. Hércules pegou os pomos e prosseguiu em seu caminho, deixando Atlas com sua eterna carga.

Satisfeito por ter, finalmente, os pomos de ouro das hespérides em suas mãos com segurança, o herói pegou o caminho de volta para a Grécia. Embora a viagem de retorno fosse tremendamente longa, ela pareceu passar como um raio. Montanhas e planícies, desertos e florestas, rios e mares sucederam-se até que Hércules avistasse Micenas. Ele mesmo custava a crer que tivesse realizado a

façanha.

– Preciso entregar pessoalmente os pomos para Euristeu – decidiu. – Ele que grite – e entrou no palácio sem esperar ser convidado.

Carregando os frutos de ouro das hespérides, apresentou-se diante do rei. O queixo de Euristeu caiu.

– Eu não quero isso! Eu não quero isso! – ele berrou. – Pegue seus pomos e saia já daqui!

– Eu sei que você não os quer – foi a resposta de Hércules. – Você esperava outra coisa, como em todas as outras vezes. Eu só quero saber qual é a tarefa seguinte que maquinou para mim.

Euristeu ficou pálido como um defunto e tentou falar, mas estava com tanto medo que não pôde proferir palavra. Só depois que o herói saiu e seus criados fecharam a porta atrás dele é que o rei recuperou a voz. Correndo até a porta para ver se estava bem trancada, esbravejou:

– Vou mandá-lo para o reino das profundezas, de onde ninguém jamais volta. É para lá que você vai!

Euristeu tinha feito a primeira ameaça que lhe viera à cabeça, mas, assim que as palavras saíram de sua boca, seus olhos adquiriram um brilho de maldade.

– Sim, é isso mesmo! – ele gritou novamente. – Vou mandá-lo para o outro mundo! Vou ordenar que traga Cérbero, o terrível cão que guarda os portões do Hades.

Esse foi o único trabalho que Euristeu escolheu por si mesmo, e foi o mais maligno. Hércules havia realizado tantas tarefas incríveis e ainda escapado do reino das sombras. Agora receberia a ordem de se dirigir para lá.

– E ele irá, quer queira, quer não – disse Euristeu para si mesmo, esfregando as mãos de contentamento.

Enquanto o rei fazia seus planos, Hércules foi entregar os pomos para Atena, que os levou de volta para o jardim das hespérides, pois era lá o seu lugar, e não era bom que ficassem em nenhum outro, assim diziam.

O décimo segundo trabalho: Cérbero

Após a entrega dos pomos, o herói foi chamado por Copreu, que lhe transmitiu as ordens de seu mestre para o último trabalho: descer até o Hades e trazer-lhe Cérbero.

Hércules não se surpreendeu, pois Euristeu não poderia ter encontrado um modo mais seguro de despachar o herói para a destruição.

Cérbero era outro filho de Tífon e Équidna; portanto, irmão do Leão de

Nemeia, da Hidra de Lerna, de Ortro, de Ládon e de muitos outros monstros horrendos. Era um cão com três cabeças circundadas por uma massa de serpentes sibilantes, e no fim de sua cauda havia uma cabeça de dragão. Cérbero era imortal e guardava os portões do Hades com uma vigilância permanente, para que nenhum morto escapasse e retornasse à superfície. Se qualquer deles se aproximasse dos portões, Cérbero o estraçalharia e o engoliria num instante.

Hércules partiu para esse trabalho colossal envolvido em sua pele de leão e armado do arco-e-flecha e da clava.

Descer vivo ao reino dos mortos já era algo inacreditável, mas voltar de lá com Cérbero como prisioneiro soava além dos limites da imaginação mais delirante. Quando Zeus soube dessa última tarefa imposta a seu filho, ficou deveras preocupado, mas não havia nada que ele pudesse fazer, salvo mandar Hermes e Atena o guiarem.

Entrando por uma caverna nas encostas do monte Taígeto, os três mergulharam profundamente na Terra e, depois de horas andando por trilhas subterrâneas que jamais haviam sido pisadas, chegaram às margens do sagrado rio Estige.

Lá encontraram Caronte, que transportava as almas dos mortos em seu barco. Embora ele não quisesse que Hércules subisse a bordo, porque estava vivo, quando Hermes e Atena ordenaram, o barqueiro não teve outra escolha senão obedecer.

Quando chegaram ao outro lado, Cérbero farejou imediatamente o cheiro de carne humana viva e foi correndo para o portão. Normalmente, ele não se incomodava com quem entrava, mas, quando viu Hércules, alto como um gigante e, além disso, armado, começou a rosnar e a mostrar os dentes. Porém não tentou atacar o herói nem Hércules fez qualquer movimento contra ele. Atena o aconselhara que primeiro obtivesse o consentimento de Plutão, rei do inferno, pois, se não o fizesse, encontraria obstáculos insuperáveis.

Os três passaram pelos portões do inferno.

Atena e Hermes eram imortais. Eles conheciam bem o reino de Plutão e não ficaram abalados com o que viam. Mas Hércules, que não era um deus, não pôde deixar de ficar impressionado. Mesmo sendo corajoso, sentiu o medo apertando seu peito. O reino dos infernos se estendia diante dele, escuro e sem limites. Em vez de céu, era coberto por altos arcos de pedra e sombrias abóbadas escavadas na rocha. Ouviam-se choros e gemidos por todos os lados, ecoando sem parar, e toda aquela vastidão se revestia de sons de sofrimento.

Hércules só tinha dado mais alguns passos quando as almas dos mortos o enxergaram e fugiram. Todas, menos a temível Medusa, a górgona alada, cujos

cabelos eram uma massa de serpentes retorcidas. Não só ela ficou onde estava, como também agitou suas asas como ameaça, enquanto as serpentes de seus cabelos sibilavam e ela fixava seus olhos horrendos no herói. Hércules sabia que, se seus olhares se encontrassem por um só momento, seria o suficiente para que ele se transformasse em pedra. Levantando sua clava, preparou-se para golpeá-la.

– Abaixe sua clava, Hércules – Hermes disse. – Medusa está morta; agora, é uma pálida sombra de seu antigo ser. Ela não pode lhe causar mal algum.

Outro morto que não fugiu foi o herói Meléagro. Ele vestia uma armadura brilhante e, assim que avistou Hércules, correu em sua direção empunhando a espada.

Ao vê-lo armado daquele modo, o herói pensou que fora enviado por Hera para matá-lo e puxou seu arco prontamente.

Vendo aquele gesto, Meléagro percebeu que estava errado e guardou sua arma, porque ferir o herói era a última coisa em que poderia pensar.

– Ferir você nem passaria por minha cabeça – disse. – Um morto não pode causar dano a um homem vivo. E nem você pode me causar mal algum, pois ninguém morre duas vezes. Mas eu, Hércules, sofri o maior infortúnio que um homem pode sofrer.

Dizendo isso, sentou-se e contou sua trágica história: de como sua mãe, que o tinha amado como jamais outra mãe amara o filho, havia sido, no fim, o motivo de sua destruição, levando-o a lutar contra o próprio deus Apolo, o arqueiro imortal cujas flechas nunca erram o alvo. Só um confronto como aquele poderia tê-lo levado para o Hades, porque entre seus amigos ou inimigos nunca houvera um guerreiro como Meléagro.

Hércules nunca tinha ouvido uma história tão triste, e ela o comoveu tanto que as lágrimas brotaram em seus olhos.

Mas Meléagro ainda não tinha terminado.

– Ainda há algo que me preocupa. Eu deixei minha irmã Dejanira na casa de meu pai, solteira e sem ninguém para protegê-la. Ela é encantadora como uma deusa, mas temo que possa cair em mãos erradas. Torne-se seu guardião, Hércules, ou melhor ainda, case-se com ela.

– Fique sossegado, Meléagro – o herói tranquilizou-o. – Farei o que for melhor para sua irmã. Não se preocupe mais com disso.

Finalmente, após outros encontros inesperados, Hércules apresentou-se diante de Plutão, rei do inferno.

Plutão ficou perplexo ao vê-lo e perguntou asperamente o que ele pretendia,

aparecendo vivo e armado diante dele. Mas sua mulher, Perséfone, que estava a seu lado, olhou para o herói com simpatia, porque ela também era filha de Zeus e isso fazia de Hércules seu irmão.

– Poderoso soberano do mundo dos mortos – o herói explicou –, eu não vim aqui por minha própria vontade. Fui enviado por Euristeu, a quem os grandes deuses deram o direito de me mandar fazer o que bem entendesse e de exigir de mim uma obediência cega. Eu me sujeitei à vontade desse soberano covarde para lavar a mancha de um crime terrível, e ele me enviou até aqui para realizar a mais impossível das tarefas, com um único objetivo: ocasionar minha destruição, pois o simples fato de eu existir enche seu coração de medo. Até agora, todos os seus esforços falharam, e ele me mandou ao seu escuro reino, porque, segundo diz, quer ver Cérbero, apesar de eu crer que, se ele deitar os olhos nessa criatura, ficará tão aterrorizado que não saberá onde se esconder. Seja como for, para mim não há escolha: tenho que levar Cérbero a Micenas.

Plutão parecia cheio de dúvidas. Como poderia deixar que o guardião do inferno fosse lá para cima, ao mundo dos vivos? Jamais se ouvira uma coisa dessas. Mas Perséfone olhou para o marido com um ar tão suplicante que, depois de muito pensar, Plutão disse finalmente:

– Muito bem, pode levar o animal, mas só se puder dominá-lo sem usar suas armas.

Dominar Cérbero sem nada nas mãos! Se Hércules se arriscasse a fazer isso, poderia acabar ficando no escuro reino das sombras para sempre. Mas, pelo menos, havia conseguido a permissão, mesmo que em termos muito duros, e aceitou a oferta de certo modo aliviado.

– Eu posso fazê-lo – disse com voz determinada.

Plutão, no entanto, balançou a cabeça penalizado, enquanto duas lágrimas rolaram nas faces de Perséfone, lágrimas que ela escondeu, pois chorar não ficava bem para a rainha do Hades.



Hércules foi direto para os portões. Quando viu Cérbero, largou sua clava e seu arco, mas puxou a pele de leão com que se protegia para perto de seu corpo. Mais uma vez a pele do Leão de Nemeia salvaria o herói e mais uma vez Hera teria motivo para se arrepender por tê-lo enviado para aquele primeiro trabalho.

Assim que Cérbero viu Hércules se aproximando dos portões do inferno, atacou-o. Ele deixara o herói entrar, mas isso não significava que o deixaria sair. Entretanto, nem as presas afiadas de Cérbero eram capazes de perfurar a espessa pele do leão, e Hércules conseguiu agarrá-lo pelo pescoço, bem no ponto em que suas três cabeças brotavam. Ele apertou com toda sua força, e os esforços de Cérbero para se soltar foram inúteis; este chegou a morder a perna do herói com os dentes de dragão da ponta de sua cauda, mas, apesar da dor, Hércules não afrouxou seu aperto. No fim, Cérbero não pôde resistir à pressão do estrangulamento e desistiu de lutar, assinalando para seu oponente que admitia a derrota.

Hércules, então, pôs uma forte corrente em volta do pescoço de Cérbero. Totalmente subjugado, ele uivava humilde, com as três cabeças baixas.

Para voltar, Hércules escolheu uma outra rota, que passava pelos Campos Elísios, um lugar muito diferente do escuro mundo do Hades. Lá ficavam todos

os mortos que, por suas nobres ações, tinham ganhado o favor dos deuses. Depois, seguindo o curso do rio Aqueronte ao longo de uma caverna sinuosa e inacabável, saíram para o mundo superior através de Tirinto.

Mas, tão logo emergiram, Cérbero voltou a ficar selvagem. As serpentes que rodeavam seu pescoço sibilavam perversamente, suas bocas se encheram de uma espuma venenosa que pingava no chão, e seus olhos dardejavam faíscas que cegavam como as que saem do rebolo quando se afia uma faca. Deu um puxão na corrente com toda força e, latindo freneticamente, tentou escapar de volta para a profundeza escura da caverna e fugir da intolerável luz do dia.

Hércules lançou-se sobre ele como um raio, com as mãos abertas para agarrar seu pescoço, e Cérbero viu que não podia fazer nada para se salvar. Curvando suas cabeças outra vez, seguiu o herói, submisso.

Micenas já não estava muito longe, e Hércules devorava a distância com passos largos. O último trabalho estava chegando ao fim.

Agora, ele estava no pátio do palácio! Quando os guardas viram o monstro que o seguia de perto, recuaram e se mantiveram a uma distância segura. Ninguém tentou se opor à sua entrada.

– Ele vai ter que ver Cérbero, queira ou não queira – disse o herói para si mesmo e, entrando no grande pátio, deparou com Euristeu.

Um gemido de terror foi tudo o que o rei conseguiu emitir como boas-vindas. Tão grande foi seu medo que saltou para dentro de uma grande ânfora de barro – a mesma na qual se escondera quando viu o Javali de Erimanto. Desta vez, também puxou a tampa por cima de sua cabeça e ficou ali dentro fechado três dias inteiros, sem nem mesmo querer saber o que acontecia do lado de fora.

Hércules riu de desprezo quando viu Euristeu pular no cântaro como uma lebre assustada; gargalhou tão alto que o som chegou muito além dos muros do palácio. Depois, levou Cérbero de volta à caverna pela qual o tinha trazido para a luz do dia e soltou a corrente que lhe envolvia o pescoço. Rápido como um raio, o horrendo cão desapareceu na escuridão subterrânea.

Despreocupado afinal, Hércules pegou a estrada novamente; agora não para Micenas, mas rumo a Tirinto. Dez anos havia se passado desde que ele ficara a serviço de Euristeu. Dez anos terríveis de sofrimento, mas cheios de feitos gloriosos também. Como um simples soldado que recebe ordens do mais imprestável comandante, Hércules obteve mais glória que o mais vigoroso rei ou o melhor estrategista já haviam conquistado até então.

Agora sua sujeição a Euristeu tinha acabado. O herói cumprira todas as ordens dos deuses e ganhara o perdão que merecia, suportando firmemente o pior para

apagar o horrível crime que cometera ao matar seus próprios filhos, quando tomado pela loucura.

10 **Hades**: em grego, o “Invisível”. Geralmente não era nomeado, pois temia-se que, ao ser invocado, se pronunciasse sua cólera. Por isso, era designado com eufemismos. O mais usual era o epíteto “Plutão” (“o Rico”), em alusão à riqueza inesgotável da terra. Deus grego do mundo dos mortos e filho de Cronos e Reia, é, juntamente com Zeus e Possêidon, um dos três senhores que dividiram entre si o poder sobre o universo, depois de vencerem os titãs. Enquanto Zeus obteve o céu e Possêidon, o mar, Hades recebeu o mundo subterrâneo. Era uma divindade sinistra e terrível, mas justa (não o inimigo do gênero humano, pois os gregos não tinham Satã). O nome Hades aplicava-se também a seu reino (os Infernos ou Tártaro), cuja localização variava à medida que mudavam as noções geográficas. Na Ilíada, o Hades ficava no extremo ocidental do mundo, além do rio Oceano, que, segundo a concepção da época, circundava tudo que existia. Mais tarde, ele foi posto nas profundezas da Terra, aonde se chegava através de abismos naturais.

11 **Hiperbóreos**: povo mítico que vivia no extremo norte, além da região de onde sopra o Bóreas, o vento norte. A sua lenda está relacionada com a de Apolo. A partir da época clássica, passou a vigorar a concepção de uma região ideal, de clima agradavelmente temperado, um verdadeiro país de utopia, onde a terra produz duas colheitas por ano; os habitantes são belos e amáveis, vivem ao ar livre nos campos e nos bosques sagrados, e o seu tempo de vida é muito extenso. Os velhos, após terem saboreado bastante a vida, lançam-se ao mar do alto de uma falésia, radiantes, com a cabeça coroada de flores, e encontram uma morte feliz entre as ondas. Atribuía-se ainda aos hiperbóreos o conhecimento da magia. Eles podiam deslocar-se no ar, encontrar tesouros etc.

12 **Cíclades**: grupo de ilhas situadas na parte sul do mar Egeu. Esse nome lhes foi dado porque formavam, em grandes linhas, um círculo (k'yklos, em grego). Seus habitantes falavam o dialeto jônico. As Cíclades incluem Delos, Ceos, Naxos, Paros, Andros e Tenos.

13 **Heracleia**: Hércules é chamado pelos gregos de Héracles; deste nome se originou o nome da cidade.

14 **Oceano**: é o mais velho dos titãs, filhos de Urano e Gaia. É casado com Tétis, sua irmã, que representa o poder fecundo (feminino) do mar. Trata-se da personificação da água que, segundo as concepções helênicas primitivas, cerca o mundo.

15 **O barco de Hélios**: todas as manhãs, precedido pelo carro da Aurora, Hélios, o Sol, parte do país dos hindus por um caminho estreito, que atravessa o céu pelo meio. Caminha todo o dia e, ao anoitecer, chega ao Oceano, onde os seus cavalos fatigados se banham. Hélios repousa num palácio de ouro, de onde, na manhã seguinte, reinicia seu percurso. O trajeto que percorre sob a Terra, ou então sobre o Oceano, é feito numa embarcação formada por uma grande taça vazia (o “barco”). O caminho noturno entre o ocidente e o oriente é muito mais curto do que o trajeto diurno, que segue a abóbada celeste. Essas concepções correspondem a noções muito antigas sobre a forma do mundo e foram gradativamente abandonadas, à medida que a astronomia fazia progressos.

16 **Hespérides**: são as Ninfas do Poente. Na Teogonia, de Hesíodo, elas são filhas da Noite. Mais tarde, porém, foram designadas sucessivamente como filhas de Zeus e Têmis, de Fórcis e Ceto, e, por fim, de Atlas. Geralmente, eram três: Egle, Erítia e Hesperaretusa. Habitavam o extremo ocidente, não longe da Ilha dos Bem-Aventurados, nas margens do Oceano. À medida que o mundo ocidental foi sendo melhor conhecido, precisou-se sua localização: junto ao monte Atlas, na Mauritânia (África Ocidental). Sua função principal era vigiar, com a ajuda do dragão Ládon (filho de Fórcis e Ceto ou de Tífon e Équidna), o jardim dos deuses, onde cresciam as maçãs de ouro, presente dado pela Terra a Hera, por ocasião de suas bodas com Zeus.

17 **Confins do mundo**: os gregos antigos julgavam que o “fim do mundo” ficava nas brumas do extremo

ocidente, “para além do vasto Oceano”, onde se localizava a ilha de Erítia. Erítia seria uma das hespérides, cujo jardim ficava próximo à ilha. O próprio nome da região, que significa “país vermelho” (do grego erithrós = vermelho), designa uma terra situada a oeste, o país do Sol poente.

18 **Prometeu**: filho do titã Jápeto e de Têmis (ou Climene). Fez o primeiro homem a partir do barro e, quando Zeus oprimiu a raça humana e a privou do fogo, roubou para os homens o fogo do céu e lhes ensinou várias artes. Para puni-lo por sua rebeldia, Zeus mandou acorrentá-lo a um rochedo, solitário, no monte Cáucaso, onde uma águia vinha devorar-lhe diariamente o fígado, que se recompunha durante a noite. Essa tortura perdurou, segundo uma dada versão, até que Hércules dela o libertasse, ou, segundo outra, Prometeu lá ficou e a certa altura revelou a profecia de como Zeus seria destronado.



UM HERÓI DE TODOS OS TEMPOS

Hércules derrota Caronte

Os doze trabalhos tinham sido realizados, mas os grandes feitos de Hércules não pararam por aí. Não demorou muito para que fosse necessário provar sua força e valor, colocando novamente a vida em perigo. E isso aconteceu quando ele partiu em busca de um pouco de descanso e lazer!

Quando Hércules trouxe os cavalos de Diomedes, parou na estrada, em Feres, onde o rei Admeto o recebeu. Foi uma acolhida cordial e hospitaleira, e o rei pediu-lhe que ficasse alguns dias em sua companhia. Mas Hércules tinha outros assuntos dos quais tratar. Seu dever era partir para a Trácia e realizar o trabalho que Euristeu lhe imputara; não poderia ficar em Feres se deleitando. Entretanto, prometeu voltar quando todos os seus trabalhos estivessem concluídos e eles pudessem comer, beber e se divertir.

Hércules se lembrou do que prometera e tomou o caminho de Feres, onde desfrutaria um pouco da companhia agradável e relaxante de Admeto, depois de tantas aventuras, perigos e sofrimento.

A vida sempre fora boa para Admeto, especialmente depois que, havia alguns anos, ele realizara uma façanha incrível com a ajuda de Apolo. Atrelando um leão e um javali selvagem ao seu carro, ele os conduzira em triunfo para a vizinha Iolco. O prêmio por essa proeza foi a conquista do coração da linda Alceste, filha do rei de Iolco.

Admeto e Alceste viviam felizes desde então e agora eram pais amorosos de dois filhos. Sua felicidade era tão grande que muitos diziam que não havia no mundo nenhuma família que se comparasse à deles.

Então, um golpe terrível veio quebrar a felicidade tranquila desse casal adorável. E foi desferido justamente quando, sem saber de nada, Hércules decidiu visitar Feres.

Admeto estava doente de cama, gravemente enfermo, porque as Moiras sem coração haviam decretado que sua vida seria curta e tinha chegado a hora de sua morte.

Alceste estava imersa em prantos de um sofrimento desesperado. Não havia nada que ela pudesse fazer para salvar seu amado. Quando via seus filhos chorarem, seu coração se angustiava ainda mais. Mesmo inconsolável, ela se esforçava para confortá-los.

– Peçam aos deuses que ele fique bom, meus queridos – dizia ela entre lágrimas –, e eles não deixarão que seja tirado de nós.

Ela juntava suas preces às deles. A mãe e o pai de Admeto também rezavam, e

em toda a cidade de Feres eram celebrados atos religiosos para a recuperação do rei.

Finalmente os deuses se comoveram. O pesaroso Apolo, que sentia um amor especial por Admeto, procurava desesperadamente um meio de salvá-lo. Mas era muito difícil, pois sua morte iminente estava escrita pelas Moiras, e essas deusas insensíveis não se deixavam levar por súplicas, tampouco mudavam seus propósitos por ameaças. Até aquela ocasião, elas nunca tinham mudado o destino de qualquer mortal, portanto não era muito provável que mudassem o de Admeto.

Afinal, Apolo encontrou um meio: fez as Moiras ficarem tão bêbadas que foi capaz de persuadi-las a reescrever o destino de Admeto. No entanto, mesmo embriagadas, elas eram tão duras e inflexíveis que não garantiram a vida de Admeto sem receber algo em troca. E o novo destino que elas decretaram foi este:

– O rei de Feres será salvo se um de seus parentes próximos se dispuser a morrer em seu lugar.

Um murmúrio de aflição se espalhou pelo palácio, quando a corte soube da notícia. A despeito de as condições serem duras, Admeto tinha que ser salvo, pois Feres nunca conhecera um rei tão bom e digno. Mas qual de seus parentes concordaria em renunciar à vida em troca de sua salvação? Um sacrifício como aquele não era fácil de se fazer.

Pouco a pouco, as vozes foram se calando, e agora reinava um silêncio sepulcral. O primeiro pensamento a surgir na mente de todos foi o mesmo, e todos os olhos se voltaram para o pai e a mãe de Admeto. Todos sabiam quanto eles amavam seu filho e, além disso, eram tão velhos e a pouca vida que lhes restava seria tão cheia de dores e cuidados que a morte poderia ser um alívio bem-vindo. Prendendo a respiração, todos esperavam para ver qual dos dois nobremente se ofereceria.



Todavia, nem o pai nem a mãe de Admeto tiveram coragem de assumir tal escolha. Nem mesmo o amor materno ou paterno foram suficientes para superar o medo da morte. Sua imaginação horrorizada foi tomada por visões do asqueroso mundo das sombras e seu terror foi tão grande que, em vez de levantar a cabeça, baixaram; em vez de dizer “nós morreremos por Admeto”, ficaram em silêncio; em vez de escolher uma morte gloriosa, preferiram sentir o desprezo no olhar de todos os presentes, embora ambos já estivessem com idade avançada.

Então, o que a velhice já sem viço não pôde fazer, a mocidade esperançosa fez.

– Eu morrerei por Admeto! – afirmou a adorável Alceste.

Fez-se um silêncio de espanto, enquanto ela continuava.

– Moiras todo-poderosas! Vocês, que têm a sorte dos homens em suas mãos! Eu agradeço a vocês por mudarem o destino de meu amado. Agora, aceitem minha vida e salvem a dele. Já que está escrito que devemos partir, enviem-me ao impiedoso deus da morte, e não meu marido! E quanto a você, querido Admeto, tente compreender que será mil vezes melhor para mim, no mundo dos mortos, saber que você vive, do que estar aqui no mundo dos vivos enquanto você geme nas profundezas do inferno.

O oferecimento de Alceste foi seguido de um grito de angústia de Admeto.

– Não! Não! – ele exclamou. – Retire suas palavras depressa. Diga que cometeu um erro terrível, diga que as crianças não podem ficar sem mãe. Eu também prefiro mil vezes as profundezas do inferno a viver neste mundo sem você.

Mas Alceste não tinha feito seu oferecimento corajoso e abnegado pensando em voltar atrás e, por mais que implorasse, Admeto não foi capaz de fazer a esposa alterar sua decisão. Ao contrário, ela ordenou às criadas que preparassem sua cama e trouxessem a mortalha. Ela se preparou calmamente e, antes de se deitar, foi até o altar de Héstia, onde estava aceso o eterno fogo sagrado da família.

– Héstia! – disse ela. – Deusa de nossa casa e de nossos dias felizes, veja que grande desgraça se abateu sobre nós! Você sempre esteve ao nosso lado e agora precisamos de você mais do que nunca! Continue a velar amorosamente por todos que deixo e, sobretudo, imploro que guarde nossos filhos tão pequeninos e indefesos. Vele por sua saúde, guie e ilumine suas mentes até se tornarem adultos e, quando chegar a hora de se casarem, dê-lhes, cara deusa, a alegria de conhecerem o verdadeiro amor. Mas, se esse amor só estiver destinado a encher seus corações de sofrimento, como o meu, faça com que nunca conheçam suas alegrias.

Somente com grande esforço Alceste pôde proferir essas últimas palavras. Ela não tinha mais forças para continuar. Foi deitar-se e suas condições pioraram rapidamente, mas, com a mesma rapidez, a saúde de Admeto foi recuperada.

Sentindo que seu fim estava perto, Alceste murmurou com uma voz muito fraca:

– Adeus, Admeto! Meus queridos filhos, eu os deixo agora!

– Alceste! Alceste, minha querida! – Admeto gritou e, curado, pôs-se de pé e correu para o lado da cama da esposa, acreditando que poderia ajudá-la. Mas era tarde demais. Sua amada Alceste já estava morta.

Admeto ajoelhou a seu lado, chorando copiosamente. Todo o palácio mergulhou num sofrimento jamais visto. A mais bela mulher e melhor mãe do mundo descansara.

Após o enterro, Admeto voltou para o palácio dilacerado pela dor. Trancou-se em seu quarto e chorou inconsolável. Não demorou muito e a porta foi aberta por dois de seus homens, anunciando que Hércules, filho de Anfítrion, viera visitá-lo.

– Hércules! – murmurou Admeto, como se falasse consigo mesmo. – Hércules veio ao meu palácio conforme lhe pedi certa vez. Mas que hora mais trágica ele

escolheu! Veio buscando prazer e boa companhia quando só tenho para lhe oferecer minha dor e meu sofrimento. Mas não! – exclamou. – Não deixaremos o poderoso herói triste! Não lhe digam nada sobre nossa grande desgraça e feche a porta dos aposentos das mulheres, para ele não escutar seus gritos de lamento. Ofereçam-lhe uma régia recepção. Sirvam-lhe comida e bebida e sejam uma companhia agradável para ele. Eu não posso mostrar meu rosto neste estado, mas tentarei vê-lo mais tarde.

Tudo foi feito conforme Admeto ordenou. Hércules comeu e bebeu, contou histórias engraçadas e riu, mas por fim percebeu que era o único que estava se divertindo e que todos à sua volta tinham os rostos fechados e melancólicos. Começou a se perguntar o que havia acontecido, não sabendo o que pensar.

Pouco tempo depois, Admeto apareceu. Não demonstrou alegria nem entusiasmo ao ver o herói. Enquanto Hércules o abraçou amigavelmente, Admeto virou seu rosto para o lado, retirou-se com os ombros curvados e sem dizer uma palavra para saudá-lo, deixando Hércules intrigado.

Depois, uma mulher entrou trazendo vinho. Seu rosto estava coberto com um véu.

– O que está acontecendo com todos vocês? – o herói perguntou. – Por que escondem seus rostos de mim e não falam?

E, com essas palavras, esticou sua mão e levantou o véu do rosto da mulher.

Então viu seus olhos úmidos e avermelhados e suas faces ainda molhadas de lágrimas.

– Diga imediatamente! O que aconteceu? – ordenou o herói, com um olhar feroz e terrível.

A mulher ficou abalada.

– Como podemos parecer felizes, forasteiro, se acabamos de enterrar a melhor mulher que já viveu neste mundo?

– Alceste? – Hércules perguntou, tomado de horror.

– Alceste – disse a mulher, rompendo em soluços de cortar o coração.

Então eles revelaram toda a triste história e, a cada palavra, a surpresa e a indignação de Hércules cresciam.

– Onde está sua sepultura? – indagou, impaciente.

– Lá – disse a mulher, apontando para um local através da janela.

O herói arremeteu-se para fora da sala, correu até a sepultura e curvou-se para levantar a laje que a cobria. Uma ideia absolutamente inaudita lhe ocorrera.

– O que quer aqui? – uma voz áspera e selvagem irrompeu atrás dele.

Virando-se, o herói viu Caronte.

– É você que eu quero! – disse Hércules lançando-se sobre a criatura do mundo dos mortos.

Jamais um mortal tentara cortar seu caminho. Aquele precisava levar uma boa lição, uma lição que toda a humanidade nunca mais esquecesse e tremesse só de pensar nela! Tinha que arrancar sua alma e levá-la para o escuro reino dos infernos para ser torturada por toda a eternidade. Mas, quando os dois se atracaram,Caronte ficou ainda mais surpreso com a força do herói do que com sua coragem. A luta era tão violenta que a terra tremia sob seus pés. Hércules parecia ser o mais forte dos dois; porém Caronte tentou soprar seu hálito mortífero no rosto do herói. Hércules percebeu o perigo e forçou sua cabeça para baixo. Depois de Caronte tentar isso pela segunda e pela terceira vez, o herói o pegou pelo pescoço e apertou a ponto de cortar o fluxo de seu bafo letal. Naquela hora, a vida poderia ter sido espremida para fora de Caronte, se ele não fosse imortal. Mas, mesmo assim, aquele aperto de torniquete era insuportável. Contorcendo-se de dor, com os tímpanos estourando por sua desesperada necessidade de respirar, ele foi obrigado a admitir sua derrota e, com a voz estrangulada, sussurrou:

– Diga o que quer de mim e eu farei.

Então Hércules relaxou o aperto e, inclinando-se até seus rostos quase se tocarem, gritou ferozmente:

– Eu quero Alceste de volta, viva!

Caronte nunca ouvira uma exigência tão exorbitante como aquela, mas estava com tanto medo do herói que não ousou recusar. Ergueu a laje que cobria a sepultura, pegou Alceste pela mão e ela, miraculosamente, levantou-se de imediato.

– Leve-a embora – disse Caronte com um olhar envergonhado. – Ela está viva de novo, só que não falará durante três dias – e, dizendo isso, desapareceu.

Então Hércules cobriu o rosto de Alceste com seu véu, pegou-a pela mão e a conduziu ao palácio.

Lá encontrou Admeto sentado com a cabeça entre as mãos.

– Está na hora de pôr seu sofrimento de lado, Admeto – disse o herói. – Veja a mulher que eu trouxe.

Dizendo isso, tirou o véu que cobria o rosto de Alceste.

Mas Admeto nem levantou os olhos para ver quem era.

– Você deve estar louco, Hércules – replicou ele –, se está pensando que eu vou ter outra esposa. Acha que vou deixar meus filhos, os filhos de Alceste, nas mãos de outra, se eu perdi a melhor mulher que jamais houve?



– Olhe, Admeto! – falou Hércules com voz autoritária. – Veja quem é!

De má vontade, Admeto levantou a cabeça.

– Oh, deuses! – ele exclamou. – Que visão está diante de mim? Não deixem que ela desapareça!

– Não é uma visão, Admeto, é Alceste viva – replicou Hércules. – Eu lutei com Caronte e o derrotei. Mal posso acreditar, mas eu a arranquei dele, e aqui está ela! Uma esposa e uma mãe outra vez. Porém, tenha paciência por três dias, até que ela volte a falar; então pode celebrar sua volta. Quanto a mim, eu lhe peço, deixe-me partir agora. Vim para me banquetear e me divertir, mas não tenho mais vontade, porque já encontrei tanta felicidade que nada poderia aumentá-la. Adeus e sejam felizes.

Dominado pela alegria inesperada que agora inundava sua alma, Admeto não pôde encontrar uma única palavra para agradecer. Por fim, murmurou:

– Adeus, poderoso Hércules – mas o herói já estava longe.

Hércules compete por Íole

O primeiro pensamento de Hércules foi seguir para Tirinto, mas no caminho uma série de expectativas e planos passaram por sua cabeça. Apesar das duras

provas que enfrentara na vida, a despeito do que sofrera, o fato de saber que finalmente tinha superado todos os obstáculos o enchia de satisfação. Porém ele precisava de algo além disso, ansiava por um pouco de afeto e ternura que adoçassem sua existência.

Quando o herói chegou a Cálcis, soube que o rei Êurito de Ecália tinha uma filha tão encantadora quanto Afrodite e tão sábia quanto Atena, e decidiu ir direto para esse reino, localizado na Eubeia, para pedir sua mão em casamento. O amor de Admeto e Alceste o tinha inspirado.

Mas "os homens põem e os deuses tiram", como diz o ditado e, com um inimigo tão mortal quanto Hera, não seria fácil para Hércules fruir dos prazeres que queria na vida.

Findo o período de subordinação a Euristeu, a deusa começou a procurar um meio de sujeitá-lo outra vez à vontade de algum soberano indigno. Porém, dado que seus esforços para destruí-lo só lhe haviam trazido glórias, Hera arquitetara uma outra estratégia.

– Se eu forçar Hércules a matar um homem inocente – refletia ela –, os deuses, em sua raiva, o castigarão, severos. E aí, talvez, eu tenha uma oportunidade de humilhá-lo a ponto de todas as glórias por ele obtidas serem desprezadas. Ele está indo para Ecália agora, e isso pode ser minha oportunidade. Êurito é um sujeito esperto, e tenho de fazer bom uso dele para atingir meus objetivos.

Êurito, rei de Ecália, tinha quatro filhos e uma filha solteira, a bela Íole.

Como sua esposa morrera, o rei não queria deixar Íole se casar, preferindo tê-la por perto para ser cuidado em sua velhice. No entanto, ele não admitia isso a ninguém. Assim, quando Hércules se apresentou, ele disse:

– Eu lhe darei a mão de Íole, se você puder ganhar de mim numa competição de arco e flecha de mim ou de qualquer um de meus quatro filhos.

Essas eram as condições que Êurito sempre impunha quando alguém pedia a mão de sua filha em casamento. E ele tinha um motivo: estava seguro de que não existia um arqueiro melhor que ele e seus filhos em todo o mundo. Digamos que o rei estava bem seguro, pois, embora os melhores arqueiros da Grécia competissem por Íole, todos vinham sendo sempre derrotados. E não poderia ser diferente, porque Êurito tinha aprendido a atirar com o próprio Apolo, cujas flechas nunca erram o alvo.

Hércules aceitou o desafio e Êurito ficou encantado, porque queria se vangloriar de ter vencido também aquele poderoso herói. Mas qual o quê! Acabou por tomar um grande choque: Hércules venceu Êurito e todos os seus quatro filhos!

O rei de Ecália ficou espantado com o resultado, pois ele não tinha intenção alguma de deixar sua filha se casar. Furioso por ter sido derrotado, começou a insultar o herói.

– Saia daqui já! – gritou ele. – Você e suas flechas mágicas que nunca erram o alvo! Pensa que vou entregar minha filha para o escravo de Euristeu?

– Você vai pagar caro por seus insultos! – retorquiu Hércules. – E por ter quebrado a promessa que me fez. Eu não me esquecerei de você, Êurito, juro pelo todo-poderoso Zeus!

Dizendo isso, o herói deu meia volta, furioso, e foi embora.

Ífito

A vergonhosa conduta de Êurito foi aprovada por todos os seus filhos, menos um – Ífito.

– Isso não está certo! – ele falou. – Demos nossa palavra e não a mantivemos! Perdemos a competição e não quisemos admitir nossa derrota. E, como se não bastasse, insultamos o homem com o qual fomos injustos. E ainda queremos nos chamar de homens! Ora, vocês podem ser canalhas, mas eu não. Temos que dar Íole para Hércules, pois ele nos venceu de modo correto, e não há homem mais digno no mundo. E há uma outra razão pela qual devemos dá-la, também: não temos o direito de deixá-la solteira.

– Tenha cuidado com suas palavras, Ífito! – seu pai gritou. – Íole nunca terá um marido, e ponham isso em suas cabeças, você e ela também! Você sabe muito bem quem dá ordens aqui, portanto trave sua língua, ou vai se arrepender.

Algum tempo depois, um dos filhos de Hermes, um sujeito muito astuto chamado Autólico, roubou um rebanho de gado de Êurito. Usando os poderes mágicos que tinha, mudou a cor dos animais para que não fossem reconhecidos e, em Tirinto, vendeu-os a Hércules, como se fosse o dono. Não sabendo quem era o verdadeiro ladrão, Êurito bradou que Hércules os tinha roubado.

– É óbvio – falou Êurito. – Ele fez isso por vingança! Ele nos ameaçou muito quando foi embora. É claro que não teve coragem de vir pegá-los em plena luz do dia com sua espada, mas aproximou-se durante a noite e fez seu trabalho sujo!

– Hércules, um ladrão? Impossível! – contestou Ífito. – Em vez de fazer acusações precipitadas, por que não vamos descobrir quem levou nosso gado, trazê-lo de volta e dar a punição merecida?

– Não preciso de seus conselhos! – Êurito disse furioso. – Nós sabemos quem é o ladrão e eu não estou preocupado com o gado. Para mim é suficiente saber que

esse homem não serve para marido de milha filha, pois é um ladrão ordinário!

– Eu vou provar que Hércules é inocente! – afirmou seu filho. – Vou procurar o gado sozinho e encontrar o verdadeiro ladrão.

Sem perder um minuto, começou a busca, seguindo a marca dos cascos dos animais, ainda bem visíveis na terra. Estas, por fim, guiaram-no até o Peloponeso, para um estábulo fora de Tirinto. Perguntando de quem era, recebeu uma resposta que o deixou pasmo. O estábulo pertencia a Hércules!

– Mas não é possível! – Ífito exclamou. – Hércules não pode ter roubado o gado. Vou pedir para vê-lo e estou certo de que vai me ajudar a encontrar o ladrão.

E foi exatamente isso o que fez. Encontrou o herói, contou-lhe o acontecido, como ele havia seguido as pegadas dos animais e como elas o haviam levado a Tirinto.

Hércules não gostou nada daquilo.

– Eu comprei esse gado de Autólico – disse ele. – E o comprei só ontem. Mas, se você quer ter certeza...

– Não é de você que suspeito, juro pelos deuses! – Ífito interrompeu. – Eu só quero que me ajude a encontrar o ladrão.

– Para encontrar o ladrão, você precisa primeiro encontrar o gado – replicou Hércules. – Vamos subir ao castelo. Dali podemos ver toda a planície e você poderá ver se seus animais também estão pastando lá.

Subiram até o castelo, ficaram na borda das muralhas e Ífito esquadrinhou cuidadosamente os campos. De fato, o gado estava bem embaixo de seu nariz, mas ele não pôde reconhecê-lo, porque Autólico lhe mudara a cor.

– Não estou vendo nenhum – ele admitiu. – As marcas dos cascos devem ter me confundido.

Aquele era o momento que Hera esperava. Imediatamente turvou a mente do herói com uma raiva insana. O sangue subiu-lhe à cabeça e seus olhos adquiriram um brilho de loucura. Fora de si, ele gritou desvairado:

– As marcas dos cascos não o enganaram! Você veio aqui com um propósito, porque achou que o ladrão era eu. Agora vai ver qual é seu castigo!

Com um violento empurrão, jogou Ífito do alto da muralha.

Esse ato deixou os deuses consternados. Baseado em uma simples suspeita e sem examinar os fatos, Hércules tinha matado um amigo verdadeiro. E ainda o matara de modo covarde, sem lhe dar chance de se defender. Pareceu aos deuses que ele cometera o crime mais asqueroso que se podia imaginar, pois para nenhum deles estava claro que tudo havia sido armado por Hera.

Como castigo, Zeus infligiu-lhe uma dolorosa doença. Ela torturou o herói durante muito tempo sem dar sinais de cura, até que Hércules decidiu ir a Delfos, perguntar como deveria proceder para aliviar aquele sofrimento.

O oráculo retorquiu que o assassino de um homem inocente não tinha direito a uma resposta, especialmente por tê-lo matado de um modo tão covarde.

Hércules sentiu-se insultado pelas palavras da Pitonisa.(19) Atormentado por sua doença e ansioso para ser curado, ficou tão furioso que agarrou a trípode em que a Pitonisa sentava quando proferia as respostas do oráculo.

Nesse exato momento, Apolo, divindade protetora do oráculo de Delfos, apareceu.

– O que está fazendo aqui, Hércules? – falou com voz severa.

– Estou pegando a trípode para arrumar um oráculo em outro lugar, já que o seu não vai me dar uma resposta!

Imediatamente Apolo pegou o outro lado da trípode e vociferou:

– Ponha a trípode no chão, Hércules, antes que eu a tire de você à força!

– Tire, se puder! – rosnou o herói, dando um puxão na trípode, e com isso começou uma briga encarniçada.

Embora estivesse doente, Hércules pelejava com um deus. Lutava com tamanha fúria que Apolo não conseguia vencê-lo. Mas tampouco o herói conseguia vencer Apolo, e a luta perdurou horas. Por fim, Zeus viu o que estava acontecendo e lançou um raio entre os dois, para separá-los. Hércules foi jogado para um lado pela descarga elétrica; Apolo, para outro, e a trípode, para um terceiro.

Então Zeus disse a Apolo que ele podia pegar a trípode, mas que mandasse a Pitonisa dar a resposta que Hércules pedira.

Ela então respondeu:

– Ouça, filho de Alcmene. A doença da qual está sofrendo é um castigo. Ela foi enviada pelo poderoso Zeus porque você matou Ífito sem motivo. Para sua doença ser curada e seu crime ser perdoado pelos deuses, deve ser vendido como escravo por dois anos, e o dinheiro de sua venda deve ser dado a Êurito para compensá-lo pelo filho que você assassinou.

Hércules serve Ônfale

Desse modo, Hércules foi obrigado a renunciar à sua liberdade outra vez. Hermes, deus do comércio, encarregou-se de sua venda. Mas, antes que pudesse realizá-la nos seus moldes, a deusa Hera apressou-se em informá-lo que Ônfale, rainha da Lídia, estava interessada em comprá-lo; então para ela foi vendido. O

renomado herói tornou-se, assim, escravo de uma mulher fútil e sem valor.

Ônfale sentiu-se muito importante por ter o filho de Alcmene como escravo. Não que ela quisesse vê-lo realizar qualquer grande trabalho, simplesmente gostava da ideia de ter o herói ali e poder humilhá-lo, de modo a sentir-se melhor que ele. Que tola foi Ônfale! Hera estava certa de que Hércules seria humilhado e ridicularizado e, dali em diante, ninguém se referiria a ele respeitosamente, apenas com desprezo.

Disposta a diminuí-lo, Ônfale se dirigia a Hércules como se ele fosse seu escravo mais humilde, incumbindo o herói das tarefas mais servis e descabidas. Ela o fez varrer o chão, lavar roupa, cozinhar e fiar lã – em resumo, realizar todos os trabalhos reservados às mulheres escravas.

Mas, surpreendentemente, o grande herói não parecia revoltado.

– Eu matei um inocente – ele dizia – e devo pagar por isso. Se demonstrar paciência e fizer essas tarefas humildes do melhor modo que puder, talvez a alma de Ífito possa me perdoar.

E assim, por mais desprezíveis que fossem os trabalhos que lhe davam e por mais desacostumado que estivesse a eles, Hércules tentava fazê-los bem; não por Ônfale, naturalmente, mas por Ífito.

Ônfale ficou intrigada com tal zelo e boa vontade. Ela se empenhava em encontrar novas formas de fazê-lo sentir-se insignificante, mas ficava irritada ao ver que ele aceitava as tarefas sem constrangimento. Talvez ela não soubesse que, para se tornar um homem de verdade e um herói autêntico, não bastam grandes façanhas e realizações brilhantes, também é necessário realizar as tarefas simples. Por mais diminutas e desimportantes que sejam, devem ser executadas correta e cuidadosamente, pois nelas se reflete a alma de cada homem que as executa. Mas como Ônfale poderia saber essas coisas, se nem a deusa Hera as sabia, e pensava que podia aviltar o poderoso herói desse modo?

Entretanto, os dois anos que Hércules serviu Ônfale não foram consumidos apenas em atividades domésticas enfadonhas. Grandes trabalhos também surgiram em seu caminho, e, mais de uma vez, ele enfrentou perigos e sofrimentos.

Matou o horrível gigante Litierses, que saciava sua sede com o sangue de viajantes desavisados, e atirou seu enorme corpo nas águas espumantes do rio Meandro. Em outra ocasião, depois de uma luta pavorosa, matou o monstruoso dragão do rio Ságaris,(20) que estraçalhava homens e animais. Uma terceira façanha foi enfrentar e matar Sileu, um bandido lídio que obrigava os viandantes a trabalhar em suas vinhas e depois os matava.

Os Cercopes

Certa vez, no entanto, aconteceu-lhe uma aventura bastante inusitada.

Era um dia quente de verão e Hércules havia partido cedo para a cidade vizinha, Éfeso, onde tinha assuntos para tratar. A estrada era longa e fatigante e, em pleno meio-dia, ele se acomodou à sombra de uma árvore para descansar. Logo seus olhos se fecharam em sono profundo. Deitado ali, foi visto por dois anões. Eram os Cercopes, conhecidos por seus modos de furtar e por seus truques divertidos. Eles perambulavam de cidade em cidade, e sua reputação crescia. Seu grande sucesso decorria do fato de que, depois de cada roubo ou fraude, eles sempre conseguiam escapar, com piadas e artimanhas.

Então, quando os dois anões viram Hércules dormindo, decidiram roubar suas armas. Primeiro pegaram o escudo e, carregando-o um de cada lado, esconderam-no atrás de um arbusto. Em seguida, roubaram o arco e as flechas, depois tentaram levar embora sua clava, mas logo desistiram, pois não conseguiam levantá-la. Roubar a espada seria mais difícil, porque estava presa à cintura do herói; mesmo assim, os dois homenzinhos decidiram tentar. Iam puxando a arma quando o herói acordou. Os dois anões ficaram aterrorizados, mas disfarçaram seu medo e começaram a dar saltos e cambalhotas tão engraçados que se podia pensar que brincavam puramente. Hércules, porém, sabia o que tinham tentado e que aquelas artimanhas divertidas nada mais eram que um ardil. Ao perceber que seu escudo e seu arco não jaziam à sua volta, o herói ficou vermelho de raiva. Embora logo os visse atrás do arbusto, decidiu punir os dois anões. Seu primeiro impulso foi bater neles, mas se conteve. Afinal, eram criaturas tão pequenas! Com um simples soco, ele os mataria. Os dois Cercopes davam cambalhotas e faziam graça sem parar, engenhando sua fuga. Entretanto, tais manobras não impediram a rapidez também astuta de Hércules, que os agarrou.

– Ah, então é isso que vocês querem? – ele perguntou. – Agora vocês vão ver!

Agarrando os homenzinhos, prendeu-os pelos pés nas extremidades de uma haste, colocou-a sobre o ombro e levou-os, balançando, a Éfeso, a fim de submetê-los a julgamento.

Mas os Cercopes eram mestres na arte de fazer as pessoas rirem e, mesmo presos como estavam, conseguiam gracejar e fazer caretas engraçadas, e Hércules se divertiu durante toda a caminhada. Divertiu-se tanto que, no fim, acabou achando os dois simpáticos e os soltou. Libertos, os dois Cercopes deram mais cambalhotas e sumiram depressa, antes que o herói mudasse de ideia.

Por saberem granjear a simpatia das pessoas, aqueles ladrões velhacos escapavam mais uma vez, embora não por muito tempo. Hércules pode tê-los perdoado, mas Zeus ficou tão furioso com seu comportamento que puniu os dois, transformando-os em pedras. De fato, não muito longe de Éfeso, há uma pedra cuja forma se assemelha a dois anões: são os Cercopes, dizem, e acabaram-se os roubos e os truques astuciosos!

Por fim, terminou o período no qual Hércules devia servir como escravo. Com seu árduo trabalho, confiabilidade e paciência, ele apagara a mancha do assassinato de Ífito de sua alma. Podia voltar à Grécia como um homem livre, afinal.

A luta com Aqueloo por Dejanira

No caminho para casa, ele se lembrou de Meléagro, que encontrara nos infernos, em meio a sua busca por Cérbero. O homem lhe suplicara para salvar sua irmã.

– Talvez – ele pensou – eu tenha passado por todo este sofrimento porque me esqueci de minha promessa para Meléagro, negligenciando Dejanira e preferindo competir por Íole, filha de Êurito.

Assim, decidiu ir para Cálidon, na Etólia, onde Oineu reinava, e pedir a mão de sua filha Dejanira.

Quando Hércules chegou a Cálidon, encontrou uma multidão de jovens de todas as partes da Grécia, reunidos por um propósito comum. De pergunta em pergunta, Hércules descobriu que o pai de Dejanira, Oineu, havia decidido promover uma competição e que a mão de sua filha seria dada ao vencedor. Porém, entre os pretendentes havia um concorrente terrível e imbatível, o deus do rio, Aqueloo. Aquela criatura, quando lutava, tinha o poder de se transformar em serpente, depois em touro e depois em homem de novo. Porém, o mais frequente era tomar uma forma que combinava os três: um gigantesco corpo de serpente, braços de homem e uma cabeça humana coroada com dois chifres. E, como era o deus do rio, águas espumantes jorravam de sua espessa barba. Dejanira nem podia vê-lo e preferia morrer a tornar-se sua esposa.

Todos os outros pretendentes ficavam aterrorizados com ele e, um após outro, foram se retirando da competição. Como poderiam lutar com um monstro como aquele?

Hércules decidiu competir.

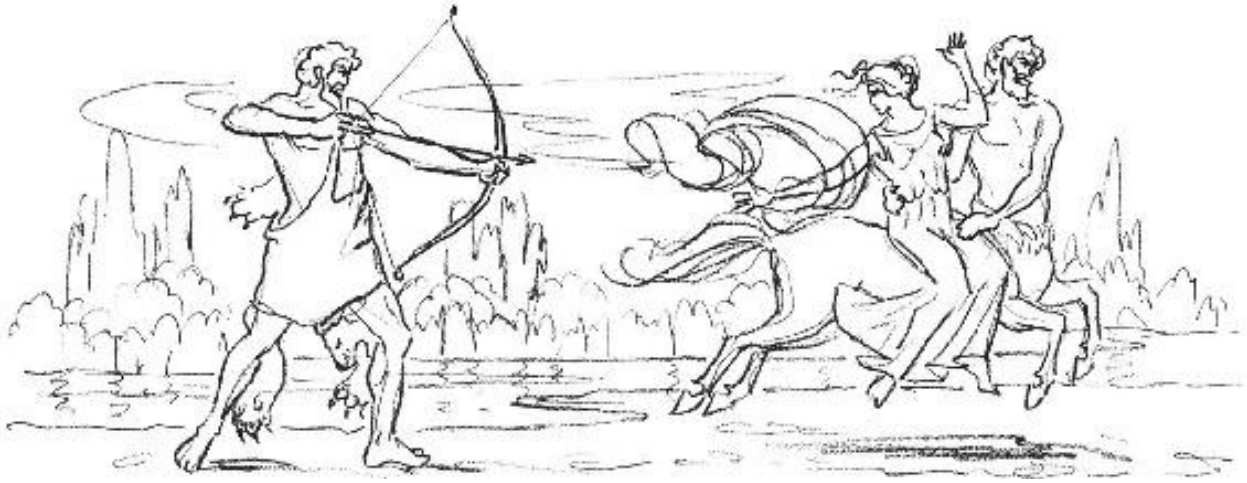
Aqueloo riu com desdém.

– Eu sou mais forte que você e um homem muito melhor – vangloriou-se. –

Jamais alguém me venceu e eu sou temido por deuses, isso sem falar nos homens. Por isso, em Dodona são feitos sacrifícios em minha honra. Eu sou o pai de todos os rios da Grécia e não um escravo errante!

– Muito melhor? No quê? – retorquiu Hércules. – Só em proferir insultos e impressionar seus adversários com seu aspecto, se é que isso pode ser chamado de qualidade superior. Mas eu o vencerei sem nada nas mãos. – E, dizendo isso, lançou-se sobre ele.

Aqueloo ficou perplexo. Ele nunca fora desafiado com tanta ousadia por uma força como aquela. Ele lutava como um leão, mas logo percebeu que não poderia resistir ao herói. Então, recorreu a suas artes. Transformando-se em serpente, começou a escorregar dos braços de Hércules. Imediatamente se viu preso pelo pescoço, num torniquete de aço. Temendo ser estrangulado, Aqueloo transformou-se num touro, mas o herói agarrou-o pelos chifres, levantou-o no ar e o jogou de costas no chão. A violência do golpe foi tanta que um dos chifres ficou na mão de Hércules, e Aqueloo, chocando-se contra o solo, deixou escapar um terrível rugido de dor.



– E agora? O que você tem a dizer? – vociferou Hércules.

– Dê meu chifre de volta e fique com Dejanira – respondeu Aqueloo envergonhado.

E assim o filho de Zeus pôde se casar com a filha de Oineu e, depois de algum tempo, levou sua esposa para morar em Tráquis, onde Céix reinava. Céix era amigo de Hércules, e sua esposa, Alcíone, poderia fazer companhia a Dejanira quando o herói se ausentasse.

No caminho, o casal teve de atravessar o rio Eveno. Lá, os dois encontraram o centauro Nesso, que, por uma pequena soma, transportava os viajantes através das águas. Hércules levantou Dejanira e a colocou nas costas de Nesso, para que

ele a atravessasse a nado. Mas, chegando à outra margem, em vez de pôr Dejanira no chão, Nesso saiu a galope, com a intenção de roubar a adorável esposa.

Hércules pegou seu arco e, devido à velocidade da fuga de Nesso, resolveu lançar uma flecha impregnada do veneno da Hidra de Lerna; atingindo seu alvo, ela fincou-se no corpo do centauro. Entretanto, antes de morrer, Nesso pensou num modo de se vingar e disse a Dejanira:

– Eu cometi um grande erro com você e, para compensá-la, quero prestar-lhe um favor. Pegue uma jarra e colha o sangue que está saindo de meu ferimento. Se algum dia temer que seu marido possa deixá-la por outra mulher, espere uma noite de luar, borrife-o numa peça de roupa e dê para Hércules usar. Ele voltará para você imediatamente, pois meu sangue tem esse poder mágico.

Dejanira fez como Nesso disse e escondeu o líquido sem desconfiar de que aquele sangue estava misturado com o terrível veneno da hidra.

Hércules e Dejanira viveram felizes por vários anos, e ela lhe deu quatro filhos, sendo Hilo o mais velho.

Hércules arrasa Troia

Mas, naturalmente, o herói não ficava o tempo todo em casa, porque não podia viver sem peripécias e atos de coragem.

Então, aconteceu que, logo depois de seu casamento, decidiu comandar uma expedição contra Troia para punir Laomedonte, o rei que não tinha mantido sua palavra nem para os deuses Apolo e Possêidon, nem para o próprio Hércules, quando salvara sua filha Hesíone de uma morte horrível.

Reunindo um grupo de jovens valentes de Tráquis e de outras partes da Grécia, Hércules zarpou rumo a Troia com dezoito navios. Entre os decididos voluntários estava Télamon, naturalmente, pois o herói de Salamina não havia se esquecido de Hesíone nem por um momento.

Hércules cercou Troia e se preparou para o ataque. Assim que a ordem de avançar foi dada, Télamon lançou-se adiante. Nada poderia detê-lo. Abrindo uma brecha nos muros, foi o primeiro a adentrar a cidade. Mas, quando viu Hércules atrás de si, temeu que o herói se ofendesse. Por isso, curvando-se, começou a empilhar pedras.

– O que você está fazendo aí, Télamon? – Hércules perguntou.

– Construindo um altar para Hércules, o Vencedor – foi a resposta rápida de Télamon.

Por ter sido pego de surpresa ou por ter admirado a desenvoltura de Télamon, o

herói ficou satisfeito e apenas observou que não havia tempo a perder. Pôs o jovem de pé e, seguido pelo grupo de bravos, comandou o ataque ao palácio de Laomedonte. A batalha começou imediatamente, e em pouco tempo Hércules e seus companheiros saíram vitoriosos. Laomedonte foi morto e se fizeram muitos prisioneiros. Entre eles, Hesíone e seu irmão, Podarces.

Hércules conduziu Hesíone a Télamon, cuja alegria foi indescritível.

Mas ela estava pesarosa.

– Estou triste pelo mal que se abateu sobre nossa cidade e pela morte de meu pai – ela disse. – Eu sei que foi ele o culpado e portanto me curvo diante daqueles que uma vez salvaram minha vida. Porém minha dor só será aliviada se vocês libertarem meu irmão.

– Se há alguém que deve se tornar escravo é ele! – esbravejou Hércules. – Ele teve sorte de escapar com vida!

Ao ouvir isso, Télamon lançou um olhar suplicante para o grande herói.

Hércules percebeu o que o amigo queria e mudou suas palavras, mas não seu tom de voz, propositadamente áspero:

– Não o libertaremos, a menos – acrescentou – que você o compre de volta.

Mas Hesíone não tinha como comprar a liberdade de seu irmão. Foi um momento de angústia para ela, até que, num lampejo, ofereceu timidamente:

– Eu posso lhe dar meu véu.

– Esplêndido! – exclamou Hércules, que, além de libertar Podarces, também o tornou rei de Troia, mudando seu nome para Príamo, que significa: “o que foi resgatado”.

Finalmente, todos adentravam seus navios e zarparam de volta à Grécia.

Durante a viagem, porém, Hera encontrou outra oportunidade para causar dano ao herói. Enviou Hipnos, o deus do sono, para adormecer Zeus, e requisitou a ajuda de Bóreas, o vento norte, para levantar ondas gigantescas, fazendo Hércules e seus companheiros correrem risco de perder a vida.

Os navios foram então dirigidos para a ilha de Cós. Ali encontraram um ancoradouro, onde escaparam dos mares furiosos. Entretanto, mesmo naquele refúgio, um grande perigo os aguardava: os habitantes da ilha pensaram tratar-se de piratas e começaram a apedrejá-los da margem, tendo uma pedra atingido o próprio Hércules. Os heróis foram obrigados a desembarcar e revidar o ataque. Sumariamente derrotados, os habitantes reconheceram os vitoriosos e ficaram tão envergonhados com as terríveis boas-vindas a eles oferecidas que acharam por bem presenteá-los, aplacando-lhes a ira.

Zeus acordara durante a luta e, ao abrir os olhos, viu Hércules ferido, com

sangue a lhe escorrer do ferimento. Furioso e preocupado, desceu do céu, carregou seu filho do campo de batalha ao navio, onde foi devidamente tratado.

O grande senhor dos deuses e dos homens já se encolerizara muitas vezes, mas nunca como agora. Ele percebeu que tudo fora obra de Hera e, tomado de raiva, amarrou seus braços com correntes de ouro maciço e pendurou-a nas nuvens, entre o céu e a Terra. Para aumentar seu sofrimento, ainda pendurou duas grandes bigornas em seus pés, esticando suas pernas até deixá-la numa agonia intolerável. Dilacerada por horríveis pontadas de dor, a grande deusa gritava de fazer dó, pedindo ajuda. Mas quem ousaria soltá-la? O poderoso Zeus prevenira todos os deuses de que, se o fizessem, seriam arremessados do Olimpo sobre a terra, onde respirariam pela última vez, apesar de serem imortais. Além disso, por mais doloroso que fosse o sofrimento de Hera, para Zeus afigurava-se pequeno diante da angústia que o atormentava quando pensava em todos os perigos infligidos a seu filho. Ele amava Hércules mais que todos os deuses juntos.

Quanto ao herói, apesar de ter corrido um perigo de morte, isso não o impediu de partir para outra aventura, diga-se, mais perigosa ainda.

A batalha contra os Gigantes

Os filhos da Mãe Terra, os invencíveis gigantes, tinham declarado uma guerra selvagem e implacável contra os deuses. Então a deusa Atena, que muitas vezes ajudara Hércules, tanto abertamente como em segredo, foi, por sua vez, pedir ajuda ao herói. Pela primeira vez viu-se no rosto da deusa uma expressão de medo.

Os gigantes eram criaturas apavorantes. Seus rostos davam medo de olhar e seus cabelos e barbas compunham uma massa selvagem emaranhada. Mais apavorantes ainda, suas pernas grossas eram serpentes retorcidas. Seu tamanho e força bastavam para fazer tremer os mais corajosos. Eles podiam arrancar montanhas inteiras da terra e arremessá-las contra seus inimigos.

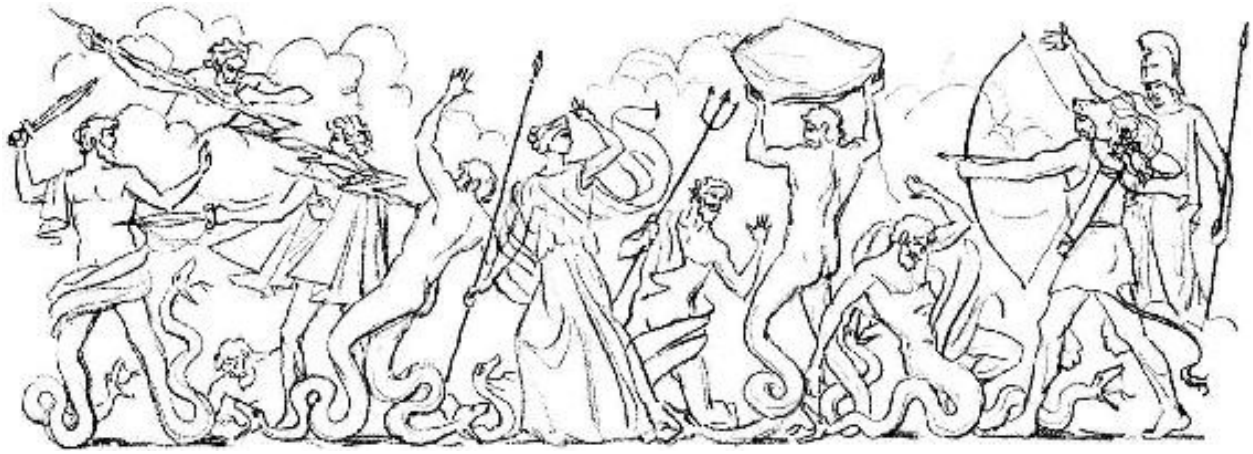
Os gigantes não eram apenas mais fortes que os deuses, mas também os ultrapassavam em número. Hoje conhecemos os nomes de quarenta deles; dizem que chegavam a mais de cem. Como se isso não bastasse, a Mãe Terra lhes dera, certa vez, uma poção mágica para que a força ou as armas dos deuses não lhes pudessem causar mal. Confiando em seu terrível poder, os gigantes decidiram arrojar os deuses lá de cima do Olimpo e se assumirem como os novos soberanos do mundo. Seria uma desgraça se aqueles seres horrendos lograssem alcançar sua meta. Tudo perderia a beleza, e a dor passaria a ser a única companheira da

humanidade.

A guerra que eclodiu naquela ocasião foi terrível. Desde a batalha dos titãs não se via um conflito como aquele e os deuses nunca tinham se encontrado em tal perigo. A certa altura, os gigantes perseguiram os deuses até o Olimpo, empilharam pedras grandes como montanhas, e teriam atacado violentamente os palácios dos imortais se Zeus não tivesse arremessado uma chuva de raios estrondosos sobre eles. Naquele momento, a guerra estava feroz em Calcídica, terra natal dos gigantes.

O fato é que, embora os gigantes fossem invulneráveis às armas dos deuses, não o eram às armas dos mortais. Bastava um herói suficientemente corajoso para enfrentá-los, todavia não se encontra um homem desses facilmente... Hércules parecia ser a única esperança. Por isso Atena o procurou. Talvez sua força e ousadia, bem como as flechas embebidas no veneno da Hidra de Lerna, pudessem salvar os habitantes do Olimpo.

Hércules concordou com presteza. Dirigiu-se ao norte, ao promontório de Calcídica, onde se dava um confronto voraz. Deuses e gigantes travavam um combate tão feroz que até as entranhas da Terra tremiam. Os raios de Zeus caíam em saraivadas incessantes, iluminando os céus e ecoando sem parar. Os deuses lutavam como leões, mas com poucas esperanças. Nada sequer arranhava os gigantes, que estavam prontos para derrotar os imortais e arremessá-los ao Tártaro.(21) Nesse exato momento, o formidável filho de Zeus ingressou na batalha, causando um espanto instantâneo.



Uma, duas, três flechas de Hércules voaram pelo ar e três gigantes caíram – os primeiros a morrer na batalha. A quarta flecha atingiu o enorme Alcioneu no peito, mas não lhe causou mal algum. Atena correu a avisar o herói de que esse gigante era imortal enquanto seus pés estivessem plantados em Palene, onde

nascera. Então, com um golpe ágil, Hércules ergueu-o em seus braços musculosos e o carregou para outro lugar, onde a maléfica criatura tombou inexoravelmente morta.

Outro gigante, Porfírion, perseguia Hera. Apesar do ódio eterno que ela nutria por Hércules, o herói sequer hesitou: com outra flecha envenenada, fez Porfírion cair morto. A deusa, atônita, olhou envergonhada para o filho de Zeus. Tamanha nobreza de espírito estava além de sua compreensão. Ela se perguntava qual teria sido seu destino – na verdade, o de todos os deuses – se qualquer de seus planos para destruir o filho de Alcmene tivesse de fato funcionado. Mas havia pouco tempo para tais conjecturas, pois o combate prosseguia furiosamente.

Agora, sete gigantes caçavam Afrodite. Hércules esperou o momento certo e os matou, um a um. Os deuses guerreavam com uma nova coragem, uma vez que o poder dos gigantes nitidamente arrefecia. No momento em que Hércules começou a exterminá-los, tornaram-se vulneráveis também às armas dos imortais. Atingido pela longa lança de Atena, o gigante Palas morreu. Hefesto provocou uma queimadura horrenda em Clítio, com um ferro em brasa; Dioniso matou Êurito com seu bastão, e mais quatro foram mortos por Hermes, Ártemis e as Moiras. Ares bateu em rápida retirada quando se deparou com Efialtes. Apolo, por sua vez, conseguiu ferir o temível gigante, e Hércules acorreu, pronto para acabar com ele.

A vitória iminente dos gigantes se transformara em derrota. Percebendo que a causa daquilo era Hércules, dez deles se atiraram em sua direção. Mas o herói não perdeu a calma. Um após o outro, ele os acertou com suas flechas. Se uma única delas tivesse errado o alvo, tê-lo-iam destruído; porém, todos alvejados, caíram sem vida os dez gigantes.

O conflito ia chegando ao fim. As flechas de Hércules e os raios de Zeus atingiam os últimos inimigos remanescentes. Restavam apenas dois, que tentaram fugir, mas tiveram os deuses firmes em seu encalço. Possêidon alcançou Polibotes perto de Cós, arrancou uma montanha da ilha e a arremessou, esmagando-o. Assim nasceu a vizinha ilha de Nísiro. Encélado, o mais temido de todos, foi perseguido por Atena, pela terra e pelo mar, até que, finalmente, ela o prendeu sob a terra, revirando toda a Sicília sobre seu corpo. Mesmo assim, Encélado não morreu. Enterrado debaixo a ilha, ele ainda se contorce e estremece, causando terremotos desastrosos no mundo todo.

Era assim que diziam ter sido a batalha contra os gigantes. Este ponto é o ápice da glória de Hércules no imaginário dos homens, que transformou o herói em vencedor dos gigantes e salvador dos deuses.

A vingança de Nesso

Com a batalha contra os gigantes, chegamos à última grande realização de Hércules. Agora só falta contar sua expedição contra a Ecália, para punir Êurito.

Coroada de êxito, trouxe, porém, a desgraça do herói. Nela morreu Hércules, mas nela também ascendeu ao Olimpo, tornando-se imortal.

Hércules jamais esquecera Êurito e seus filhos. Nunca pudera perdoá-los por terem quebrado sua promessa, negado a mão de Íole e o submetido a tal insulto e desprezo.

Por que o herói ainda se preocupava com essa história tão antiga? Ele agora estava casado com Dejanira, que importava se não tinham lhe dado a mão de Íole?

Hércules jurara que Êurito seria punido!

Um longo tempo havia se passado desde então e ele já não podia deixar o assunto de lado. Além disso, respaldado por seus filhos e seu forte exército, Êurito continuava a desdenhar o herói, e até apregoava que Hércules era covarde e tinha medo dele. Chegara a afirmar que o filho de Alcmene havia jurado guerra solenemente e que, depois, se acovardara, chamando-o abertamente de homem sem palavra. Tentavam, assim, encobrir a conduta desonrosa que ele e seus filhos tinham adotado com Hércules.

O herói, então, organizou uma expedição para atacá-los.

Um grupo de homens jovens e corajosos juntou-se às suas tropas e logo um exército completo estava reunido. A expedição se realizou, Ecália foi destruída, Êurito e seus filhos foram mortos. Mas essa não é a parte mais importante da história.

Dos prisioneiros que fizeram, Hércules selecionou dois ou três homens e um grande número de mulheres, enviando-os para Dejanira, em sua casa, sob o comando de um de seus homens, Licas. Ao receber os escravos, Dejanira notou imediatamente que no meio deles havia uma jovem mulher de beleza estonteante, cujas maneiras nobres e as vestes denunciavam uma princesa.

Primeiro, ela perguntou a Licas quem era aquela mulher, e ele disse que não sabia; então perguntou a um prisioneiro e soube tratar-se de Íole, filha de Êurito.

Um amargo ciúme se alojou no coração de Dejanira. Ela ficou com um medo terrível de que Hércules pudesse desposar Íole, pois ela era mais jovem e mais bonita.

Se havia razão para os temores de Dejanira ou não, jamais se soube. Tampouco algum dos mitos revela se Hércules desejava desposar Íole. O herói era tão

popular que, mesmo tendo cometido um erro, ninguém desejaria revelá-lo.

Mas o ciúme é mau conselheiro e, neste caso, impediu Dejanira de refletir sobre o assunto com sensibilidade e distância. Em vez disso, sua mente logo abraçou a ideia de usar o sangue do centauro Nesso para não perder o afeto de Hércules.

Retirou de sua arca uma maravilhosa túnica por ela mesma tecida, saiu para o pátio e lá, sob o clarão da lua, umedeceu-a com o sangue de Nesso... Pobre mulher... aquele sangue estava misturado com a peçonha da Hidra, a mais venenosa do mundo.

Tendo completado sua tarefa, ela pôs a túnica dentro de uma caixa e chamou Licas.

– Vá imediatamente até Hércules – ela o instruiu. – Nesta caixa está uma túnica que teci para ele com minhas próprias mãos. Diga-lhe que é meu desejo que ele a use quando for fazer algum sacrifício a Zeus.

Licas pegou a caixa com a túnica envenenada, desaparecendo veloz dentro da noite, para levá-la a Hércules.

Na manhã seguinte, Dejanira viu algo que quase a enlouqueceu de horror. No pátio, onde aspergira a túnica, as lajes não tinham mais cor. Conforme o sol levantava, aquecendo as pedras, o sangue começava a ferver, borbulhar, formar uma espuma verde. Logo as lajes de pedra se corroeram com o inexorável veneno. Então ela percebeu o que devia ter sabido desde o começo: Nesso não quisera outra coisa senão vingar-se de Hércules.

Fora de si, Dejanira chamou Hilo, seu filho mais velho.

– Corra até Ecália! – disse ofegante. – Não pare nem um segundo no caminho. Você tem de impedir seu pai de vestir a túnica que eu mandei. Ela está envenenada!

– O que você está dizendo, minha mãe? – perguntou o rapaz, surpreso. – Como pôde fazer uma coisa dessas?

– Não perca tempo com perguntas! Corra para salvar seu pai de uma morte horrorosa!

Hilo correu como o vento. Correu como se todas as Erínias(22) estivessem atrás dele, mas chegou tarde... Hércules tinha se preparado para o sacrifício logo de manhã, desejoso de usar o presente que sua esposa enviara. Quando o Sol surgiu, seus raios dourados bateram na túnica, e o sangue nela aspergido começou a ficar quente.

Nesse momento, ouviu-se uma voz:

– Tire a túnica! Ela está envenenada!

Era Hilo que, ofegante, disse essas palavras e caiu, esgotado pela corrida desesperada.

A esta altura, porém, não se pôde evitar que o corpo do herói fosse assaltado por uma agonia horrenda. Ele tentou tirar a túnica, mas ela estava colada a sua pele e, no intento de afastá-la de si, ele arrancava a carne de seu corpo. Dores horríveis o dilaceravam. O herói, que nunca deixara escapar um grito de dor em sua vida, por mais que tivesse sofrido, agora urrava, rogando maldições contra Dejanira, pelo mal que lhe imputava.

– Levem-me embora daqui – ele gemeu. Este lugar está me sufocando. Levem-me para Tráquis, para que Dejanira possa ver o trabalho que fez com suas próprias mãos.

Então eles colocaram Hércules num navio e o levaram de volta a Tráquis.

Hilo correu para encontrar sua mãe e, assim que a avistou, gritou:

– Você matou o melhor homem que já honrou esta terra, o maior herói que o mundo conheceu!

Dejanira soltou um grito atormentado e correu de volta para casa; lágrimas em profusão rolavam por sua face. Alguns momentos depois, o choro cessou subitamente. Hilo foi ver como estava sua mãe e deu com uma cena terrível: morta, jazia sobre uma poça de sangue.

Hilo voltou correndo até o pai.

– Minha mãe se matou! – ele falou.

Mas Hércules debatia-se em tal agonia que sequer pôde escutá-lo.

– Levem-me para o cume do monte Oetes – ele gemeu. – Eu quero morrer lá, mais perto dos deuses.

Depois que o carregaram para o topo da montanha, ele ordenou que juntassem madeira, a fim de fazer uma pira, e o colocassem sobre ela.

Então Hércules disse a Hilo que cuidasse de sua irmã e de seus irmãos mais novos e que, quando chegasse à idade adulta, desposasse Íole. Ao final de suas recomendações, ordenou:

– Ateiem o fogo!

Todos os presentes se entreolharam. Quem poderia pôr fogo na pira? Quem poderia queimar o herói vivo, embora soubessem que morrer em chamas seria um tormento menor do que suportar a agonia em que se encontrava?

– Eu disse ponham fogo! – Hércules gritou outra vez.

Todos continuaram imóveis.

– Hilo, ateie fogo!

Mas o rapaz não pôde fazê-lo.

– Fogo! Fogo! Será que ninguém tem compaixão de mim?

O sofrimento terrível do herói cortava o coração. Mas ninguém arcou com o primeiro movimento.

Então, o famoso arqueiro Filoctetes compadeceu-se do grande herói e, quando Hércules lhe prometeu as flechas embebidas no veneno da Hidra de Lerna, ele concordou em lançar uma tocha na pira.

Hércules ascende ao Olimpo

Antes que as chamas tivessem tocado o herói, os céus foram rasgados por trovões e o mundo inteiro se iluminou com os raios e relâmpagos de Zeus. Um carro puxado por quatro cavalos alados desceu do céu. Nele estavam Atena e Hermes. Ao mesmo tempo, as ninfas chegaram correndo dos bosques com jarros de água e apagaram o fogo. Atena e Hermes pegaram Hércules pelas mãos, o herói ficou de pé, instantaneamente curado. Eles o colocaram no carro, cujos cavalos abriram esplêndidas asas, alçando voo rumo ao Olimpo.

Hércules foi recebido por todos os deuses. Zeus e Hera desceram de seus tronos para dar-lhe boas-vindas. Hércules e Hera reconciliaram-se, afinal, e ela chamou sua filha Hebe para oferecer néctar ao novo deus. Depois, tomando a mão branca e macia da moça, colocou-a na grande palma do herói. Todos os deuses deram-lhes suas bênçãos e uma deslumbrante cerimônia de casamento se organizou. Hércules se casou com Hebe nos palácios brilhantes dos deuses e, desde então, viveu feliz no Olimpo.

Embora o poderoso herói tenha partido da Terra, não foi esquecido pelos homens. Nos quatro cantos do mundo, ofereceram-se sacrifícios e construíram-se templos em seu nome, e em todas as cidades realizaram-se regularmente competições de atletismo – a Heracleia – em sua honra. Acima de tudo, os homens adoravam contar suas espantosas façanhas e os incontáveis sofrimentos de sua vida atribulada. Quanto a isso, tinham muito mais a dizer de Hércules do que de qualquer outro herói ou deus. Ele foi tão amado em sua época que seu nome permaneceu imortal, embora milhares de anos tenha se passado desde então.

19 **Pitonisa** = **Pítia**: sacerdotisa de Apolo no templo do deus em Delfos. Proferia seus oráculos sentada sobre um tripé, colocado sobre uma fenda de onde emanavam vapores.

20 **Ságaris** = **Sangário**: é também o nome de um filho de Midas, que deu o nome ao rio asiático Sangário. Dizia-se que este Ságaris era filho de Mígdon e Alexírroe. Como não venerava a Grande Deusa, Cibele, esta o atacou de loucura e o precipitou num rio que se chamava Xeróbates; a partir de então, passou a se chamar Sangário.

21 **Tártaro**: nos poemas homéricos e na Teogonia de Hesíodo, o Tártaro aparece como a região mais profunda do mundo, situada nos próprios Infernos. A distância entre o Hades (os Infernos) e o Tártaro é a mesma que há entre o Céu e a Terra. É um dos princípios constitutivos do universo. A lenda mostra que é lá que as diferentes gerações divinas encerram sucessivamente os seus inimigos. Pouco a pouco, o Tártaro confundiu-se com os Infernos propriamente ditos, no sentido de "mundo subterrâneo", onde eram supliciados os grandes criminosos. Nesse sentido, o Tártaro opõe-se aos Campos Elísios, morada dos Bem-Aventurados.

22 **Erínias** = **Fúrias**: nasceram da Terra fecundada pelo sangue de Urano, quando o deus foi mutilado por Cronos. Eram forças misteriosas que não reconheciam a autoridade dos deuses olímpios. São análogas às Moiras (v. nota 2), que só obedecem às suas próprias leis, às quais até Zeus tem de se submeter. De início, o seu número é indeterminado; depois, vai-se tornando preciso, tal como os seus nomes: são geralmente três – Alecto, Tisífone e Megera. São representadas como gênios alados, cujos cabelos mesclam-se a serpentes cujas mãos empunham tochas ou chicotes. Protetoras da ordem social, castigam todos os crimes suscetíveis de perturbá-las, punindo também o excesso, a hybris, que tende a levar o homem a esquecer-se da sua condição de mortal. Exprimem a ideia fundamental do espírito grego, segundo a qual a ordem deve ser preservada contra as forças desintegradoras. Assim, uma de suas mais importantes funções era punir o homicídio, voluntário ou não. Castigavam especialmente os crimes contra a família, perseguindo suas vítimas e as torturando de todas as maneiras, até enlouquecê-las.



QUEM É O VERDADEIRO HÉRCULES?

Essa pergunta surgirá na mente de qualquer leitor que estude a ampla gama de textos que serviram de fonte para este livro, pois os mitos relacionados a Hércules, com o passar do tempo, alteraram-se e aditaram-se mais que qualquer outro capítulo da mitologia grega. O dano não foi ocasionado pelo maior ou menor número de adições feitas ao espírito original, mas pela adição, pautada por um motivo ulterior, de fatos estranhos à verdadeira figura do herói, os quais distorcem seu caráter e se revelam expressão – se é que expressam alguma coisa – de um tempo sem nenhuma relação com a idade heroica na qual os mitos eram muito respeitados. Portanto, pesquisando as fontes, encontramos afirmações das mais contraditórias sobre o filho de Alcmene, e é preciso fazer um exame cuidadoso para perceber, dentre elas, quais se afiguram efetivamente representativas.

A seleção que compõe este livro rejeitou todas as adições que distorcem intencionalmente os mitos originais. Não obstante, algumas conclusões úteis podem ser tiradas de seu estudo e, por essa única razão, elas são mencionadas aqui.

As adições distribuem-se em três categorias.

A primeira, e mais antiga, liga o nome do herói a numerosas mulheres, tornando-o pai de uma vasta prole. É certo que apresentar um herói sob esse ângulo não é algo incomum na mitologia grega, mas, no caso de Hércules, tais adições contrapõem-se à vida e aos feitos de um herói que buscava a expiação de seus pecados e cujas ações são repetidamente caracterizadas pela auto-renúncia. Elas deturpam o caráter moral do mito e desviam nossa compreensão de seus verdadeiros objetivos; mas, por outro lado, mostram que Hércules foi uma figura tão amplamente admirada que muitos quiseram reivindicá-lo como seu pai. Pois esse foi realmente o caso e vale a pena notar que todos os filhos extras atribuídos a ele eram varões. Isso nos permite supor que se tratou da exploração de um grande nome por numerosos dirigentes – e, naturalmente, quanto maior a exploração, maior deve ser o nome. Por mais curioso que possa parecer, se quisermos avaliar a popularidade de um deus ou de um herói na mitologia grega, devemos contar, entre outras coisas, o número de filhos que ele, segundo dizem, gerou no gênero humano; neste quesito, Hércules supera o próprio Zeus.

Não podemos nos esquecer de que, enquanto o amor dos homens pelos deuses tinha origem no medo, seu amor por Hércules decorria da admiração e, por isso, era de um valor ainda maior. Hércules é supostamente o pai de cerca de noventa filhos. Após a morte do herói, diz-se ter havido – e provavelmente houve – um longo período de guerras, chamado “a volta dos Heráclidas”, os filhos ou

descendentes de Hércules.

Por essa época, muitos reis da Grécia afirmavam ser filhos ou descendentes diretos do herói e, mais tarde, foram imitados por certos reis da Ásia Menor. Chegou-se a dizer que os colonizadores da Sardenha dele descendiam e, além disso, que vários líderes míticos como Cites,(23) Gálates(24) e Celto,(25) dos quais povos distantes tomaram os nomes, eram seus filhos também. Tudo isso demonstra o alcance da fama desse herói.

Mas os mitos de Hércules têm sofrido sobremaneira não nesta primeira categoria de adições, e sim nas outras duas: as que pintam o herói como um pervertido e as que procuram ridicularizá-lo e diminuí-lo – pois, com o passar do tempo, isso também ocorreu.

Estas variações, na minha opinião, não merecem sequer ser debatidas, uma vez que certos soberanos, com inclinações perversas, asseveram – obviamente numa tentativa de justificar a si mesmos – que o grande herói cedeu aos mesmos vícios praticados por eles. Ainda que tais práticas fossem frequentemente atribuídas aos próprios deuses, trata-se novamente de um caso de difamação. Deve ser ressaltado, no entanto, que todas essas distorções ocorreram em períodos posteriores ao mitológico, o que configura mais uma prova de que não fazem parte da genuína constituição da mitologia grega.

Mais estranhas ainda ao espírito da verdadeira mitologia são as adições feitas com a intenção de diminuir Hércules. Motivos ulteriores moveram os atenienses, por exemplo, que queriam fazer de seu próprio herói, Teseu, uma figura superior à de Hércules. Assim, este se tornou alvo de humilhações, séculos depois do período no qual se supõe ter ele vivido. Vários incidentes insultantes foram acrescidos à história de sua vida, contando, por exemplo, como Ônfale o vestiu com roupas de mulher ou como, feito um tolo, passou a vida lutando contra moinhos de vento, sem nenhuma inteligência ou perspicácia. Visto que, posteriormente, Atenas tornou-se o foco cultural de toda a Grécia, entende-se por que tais variações se propagaram e confundem aqueles que deixam, desavisadamente, de considerar-lhes o engenho .

É certo que a mitologia grega quase nunca descreve um deus ou um herói totalmente sem defeitos, o que constitui evidência de que os mitos se originam em acontecimentos reais. O mesmo vale quanto a Hércules, mas isso não lhe retira o mérito de nobre e justa figura, cuja vida foi sofrida e cujos feitos revelam quão arguto era. Ele ainda não tinha entrado na adolescência quando se defendeu diante da corte e assombrou os juízes pela clareza de seu raciocínio. Era ainda um rapaz, e armou os tebanos de modo criativo e vigoroso; líder inspirado,

comandou a guerra contra Orcômeno com toda a perícia de um general amadurecido. Hércules imprimiu em todas as suas ações a marca da desenvoltura e do raciocínio sábio.

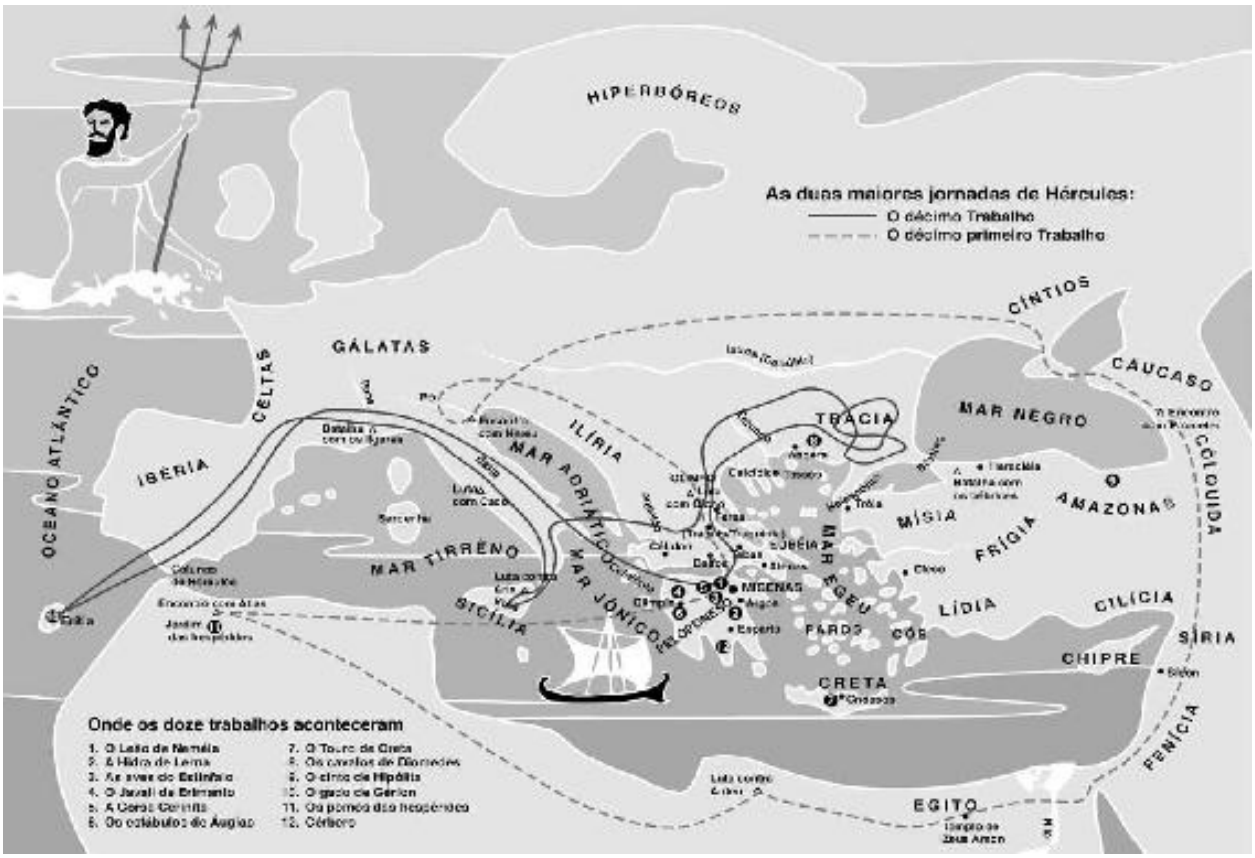
Em resumo, tinha imensa clareza de ideias, era justo, corajoso e, sem dúvida, se não tivesse essas qualidades em grau tão elevado, ninguém teria sentido a necessidade de diminuir sua estatura. Os dirigentes de Atenas não tentariam amenizar-lhe a força e a glória se o povo da cidade não o amasse mais que a seu próprio herói, Teseu.

Desse modo, os três tipos de adição, embora pareçam desmerecer a grandeza do herói, afinal testemunham um único fato: Hércules desfrutou de uma popularidade maior que a de qualquer outro deus ou mortal. Estudiosos do período mítico deveriam se perguntar seriamente por que, mesmo perseguido e explorado, conquistou tão alta estima. Para que o verdadeiro Hércules seja encontrado, creio que se deva abandonar teorias como as que nele veem a personificação do Sol ou um mito não grego; creio dever-se considerar seriamente a possibilidade de ter sido o mito a imagem glorificada de um herói que de fato viveu naqueles tempos e adquiriu fama por ter reduzido a pó o grande rei de Micenas, ou por ter derrotado e punido Ergino de Orcômeno, Áugias de Élis, Diomedes da Trácia, Laomedonte de Troia, Êurito de Ecália e outros reis mais, sem jamais ter ele próprio se tornado rei.

23 **Cites**: personagem mitológico, ancestral do povo Cita – de mesma raiz étnica do povo persa, ocupava regiões da Ásia Menor, a leste e a norte do mar Negro.

24 **Gálates**: personagem mitológico, ancestral do povo Gálata – que constituiu parte da antiga população da Gália central (a atual França).

25 **Celto**: personagem mitológico, ancestral do povo Celta – que ocupava parte da Península Ibérica; também das atuais Inglaterra e Irlanda.



Mapa (clique para ampliar)

Mitologia Helênica

por Antonio Medina Rodrigues

A história dos gregos, tal como a conhecemos hoje, iniciou-se no século VIII a.C. – precisamente nas primeiras olimpíadas (776 a.C.) – como atestam os velhos documentos de Oxford. Naquela época, chamada “arcaica”, descobrira-se o bronze (eram de bronze as armas e outros utensílios da e da , epopeias de Homero). Nada disso, por certo, brotara do nada, como parece. Outros povos tinham vivido e morrido em território “grego”. Esse foi o caso dos minoicos de Creta, cujo apogeu se dera em 1500 a.C. Foi também o caso dos micênicos, do Peloponeso (onde ficava Esparta), que tomaram Troia de assalto por volta do século XII a.C. Deu-se também por esse tempo a invasão dos dórios. Invasões não faltaram na Grécia.

Os marcos do começo grego (Homero, Olimpíadas, guerra troiana, lírica, reflexão pré-socrática, renascimento no Peloponeso, etc.) alertam-nos para uma cena maiúscula, que não pode haver nascido de uma aurora repentina (apesar do silencioso e desértico Período Geométrico, uma espécie de “Idade Média”, que se estendeu por uns quatro séculos para aquém daquela data...). Foi certamente a tradição oral que preencheu esses vazios, entre as várias Grécias superpostas, e nos apontou certa unidade religiosa e cultural. Toda a mitologia helênica teve, afinal, uma origem pré-helênica.

Essa mitologia não é como um álbum, mas como uma constelação. Pois não houve entre os mitos uma série histórica, e sim uma ampla arquitetura, de cores e formas levadas a seu máximo expressivo. Por certo, os mitos vêm de lugares e tempos diversos. Mas, quando agrupados numa ordem nova, apagam-se suas origens. Quem será mais antigo: Aquiles ou Prometeu? A essência dessa mitologia esteve em sua não redução ao linear, ao antes ou ao depois. Os mitos não cabem numa fila, pois não se sabe qual deles chegou primeiro. Estão aí, a nossa frente, como afirmava Wilamowitz.

Homero e Hesíodo tinham dado à Grécia suas narrativas. Ambos deram ao povo grego sua enciclopédia inaugural. Dos mitos é que foram surgindo os outros gêneros, que depois se tornariam profanos: desde seus albores os mitos manifestaram inclinação cotidiana, prática, integrativa. Assim nasceu a filosofia, vista anteriormente como filomitia. As artes plásticas, a arquitetura, a poesia ou a ciência também vinham dos deuses, eram o seu desdobramento prolongado. Os deuses não eram abstrações ou programas . Eram relações da vida consigo mesma. E como a vida tem extrema variedade, os divinos a manifestaram por

meio de um prismatismo alucinante.

A tradição alimentou ideais que os gregos tinham posto ante si mesmos, como o da beleza clássica, por exemplo. Por isso é que os gregos ficaram. Nem terminou ainda o que eles propuseram. Na verdade, encaminharam problemas, e assim abriram sua via para nós. Na , como na , os divinos intervêm na vida, pois se entregam a ela, tal como se entregam os homens. Hesíodo dirá para seu irmão que a realidade tem fundamento moral, e toda moral se afirma no trabalho (como queria Zeus). A experiência grega aproveitou o que pôde. Sua intriga com o mundo não visava ao que é futuro – o futuro é que visou a ela. Os gregos não foram nacionalistas, nem messiânicos, nem sacerdotais. Foram crianças que realizaram o que sonharam. Resta-nos saber o que ainda não realizamos. Este volume é um desdobramento daqueles mitos. Aprendamos com ele.

Hércules

por Antonio Medina Rodrigues

Com a palavra (gen.:) os gregos apontavam certa noção decisiva em sua cultura, a ideia de “limite”, “fim”, “extremidade”. Tal como na história de Aquiles e da tartaruga, o se punha além de uma “partida” e além de uma “chegada”. Não era só um lugar, uma fronteira, era a derradeira imagem de um espaço concreto, e o primeiro dos conceitos espaciais. Hércules foi um herói dessa mitologia do horizonte, cheia de estranhamentos e desafios. Como aquela Alice (do país das maravilhas), ou bem mais que ela, Hércules passou pelos espaços rijos e pelos espaços transparentes. Nesta, como noutras situações-limite, a resposta grega era a da ação continuada. Com a diferença de que os limites aí continham figuras poderosas, e horrendas, da periferia civilizacional, e contra as quais era preciso usar de força imensa, maior que a do rio Oceano, que andava a circundar o mundo. A força de Hércules é a primeira que se apropria da força do mundo ou, antes, dialoga com ela. O socratismo se acercou dessa força e a celebrou como instrumento e como técnica. Mas foram os sofistas os que primeiro entenderam o princípio interior e humano das energias de Hércules.

Sobre o autor

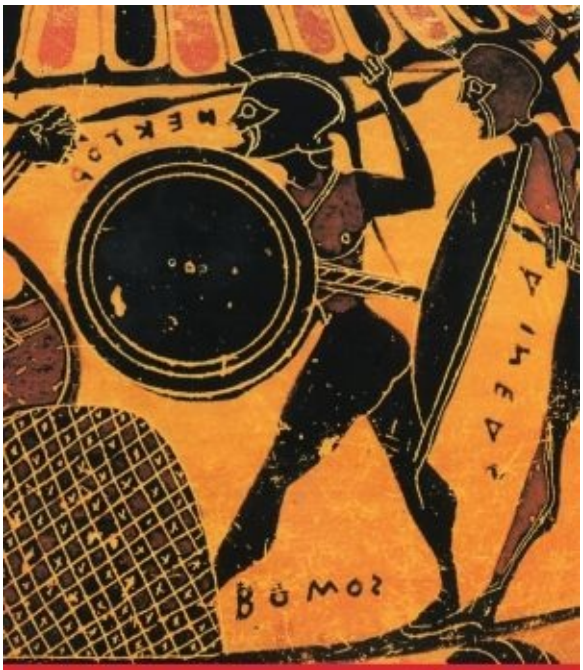
Menelaos Stephanides, grego, nasceu em 1923 em Istambul, na Turquia. Como milhares de outros gregos foi exilado com sua família e estabeleceu-se em Atenas, na Grécia. Estudou economia na Universidade Nacional em Atenas. Sua paixão pela mitologia gtrga o levou a dedicar-se, durante os vinte cinco anos seguintes, ao estudo dos mitos e em recontá-los para as jovens gerações. Em 1976 seus livros foram homolgados pelo Ministério da Educação Grego para as escolas públicas. Em 1989 recebeu, pelo conjunto de sua obra, a menção Pier Paolo Vergerio para literatura infantil em Padowa, Itália. Seus trabaçhos têm sido traduzidos e publicados em vários idiomas.

Coleção Mitologia Helênica

1. Hércules
2. Prometeu, os Homens e outros Mitos
3. Jasão e os Argonautas
4. Teseu, Perseu e Outros Mitos
5. Ilíada: A Guerra de Troia
6. A Odisseia
7. Édipo
8. Os Deuses do Olimpo

Odysseus Editora Ltda.

www.odysseus.com.br



ILÍADA: A GUERRA DE TROIA

menelaos stephanides

traduzido por Luiz Alberto Machado Cabral

ODYSSEUS

Ilíada: a guerra de Troia

Menelaos, Stephanides

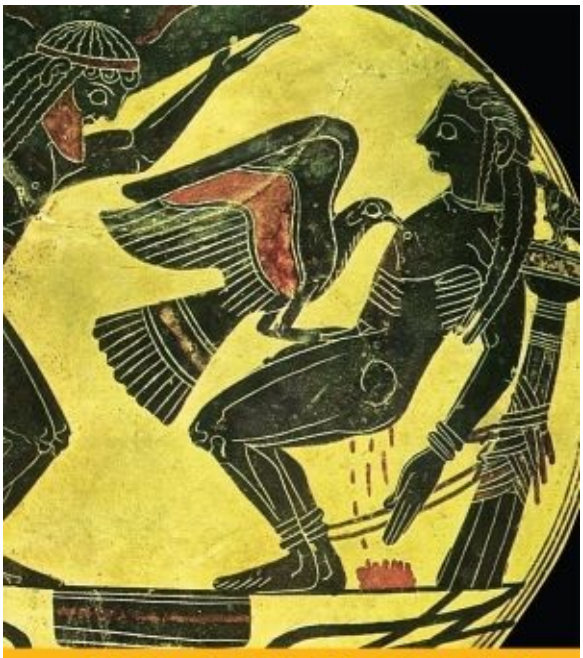
9788578760557

200 páginas

Compre agora e leia

Recontada por Menelaos Stephanides "A guerra de Troia" foi a mais terrível daqueles tempos
antigos. Durou mais de dez anos, contou com a intervenção dos deuses olímpicos e com a participação de heróis
lendários como Odisseu, Agamêmnon, Aquiles, Heitor, entre outros. Essa guerra, cheia de sofrimento e beleza, que
começa pelo rapto de uma linda mulher, é o cenário da Ilíada de Homero, um clássico da literatura universal.

Compre agora e leia



PROMETEU, OS HOMENS E OUTROS MITOS

menelaos stephanides

traduzido por Marylene Pinto Michael

ODYSSEUS

Prometeu, os homens e outros mitos

Menelaos, Stephanides

9788578760496

200 páginas

Compre agora e leia

Quando o titã Prometeu leva o fogo aos homens, desagrada profundamente a Zeus, senhor dos deuses e dos homens.
Inicia-se então a história de seus terríveis sofrimentos: o titã seria amarrado às encostas do Cáucaso e teria o
fígado devorado diariamente por uma ave de rapina.
Nesse volume temos, além da saga de Prometeu, o nascimento e a história de Dioníso; o amor de Orfeu e Eurídice; entre
outras histórias.

Compre agora e leia



A ODISSEIA

menelaos stephanides

traduzido por Janaina R. M. Potzmann

ODYSSEUS

A Odisseia

Menelaos, Stephanides

9788578760519

200 páginas

Compre agora e leia

A Odisseia, de Homero, é uma obra clássica de valor incomensurável. Juntamente com a Ilíada, ela marca o início da literatura ocidental, pois está entre os textos mais
antigos de que se tem conhecimento.

Compre agora e leia



ÉDIPO

menelaos stephanides

traduzido por Janaina R. M. Potzmann

ODYSSEUS

Édipo

Menelaos, Stephanides

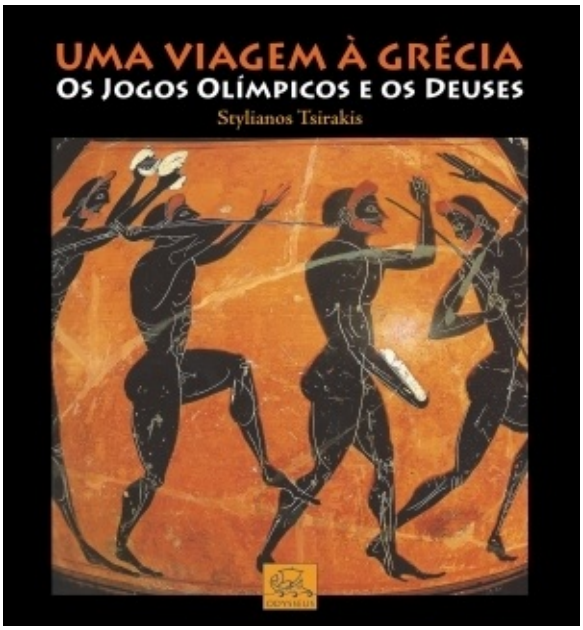
9788578760526

200 páginas

Compre agora e leia

Nesse volume, a história de Édipo é recontada a partir da adaptação de várias tragédias clássicas gregas. O mito de Édipo que foi reinterpretado por Sigmund Freud e formou um dos pilares de sua obra, fala-nos da inescapável condição humana. O conhecimento dessa história é de extrema importância, pois torna possível uma reflexão profunda sobre nossa existência.

Compre agora e leia


UMA VIAGEM À GRÉCIA
Os Jogos Olímpicos e os Deuses
Stylianos Tsirakis

Uma viagem à Grécia

Tsirakis, Stylianos

9788578760564

200 páginas

Compre agora e leia

Um grupo de estudantes viaja à Grécia para pesquisar sobre a origem dos Jogos Olímpicos na Antiguidade. Em suas andanças pelos museus e sítios arqueológicos, descobrem que a prática esportiva na Grécia antiga, um dos pilares da formação do homem grego, era o caminho que ligava o jovem aos heróis e deuses.

Compre agora e leia